4. Crescimento da religião de espectadores que contribui para o afastamento de igrejas com problemas de liderança
5. Alta porcentagem de igrejas que não ministram.

A falta de liderança parece uma praga da sociedade moderna. Bennis, grande autoridade em liderança secular, classifica o mundo de hoje da seguinte maneira: "Para onde foram todos os líderes? Os líderes que permanecem são cabeças de corporações em dificuldades, presidentes de universidades, prefeitos, governadores. Os líderes de hoje às vezes parecem espécies ameaçadas, tragados pelas ondas dos acontecimentos e circunstâncias, fora do controle racional".[2] Liderança eficaz é a necessidade do momento, e, para a igreja que recebeu o mandato de evangelizar o mundo, é uma exigência indispensável — aliás, uma necessidade urgente.

O pastor é a pessoa chamada para prover a liderança final na igreja, não importando o sistema administrativo dela. O sucesso da igreja depende em grande parte de sua capacidade de liderança. Este capítulo tem como propósito ajudar o pastor em sua liderança do rebanho de Deus, esboçando perspectivas bíblicas acerca da liderança pastoral e as principais preocupações envolvidas nessa liderança, ou seja: visão, compromisso, delegação e motivação.

Definição e Liderança

Antes de considerar as perspectivas bíblicas, vamos tentar definir liderança. A variedade de definições de liderança proposta torna um tanto difícil a tarefa. "Liderança", diz uma, "é o processo de motivar as pessoas".[3] Outra afirma: "Liderança é o que move as pessoas e as organizações para que cumpram seus alvos".[4] George dá ênfase ao efeito dos líderes nos outros: "Ao dar crescente prioridade ao ato de *liderar os outros* rumo ao ministério, o pastor aumenta o potencial de crescimento da igreja, porque a igreja inteira torna-se capaz de trabalhar no ministério".[5]

O mundo secular define liderança em termos que podem ajudar os pastores a compreender sua função de liderança. "O objetivo principal da liderança é

2. Warren Bennis, *On Becoming a Leader* (Menlo Park, Calif,. Addson-Wesley, 1989), 14.
3. Harold Myra, ed., *Leaders* (Waco: Word, 1987), 158.
4. Harris W. Lee, *Effective Church Leadership* (Minneapolis: Augsburg, Fortress, 1989), 27.
5. Carl F. George e Robert E. Logan, *Leading and Managing Your Church* (Old Tappan, N.J., 1987), 15.

a criação de uma comunidade humana aglutinada por um elo de trabalho para um propósito comum", de acordo com Bennis.[6] Burns afirma:

> Defino liderança como líderes induzindo seguidores a agir em direção a certos alvos que representam o valor e as motivações — os anseios e necessidades, as aspirações e aplicações — tanto dos líderes como dos seguidores. E o segredo da liderança consiste na maneira pela qual os líderes vêem e desenvolvem os valores e as motivações deles mesmos e dos seguidores.[7]

Para o líder cristão, entretanto, oferecemos duas definições que consideramos mais acertadas. A primeira é de Means:

> Liderança espiritual é o desenvolvimento de relacionamentos com as pessoas de uma instituição ou de um corpo cristão, de tal maneira que os indivíduos e o grupo sejam capazes de formular e atingir alvos que sejam compatíveis com a Bíblia e que preencham suas verdadeiras necessidades. Por sua influência ética, os líderes espirituais servem para motivar e capacitar os outros para que alcancem o que, de outra forma, talvez não fosse alcançado.[8]

A definição igualmente concisa e excelente de Gangel descreve liderança como "o exercício dos dons espirituais sob o chamado de Deus, para servir determinado grupo de pessoas, para que este atinja os alvos que Deus lhe deu, com o fim de que glorifique a Cristo".[9] Assim, "o pastor, administrador ou executivo, portanto, trabalha com pessoas e por meio delas, para fazer as coisas acontecerem. Ele assume a devida liderança para perseguir cada objetivo a fim de que Deus possa ser glorificado".[10]

Todas essas definições de liderança têm uma coisa em comum: o líder é o que dirige os outros para que se atinja um alvo comum. Se ninguém o segue, obviamente ele não é líder, não importam os títulos e os diplomas que venham antes ou depois de seu nome. Ou já se disse: "Uma igreja pode chamá-lo para

6. Bennis, *Becoming a Leader,* 163.

7. Lee, *Church Leadership*, 153.

8. Means, *Leadership in Christian Ministry*, 59.

9. Kenneth O. Gangel, *Feeding and Leading* (Wheaton: Victor, 1989), 31.

10. Charles V. Wagner, *The Pastor: His Life and Work* (Shaumburg, Ill.: Regular Baptist Press, 1976), 137.

ser pastor, porque *pastor* é um título. O chamado não faz de você um líder. *Líder* não é um título, é uma função. Você só se torna líder quando age como tal".[11]

A Perspectiva Bíblica de Liderança

Liderança é bíblica. A idéia de alguém liderando outros está fundamentada nas Escrituras. Assumir o papel de líder na igreja de Deus e esperar que os outros sigam seu exemplo não é egoísmo, autoritarismo, condescendência nem pecado. Temos certeza disso porque as Escrituras deitam as bases e os princípios da liderança cristã.

A Base Bíblica

Nessa área de liderança, alguns podem questionar se alguém deve ao menos pensar que possa ter o direito de dizer aos outros o que fazer. Mas toda a Escritura é muito clara acerca desse chamado para a liderança.

1. Toda a história do envolvimento de Deus com seu povo é, na realidade, o envolvimento de Deus com certa pessoa que ele usou para cumprir sua vontade. Deus sempre atuou por meio de uma pessoa que liderava o povo na execução da sua vontade. Fosse Abraão em Ur e depois em Canaã, José no Egito, Jacó, Moisés no deserto, Josué nas conquistas, os juízes no período intermediário, os reis, ou mesmo os profetas e os apóstolos, Deus os dirigiu por meio da liderança humana. Quando Deus se propõe a cumprir um objetivo, Ele procura uma pessoa que, por sua vez, torna-se um líder para seu povo. Não é de surpreender que Deus mantenha essa prática na Igreja cristã.

2. O Novo Testamento expressa em termos claros que Deus tinha uma liderança designada para sua Igreja. Os apóstolos foram os primeiros líderes designados por Cristo e ordenados com autoridade para dirigir e fazer julgamento entre as pessoas (Mt 10.1-42; 18.18-20), bem como para servir como o próprio fundamento de sua bendita Igreja (Ef 2.20).

No estabelecimento da igreja, o ofício do presbítero e do diácono evidenciava uma liderança espiritual para guiar as congregações. O presbiterato, por sua própria natureza, é liderança. *Presbítero* implica idade e experiência — ingredientes essenciais para os que são destacados para liderar congregações (At

11. Fred Smith, *Learning to Lead* (Waco: Word, 1986), 22.

14.23; 20.17; Tt 1.5). O presbítero também era "supervisor", pessoa incumbida de cuidar da congregação (Fp 1.1; 1 Tm 3.1; Tt 1.5-6).

Atos 20 é chave na compreensão da qualidade de direção dos líderes do Novo Testamento. Atos 20 chama os receptores das palavras de Paulo de "anciãos da igreja" (v. 17). Depois os identifica como "bispos" e lhes diz que devem olhar por si mesmos e "por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os constituiu bispos" (At 20.28). Depois, a tarefa deles é apascentar a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue (v. 28). Os anciãos efésios ilustram, desse modo, as funções do pastor: guardar, liderar e alimentar o rebanho.

A Bíblia também emprega termos específicos para identificar a existência de líderes na igreja. A liderança é alistada entre os dons concedidos à igreja: "... o que preside, [faça-o] com cuidado" (Rm 12.8);[12] "*governos*" (1 Co 12.28).[13] A liderança é alistada entre as qualidades exigidas dos presbíteros nas igrejas: "Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?" (1 Tm 3.5).[14] Em outras palavras, se você não consegue liderar a própria família, como espera liderar a igreja inteira?

3. Certas responsabilidades atribuídas a indivíduos no Novo Testamento indicam que esses homens deviam exercer liderança na igreja. Considere o conselho de Paulo a Timóteo e a Tito acerca do tratamento dispensado aos presbíteros (2 Tm 5.17-25; Tt 1.5-9). Pedro também apresenta uma exortação extensa e clara aos presbíteros (1 Pe 5.1-5). Aqui, as referências à liderança são conclusivas.

4. A igreja recebeu exortações especiais com respeito ao tratamento dispensado aos líderes da igreja. A igreja deve sujeitar-se a homens como tais (1 Co 16.16) e reconhecê-los (1 Co 16.18). Paulo disse aos tessalonicenses: "Reconheçais os que trabalham entre vós, e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; e que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra" (1 Ts 5.12-13). O autor de Hebreus fala aos crentes: "Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles; porque

12. A palavra é προϊστάμενος (proistamenos), que vem de προΐστημι (proistemi, "presido, dirijo, governo"). G. Abbott-Smith, *A Manual Greek Lexicon of the New Testament* (Edinburg: T. and T. Clark, 1973), 381.

13. A palavra é κυβερνήσεις (kyberneseis) que vem de κυβέρνησις (kybernesis, "guiar, pilotar", e metaforicamente "governo"). Ibid., 260.

14. A palavra é ἐπιμελήσεται (epimelesetai) de ἐιμελέομαι (epimeleomai, "cuido"). Ibid., 171-72.

velam por vossa alma, como aqueles que hão de dar conta delas" (Hb 13.17). Ele também instrui: "Saudai todos os vossos chefes" (Hb 13.24). Aliás, os leitores deviam ter em mente que os seus líderes lhes haviam falado a palavra de Deus (Hb 13.7).[15] "É evidente que os líderes ficavam acima da igreja e que ela ficava sob autoridade. Ninguém tinha o direito de desconsiderar ou desrespeitar os líderes espirituais".[16]

Tanto os pastores como os membros devem perceber que Deus prescreve liderança para sua igreja, e ambos devem ter o cuidado de cumprir suas tarefas com diligência. O pastor deve liderar e deve fazê-lo de modo eficaz e bíblico; os membros devem respeitar os que receberam a incumbência de supervisionar sua alma, obedecê-los e sustentá-los em oração. Existe, portanto, uma base bíblica para tal relacionamento, conforme resume muito bem Lee:

> A liderança eclesiástica está arraigada no que cremos acerca de Deus e da Igreja, o corpo do Filho, Jesus Cristo. A igreja pode ter muito em comum com organizações de vários tipos e pode operar de maneiras semelhantes, mas suas crenças acerca da liderança estão profundamente arraigadas na fé. Na igreja, cremos que a liderança é um dos dons de Deus dados para o bem da vida da igreja e das missões. Cremos também que a liderança é um chamado de Deus e um ministério pelo qual servimos a Deus.[17]

Princípios Bíblicos de Liderança

Vale uma breve palavra para reiterar a importância de os líderes compreenderem os princípios bíblicos que Deus lhes deu. O ministério cristão tem sofrido muito com a violação desses princípios. Aliás, a reputação ministerial tem estado sempre em baixa nesta última década do século XX, só porque alguns pastores rejeitaram os padrões de Deus, prejudicando e manchando o bom nome dos que também recebem o título de pastor.

Nem toda má vontade expressa contra os líderes cristãos é provocada pela própria liderança. O desprezo pelos líderes também brota da atitude contemporânea de rejeitar a autoridade, do nível cultural cada vez mais alto do povo, da publicidade, da secularização da igreja, da falta de cuidado pastoral e dos

---

15. A palavra em Hb 13.7, 17, 24 vem de ἡγέομαι (hegeomai, "lidero, guio, sigo à frente", portanto, "dirigente, líder"). Ibid., 198.

16. Means, Leadership in Christian Ministry, 96.

17. Lee, *Church Leadership*, 25.

ataques humanistas contra a religião.[18] Mas os líderes cristãos merecem alguma parte da crítica. Assim, suas ações devem estar de acordo com princípios bíblicos para resolver o problema.

O pastor é um líder espiritual, um homem de Deus que recebeu um mandato e tem a incumbência de incorporar em sua pessoa os ideais da fé que proclama. Ele deve praticar o que prega. Numa era de pragmatismo no mundo secular, onde os fins justificam os meios, existe a tentação de prostituir o caráter cristão em favor do sucesso. E mais, numa cultura que aclama cada vez mais o sucesso a qualquer custo e renega as virtudes como alvos valiosos, os líderes podem perseguir, sem perceber, os holofotes do sucesso e perder a alegria de servir a Cristo. Means relembra que "Deus mede as realizações em termos de integridade, fidelidade, devoção e justiça, qualidades que nem sempre produzem estatísticas impressionantes".[19] Paulo mesmo, um fracasso de acordo com os padrões de hoje, dá o verdadeiro teste do ministério bem-sucedido: "Requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel" (1 Co 4.2).

O Novo Testamento diz ao líder cristão que tipo de homem ele deve ser (1 Tm 3.1-7; Tt 1.5-8). Para ser líder, a pessoa precisa estar consciente de que deve estar *à altura* desses padrões como uma qualificação para *entrar* no ofício de pastor e, depois, deve *manter* essas qualidades em sua vida para poder *permanecer* no ministério pastoral. (Veja no capítulo 5, "O Caráter do Pastor", explicações complementares e aplicações desses padrões.) O mesmo se aplica ao ofício de diácono (At 6.1-7; 1 Tm 3.8-13).

As Escrituras também dizem ao líder como ele deve executar suas tarefas pastorais (At 20.17-35; 2 Tm 4.1-5; 1 Pe 5.1-4). A liderança pastoral é guardar e pastorear o rebanho de Deus, o que inclui tudo que seja necessário para levar a igreja à maturidade. Pedro faz um belo retrato de como supervisionar, em sua primeira epístola, dizendo como cumprir a responsabilidade que ele mesmo recebeu do Pastor chefe (1 Pe 5.1-4; cf. Jo 21.15-22). Os pastores têm seu trabalho claramente definido para que não se confundam quanto ao que devem fazer ou como devem executar o trabalho.

O pastor, portanto, é *líder espiritual* por vocação. Essa escolha vem de Deus. Sua tarefa é a supervisão espiritual de um corpo de crentes dirigidos pelo

18. Means, Leadership in Christian Ministry, 37-40. Veja também Michael Medved, Hollywood vs, America (New York: HarperCollins, 1992), 37-70.

19. James E. Means, *Effective Pastors for a New Century* (Grand Rapids: Baker, 1993), 123.

Espírito (1 Pe 5.3; cf. 2.5-10). Suas qualificações para manter o ofício são espirituais (1 Tm 3.1-8). Seus métodos para ministrar são espirituais (At 6.4; 2 Co 10.4; 2 Tm 4.1-4). Sua responsabilidade (Hb 13.17) e galardões são espirituais (2 Tm 4.8; 1 Pe 5.4). Embora possamos aprender muito estudando as práticas de liderança do mundo, precisamos sempre ter em mente que "a liderança na igreja é diferente da liderança no mundo".[20]

A advertência apresentada pelo mentor de líderes espirituais J. Oswald Sanders é importante: "A escolha de homens para ofícios na igreja, ou para qualquer um de seus auxiliares, sem referência às qualificações espirituais, resultam necessariamente em administração não-espiritual... A designação de homens com visão secular ou materialista impede que o Espírito Santo cumpra seu programa para a igreja no mundo".[21] Deus usa líderes para cumprir propósitos espirituais. Ele não viola esse axioma.

Como líder espiritual, o pastor torna-se, então, *um líder servo*. Eis o grande paradoxo da liderança cristã: ele lidera no serviço e pelo serviço. Sua grandeza repousa em sua condição de servo de todos. O Senhor Jesus introduziu e exemplificou esse conceito de liderança ao dizer:

> Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, que seja vosso serviçal; e qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo, bem como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos (Mt 20.25-28).

Nosso Senhor também disse: "O maior dentre vós será vosso servo" (Mt 23.11).

O Senhor Jesus foi modelo de líder servo. Cada aspecto de sua vida e ministério ilustrava o tipo de líder espiritual que ele desejava que seus discípulos fossem. Na Última Ceia, ele dramatizou o que entendia por liderança servil. Ali, ele se humilhou e lavou os pés dos discípulos e depois concluiu a lição com estas palavras: "Entendeis o que vos tenho feito? Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros" (Jo 13.12-15).

---

20. Gangel, *Feeding and Leading*, 35.

21. J. Oswald Sanders, *Spiritual Leadership* (Chicago: Moody, 1980), 113-14.

A liderança, conforme entendida pelo mundo e até praticada em algumas igrejas e organizações cristãs, corre no sentido contrário ao princípio de liderança ordenado pelo Senhor. Gangel assevera que a liderança servil, uma atitude que deve reger as funções administrativas, "choca-se diretamente com o pensamento do mundo".[22]

Quando as pessoas pensam em *liderança*, elas a entendem como um sinônimo de *senhorio*. A liderança bíblica é exatamente o oposto disso. Considere esta afirmação contundente:

> Os líderes das igrejas nunca devem achar que sua posição é de senhorio, mas de serviço. Os líderes não são selecionados para exercer domínio sobre o corpo de crentes, mas para que eles possam ser dirigidos em assuntos espirituais por indivíduos qualificados, piedosos, sob o senhorio de Cristo. Assim, embora interpretemos as palavras governar, dirigir, obedecer e submeter, elas não podem ser interpretadas de modo a dar aos líderes o tipo de autoridade que possuíam os dirigentes dos gentios ou que os oficiais exercem no mundo secular.[23]

Dois esclarecimentos são aqui necessários. O primeiro é que a liderança servil não é escravidão a cada capricho dentro da igreja. Precisamos manter em mente que "o líder cristão é fundamentalmente um servo de Deus, não um servo das ovelhas".[24] Seu acerto de contas final é com Deus. Assim, ele faz o que Deus lhe ordena que faça às ovelhas e, obviamente, apenas o que de fato seja bom para as ovelhas. Um líder servo não é o menino de recados da igreja.

O outro esclarecimento é que a liderança servil é bem-sucedida. A idéia de que tal concepção de liderança pastoral enfraquece a autoridade e a credibilidade é errada. Rush concorda: "Muitos líderes abrigam a idéia errada de que, se servirem, seus seguidores serão considerados fracos e inadequados para liderar... Líderes servos são *mais* eficientes que líderes tradicionais".[25] Até os líderes seculares estão descobrindo a importância e eficácia dessa concepção.[26]

A qualidade indispensável de qualquer líder cristão é que seja *espiritual* ou cheio do Espírito. Uma vez que o Espírito Santo é o autor e o poder na igreja,

---

22. Gangel, *Feeidng and Leading*, 50.

23. Means, *Leadership in Christian Ministry*, 97.

24. Smith, *Learning do Lead*, 24.

25. Myron Rush, *The New Leader* (Wheaton: Victor, 1987), 85.

26. Veja Stephen R. Covey, *Principle-centeder Leadership* (New York: Summit, 1990), 34.

é bem lógico e natural que, para ser um líder eficaz da igreja do Espírito, a pessoa deva estar cheia desse mesmo Espírito e seja por ele dirigida. Sanders escreve:

> Ser cheio do Espírito, portanto, é ser controlado pelo Espírito. O intelecto, as emoções e a vontade, bem como os poderes físicos, tudo fica à disposição dEle para que se cumpram os propósitos de Deus. Sob seu controle, os dons naturais de liderança são santificados e elevados ao seu poder máximo. O Espírito, sem impedimento nem restrições, é capaz de produzir o fruto do Espírito na vida do líder, com maior encanto e atração em seu serviço e com o poder em seu testemunho de Cristo. Todo serviço verdadeiro não passa do fluxo do Espírito Santo através de vidas submissas e repletas (Jo 7.37-39).[27]

Os líderes cristãos devem considerar essa declaração antes de tentar encontrar algum segredo ou novo ingrediente para um ministério mais eficaz. Se não estiver soprando uma brisa celestial, por maior que sejam as velas, o barco não irá a lugar algum!

Requisitos Práticos para a Liderança

Quase todas as obras notáveis acerca da liderança contêm listas de características essenciais para um serviço eficaz. Em estudos e pesquisas sobre líderes eficazes, entretanto, algumas se destacam por serem mais essenciais. As sete características abaixo parecem caracterizar os bons líderes.

1. O bom líder cuida de si. O autocontrole é o que todo líder aspirante precisa alcançar. O Senhor Jesus o exigiu de todos os discípulos; eles não podiam ajudar os outros antes de obterem vitória em sua própria vida. Ele também acusou os líderes judeus de não estarem aptos para a liderança, chamando-os de "guias cegos" (Mt 15.14; 23.16,24). Se a pessoa se propõe a fazer o que deve, biblicamente, e se disciplina para atingir esses alvos e anseios, logo verá que ultrapassou em muito o alvo, e até obteve alguns extras ao tentar alcançá-lo. Bennis o expressa da seguinte maneira: "Nenhum líder se propõe a ser líder. As pessoas se propõem a viver a vida, expressando-se plenamente. Quando essa

27. Sanders, *Spiritual Leadership*, 117-18.

expressão possui valor, elas se tornam líderes".[28] Obviamente, isso é uma expressão de autocontrole e disciplina em perseguir as prioridades da vida. Considere estar linhas:

> Se você quiser
> controlar alguém,
> controle-se a si mesmo.
> Controle-se bem controlado
> e estará apto para deixar de controlar
> e começar a liderar.[29]

O líder, portanto, deve ser alguém que tenha a vida sob controle, o que inclui seus hábitos pessoais e atividades. O líder é autocontrolado; ele é o seu próprio chefe. Ele sabe como administrar seu próprio tempo, dinheiro, energias e até desejos.

2. O bom líder sabe como tomar boas decisões. "Os líderes são tomadores de decisões".[30] Os problemas acabam nele, significando que, em geral, é ele que precisa tomar a decisão que afeta o andamento da organização. Tomar decisões é uma tarefa difícil e solitária. A habilidade de tomar decisões rápidas e sensatas separa os líderes dos seguidores. "Coletados todos os fatos", afirma Sanders, "a decisão rápida e clara é a marca de um verdadeiro líder".[31] O líder passa a maior parte do tempo lidando com problemas, resolvendo problemas.[32] Assim, todos os líderes têm uma coisa em comum: "São continuamente requisitados a tomar decisões que afetam os outros e a si mesmos".[33]

Tomar decisões é encargo dos líderes, e a indecisão ou decisões infelizes podem tornar-se sua perdição. A incapacidade de tomar decisões é uma das principais causas do fracasso dos administradores, e "essa síndrome de incapacidade de tomar decisões é a causa muito mais comum do fracasso administra-

28. Bennis, *Becoming a Leader*, 111.
29. Calvin Miller, *Leadership* (Colorado Springs: Navpress, 1987), 23.
30. Ibid., 50.
31. Sanders, *Spiritual Leadership*, 83.
32. Myron Rush, *Management*: A Biblical Approach (Wheaton: Victor, 1983), 112.
33. Ibid., 98.

tivo que a falta de conhecimento específico ou de *know-how* técnico".[34] Os líderes precisam ruminar estas palavras:

> O adiamento e a vacilação são fatais para a liderança. É melhor uma decisão sincera e falha, que nenhuma decisão. Aliás, esta é na realidade uma decisão, e, muitas vezes, uma decisão errada. É a decisão de que o *status quo* é aceitável. Na maior parte das decisões, o problema principal não é tanto saber o que fazer, mas estar disposto a arcar com as conseqüências.[35]

Então, como os líderes podem aprender a tomar decisões? Tomando decisões, mesmo que ruins. Rush apresenta cinco passos para tomar decisões eficientes:

Passo um:	Diagnostique corretamente a questão ou problema.
Passo dois:	Colete e analise os fatos.
Passo três:	Desenvolva alternativas.
Passo quatro:	Avalie as alternativas, os prós e os contras.
Passo cinco:	Escolha entre as alternativas positivas.[36]

3. O bom líder é eficiente na comunicação. Capacidade de comunicação de idéias, conceitos e estratégias para a organização é essencial para a liderança. O Senhor Jesus demonstrou sua capacidade de comunicação pela literatura que inspirou,pela Igreja que criou e pela morte que sofreu. Seus inimigos também compreenderam bem a mensagem de seu senhorio.

Se não somos capazes de comunicar, não podemos liderar. Até homens maus levantam-se como líderes de grandes movimentos, por causa de suas habilidades excepcionais de articular suas crenças e comunicá-las, apaixonadamente, aos seus seguidores — Hitler e Marx são excelentes exemplos.

Um pastor eficiente é mais que um teólogo. Ele também deve ser um pregador eficaz, um comunicador da mensagem divina. Nunca houve um líder com número respeitável de seguidores que não se comunicasse com eficiência.

---

34. Ted W. Engstrom e Robert C. Larson, *Seizing the Torch* (Ventura, Calif.: Regal, 1988), 140.

35. Sanders, *Spiritual Leadership*, 88.

36. Rush, *Management*, 102-6.

Cada uma das megaigrejas de hoje possui um grande comunicador como líder. Aliás, em nossa era da comunicação, a articulação e a comunicação são necessárias para a sobrevivência de qualquer organização.

O simples fato de uma pessoa falar ou escrever não significa que ela comunica. Comunicação é "o processo a que nos submetemos para transmitir um entendimento de uma pessoa, ou grupo, a outra".[37] A chave para ser um bom comunicador é, acima de tudo, compreender as pessoas. Depois, é preciso conhecer plenamente o assunto. Então, é preciso captar ou criar o clima correto e, por fim, é preciso ouvir a reação para saber se há compreensão.

O pastor ou pregador deve sempre estar à procura de meios para aumentar sua habilidade na comunicação. A mensagem nunca muda, mas o auditório sim, e também o mensageiro. É conveniente que os pastores mantenham afiadas suas habilidades e, para a maioria deles, a habilidade na pregação só amadurece plenamente muito depois de sua formatura no seminário. Infelizmente, alguns pregadores param de desenvolver suas capacidades na pregação. Trata-se de uma habilidade profissional que *precisamos* dominar a todo custo.[38]

4. O bom líder é o que administra seu estilo de liderança. Os líderes são singulares. Eles são diferentes em personalidade e diferentes no modo de liderar as pessoas. É por isso que se costuma dizer que os líderes não se fazem, eles nascem feitos. Cursos e seminários de liderança não produzem líderes. A vida e suas experiências, mescladas a uma personalidade distinta e à unção de Deus, produzem um líder cristão.

É impossível discutir os vários estilos de liderança aqui, mas algumas outras obras os discutem.[39] Em relação ao estilo, precisamos manter em mente as seguintes observações:

1. Conheça, pelo menos superficialmente, os vários estilos de liderança e saiba o que melhor se adapta à sua personalidade e às circunstâncias que exigem o exercício de liderança.

37. Ibid., 115.

38. Como instrumento para desenvolvimento na comunicação da Palavra de Deus, recomendo ao leitor John MacArthur, Jr. et al., *Rediscovering Expository Preaching* (Dallas: Word, 1992).

39. Veja os estilos de liderança em Gangel, *Feeding and Leading*, 48-61; Rush, Management, 217-32; Ted Engstrom, *The Making of a Christian Leader* (Grand Rapids: Zondervan, 1976), 67-94.

2. Compreenda as circunstâncias que podem exigir um estilo de liderança a que você *não* está acostumado, mas que deve ser empregado para benefício da organização.[40]
3. Apegue-se ao seu estilo particular de liderança e seja coerente com ele.

Ouça o que diz um líder: "Uma vez que há várias maneiras de liderar, é importante fazer uma seleção muito clara... Os seguidores têm uma capacidade assombrosa de se acomodar aos estilos de liderança... Se você selecionar seu estilo, desenvolvê-lo e permanecer coerente, pode usar quase qualquer método que quiser".[41]

Líderes de igrejas e organizações em expansão concordam que o crescimento dessas organizações está muito relacionado com a capacidade de mudar seu estilo de liderança. Miller testifica isso:

> Que grande inibidor impede a igreja de crescer? Creio que a falta de crescimento pode ser atribuída à falha dos pastores ou líderes que não conseguem ajustar seu estilo de liderança... Comecei a pastorear no campo em que sirvo há uns vinte anos. Começar com uma congregação bem pequena até chegar a uma grande significa que tive de mudar continuamente meu estilo administrativo.[42]

Os bons líderes, portanto, conhecem os estilos administrativos e são capazes de ajustar seus estilos particulares à necessidade da organização.

5. O bom líder entende-se com as pessoas. Alguém disse brincando: "Não fossem as pessoas, o ministério seria uma ocupação maravilhosa". Isso coloca o dedo no problema de alguns candidatos a líder: eles não se dão com as pessoas. Líderes eficientes aprenderam a fina arte de se entender com as pessoas que lideram ou esperam liderar. As pessoas são lideradas, não dirigidas. Se o líder não consegue conquistá-las para si, elas simplesmente debandam. É incrível como alguns líderes cristãos destroem suas igrejas por falta de tato, amor, compaixão, paciência e sensibilidade no cuidado com o rebanho. Às vezes, o próprio pastor mantém aberta a proverbial "porta dos fundos". Depois ele ar-

---

40. "O estudo indica que não existe um estilo melhor em todas as circunstâncias" (Lee, *Church Leadership*, 45).

41. Smith, *Learning to Lead*, 40.

42. Miller, *Leadership*, 113.

ranja alguma outra desculpa para a perda de membros. Os membros da igreja raramente a abandonam por alguma questão; em geral, os problemas são choques de personalidade ou conflitos a respeito de assuntos pessoais.

Means faz esta observação: "No ministério pastoral, a causa mais básica da ineficácia e do fracasso é uma incapacidade de construir e sustentar um companheirismo significativo com os líderes leigos da igreja".[43] As Escrituras declaram: "O irmão ofendido é mais difícil de conquistar do que uma cidade forte" (Pv 18.19). O líder sábio procura evitar ofensas, não cria discórdias desnecessárias e escolhe bem os montes pelos quais dará a vida. Infelizmente, vêem-se muitos cadáveres de pastores sobre montes de cupim.

A pessoa pode ser erudita e entendida quanto às Escrituras. Pode ser articulada em seus discursos e bem provida das capacidades administrativas básicas, mas se não amar de verdade as pessoas e não conseguir ter paz com elas, nunca conseguirá liderá-las. Ela pode ostentar o título de pastor, mas nunca será vista como pastor. Precisamos levar a sério a advertência de Paulo: "A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas perante todos os homens. Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens" (Rm 12.17-18).

6. O bom líder é aquele que inspira. Um traço indispensável dos líderes eficientes é sua capacidade de inspirar os outros de maneira quase que inconsciente. Os bons líderes inspiram pessoas desanimadas e desmoralizadas; dão nova vida a uma organização agonizante. Sanders afirma: "O poder de inspirar os outros para o serviço e o sacrifício é a marca do líder de Deus. Sua chama acende os que ficam à sua volta".[44] Não basta estar na frente do rebanho; o líder deve também inspirar o rebanho para que este pegue o ritmo e o faça com disposição e entusiasmo.

Em geral, as pessoas não são entusiásticas, mas sujeitas aos altos e baixos da vida, sendo afetadas pelas circunstâncias e até pela liderança precária que desencoraja a atividade. Os 12 espias enviados a Canaã voltaram com boas e más notícias: a terra era de fato fértil, mas também havia gigantes. A punição da nação de Israel pode ser atribuída aos dez líderes que não inspiraram o povo, antes "infamaram a terra que tinham espiado" (Nm 13.32). A liderança precária

43. Means, *Effective Pastor*, 220.

44. Sanders, *Spiritual Leadership*, 105.

condenou o povo a perder anos peregrinando em círculos numa terra desolada. O mesmo pode ocorrer com igrejas e organizações lideradas por pessoas que não conseguem inspirar os outros a ver por trás dos obstáculos as oportunidades providas por Deus. Os líderes espirituais "inspiram as pessoas a reconhecer suas próprias necessidades, valores e objetivos espirituais, e depois lhes facilitam o crescimento em áreas vitais. Líderes espirituais bons e eficientes, infundem nos outros um espírito de entusiasmo animador, motivador e exaltado pela pessoa de Cristo, pelo crescimento em Cristo e pela missão da igreja".[45]

A inspiração começa e termina na atitude. A inspiração é uma respiração espiritual artificial em que a pessoa inspirada dá inspiração aos que não a têm. Bons líderes são sistematicamente otimistas e cheios de fé. Eles não têm problemas de atitude. Há muito perceberam a importância da atitude positiva. Rush relembra que "a atitude dos líderes cristãos desempenha um papel importante na determinação do que a pessoa faz e alcança. Se a pessoa acha que algo é impossível, em geral não vai se preocupar em tentar realizá-lo. Assim, com freqüência, os pensamentos tornam-se profecias que cumprem a si mesmas".[46] Líderes inspirativos também atraem pessoas inspirativas, e esse efeito de bola de neve exerce um impacto importante no restante dos seguidores.

Como um líder desenvolve inspiração e como a mantém? O que separa os líderes dos não-líderes é que aqueles sabem como inspirar a si mesmos. Eles aprenderam o segredo de conservar suas próprias fornalhas acesas e quentes. Eis algumas sugestões para desenvolver inspiração:

1. Mantenha uma vida devocional vibrante e ativa, porque Deus é a fonte de toda a vida (Jo 15.1; Fp 4.13).
2. Seja realista. Colete todos os dados. Não tema a verdade. A inspiração não é construída sobre fantasias.
3. Seja otimista. Creia que todas as coisas cooperam para o bem (Rm 8.28). Os obstáculos tornam-se oportunidades. Pedras de tropeço tornam-se pedras angulares.
4. Seja um homem de fé. Tente fazer grandes coisas para Deus e espere grandes coisas de Deus.

45. Means, *Leadership in Christian Ministry*, 65.

46. Rush, *Management*, 171.

5. Evite pessoas negativas e cerque-se de pessoas positivas.
6. Cultive uma vida familiar feliz. As brasas quentes de nossa vida vêm do Céu e do lar.
7. Mantenha o corpo sadio e em forma. O metabolismo do corpo e a inspiração estão ligados.
8. Concentre-se em seus sucessos, não em seus fracassos. Considere os fracassos como simples oportunidades de juntar experiência para sucessos futuros. Não podemos ganhar sem tentar e, tentando, às vezes haverá fracassos.
9. Leia literatura inspirativa.
10. Tenha pensamentos positivos em relação aos outros. Procure o bem nas pessoas. Elas foram feitas à imagem de Deus.

7. O bom líder é alguém disposto a pagar o preço. Os líderes pagam um alto preço para estarem neste lugar. A liderança espiritual implica em disciplina, sacrifício pessoal, grande paciência e uma porção de dificuldades. A liderança é uma posição solitária e exige decisões cruciais e difíceis, correndo-se o risco de se alienar até dos amigos mais chegados. "Uma cruz coloca-se no caminho da liderança espiritual", confessa Dr. Sanders, "uma cruz sobre a qual o líder deve deixar-se pregar".[47] Ninguém pode colher os frutos da liderança sem pagar o preço.

O pastorado não é uma tarefa fácil; não é para os tímidos, para o fracos, para os que querem fugir das dificuldades. O pastorado é uma "frigideira" extremamente quente, e se a pessoa não agüenta o calor ou não quer enfrentá-lo, precisa desistir. Críticas, salário baixo, solidão, frustração, jornada prolongada, rejeição e até estafa são, todos, problemas ocupacionais do ministério. Como na guerra, há baixas. Mas, como na guerra, a batalha precisa ser ganha, e as tropas serão dirigidas por líderes que compreendam os riscos e estejam dispostos a pagar o preço.

O desenvolvimento dessas características de liderança eficaz exige tempo e experiência, juntamente com algum programa sério de estudo e de pesquisa individual. A liderança espiritual brota do ministério diário e das lutas em favor do povo de Deus. Os tempos difíceis exigem boa liderança que, às vezes, não se

47. Sanders, *Spiritual Leadership*, 170.

encontra em lugar nenhum, mas precisamos nos lembrar de que os melhores líderes sempre surgem em tempos de grande aflição. Aguardamos a nova geração de líderes que Deus levantará nesse intenso embate espiritual que a Igreja está enfrentando.

O Ato de Liderar

Líderes, liderem! A tarefa sua é ter a visão do que deve ser, arregimentar pessoas para que adotem essa visão, delegar a tarefa a outros e depois manter todo o grupo motivado para completar ou cumprir a visão. Os líderes espirituais extraem sua perspectivas propósito de Deus. Depois convocam a igreja para que auxilie no cumprimento do propósito, o que logicamente implica que os líderes devem manter a igreja motivada até que o alvo seja atingido. O ato de liderar, portanto, compreende quatro elementos: visão, convocação, delegação e motivação. Se o pastor ou o líder espiritual for bem-sucedido no cumprimento dessas quatro atividades, será bem-sucedido em sua liderança.

Visão

Os pastores devem ser homens de visão. Eles precisam possuir um profundo senso do que estão para fazer, de onde devem chegar e de como devem fazê-lo. A visão fornece essa orientação. A visão é crucial para a vida da igreja, assim como para qualquer organização. "Uma visão dá vida", escreve Lee, "e se não houver visão, as sementes da morte estarão sendo plantadas e ela acabará prevalecendo, é só uma questão de tempo".[48]

Aqui está a diferença principal entre liderança e administração. A liderança fornece a visão, e a administração a executa. Stephen Covey capta a distinção nesta declaração contundente: "Administração é a eficiência na hora de subir a escada do sucesso; a liderança determina se a escada está colocada na parede certa".[49] Em outras palavras, "administração é fazer certo e liderança é estabelecer o que é certo".[50]

Com respeito à liderança e à visão, Bennis observa que "todos os líderes têm capacidade de criar visão instigadora, que leva as pessoas a novos lugares, e

48. Lee, Church Leadership, 131.

49. Stephen R. Covey, *The Seven Habits of Highly Effective People* (New York: Simon and Schuster, 1989), 101.

50. Ibid.51. *Bennis, Becoming a Leader*, 192.

depois de traduzi-la em realidade".[51] Sanders atesta que "os que influenciam mais poderosa e permanentemente sua geração são os 'visionários' — homens que enxergam em maior amplitude e distância que os outros — homens de fé, pois fé é visão".[52]

Que seria, então, a visão? Encontramos esta definição na ótima obra de Mean: "A visão é uma tentativa de articular, do modo mais claro e vivo possível, o estado futuro ideal que a organização deseja. A visão é o alvo que fornece direção, alinha os jogadores principais e fornece energia para as pessoas atingirem um propósito comum".[53] Peters e Austin são úteis quando acrescentam: "Você precisa saber para onde está indo, ser capaz de expressá-lo de modo claro e conciso — e precisa cuidar disso apaixonadamente. Tudo isso contribui para a visão, a declaração (o quadro) concisa do ponto a que a companhia e seu pessoal estão caminhando e o motivo pelo qual devem se orgulhar dele".[54]

Lee observa: "Quando a organização possui uma consciência clara de seu propósito, direção e estado futuro desejado, e quando essa imagem é compartilhada amplamente, os indivíduos são capazes de encontrar seu lugar tanto na organização como na sociedade maior de que participam".[55] Assim, em primeiro lugar, a visão é saber o que a igreja deve fazer e, depois, compartilhar com as pessoas, de tal forma que também possam "ver o invisível". Sentimos que a visão para o pastor é principalmente ver o que Deus quer daquela igreja específica. A questão não é necessariamente mística ou reveladora. Antes, é possuir um profundo senso das possibilidades e conduzir os outros a uma visão semelhante.[56]

O líder desenvolve a visão a partir de algumas fontes. Acima de tudo, ela vem de Deus, por meio das Escrituras Sagradas, que são o mapa para o povo de Deus. Podemos dizer que, em certo sentido, todos os pastores compartilham da mesma visão acerca da igreja: glorificar a Deus, fazer discípulos e edificar seu corpo, a Igreja. Mas a aplicação da visão geral será personalizada em cada líder e congregação.

---

51. Bennis, Becoming a Leader, 192.

52. Sanders, Spiritual Leadership, 77.

53. Means, *Effective Pastors*, 143.

54. Tom Peters e Nancy Austen, *A Passion for Excellence* (New York: Random House, 1985), 284.

55. Lee, Church Leadership, 132.

56. James M. Kouzes e Barry Z. Posner, *The Leadership Challenge* (San Francisco, Calif.: Jossey-Bass, 1987), 85.

A visão também provém da experiência passada — quanto maior a experiência, maior a visão. Quanto maior a contemplação no passado, mais claro o foco no futuro: "Parece que, quando primeiro observamos nosso passado, alongamos nosso futuro. Também enriquecemos o futuro e lhe fornecemos detalhes quando relembramos a riqueza de nossas experiências passadas".[57] O envolvimento também contribui para a criação da visão. O ato de fazer — de aplicar o conhecimento do passado no presente — aumenta a visão. Precisamos agarrar as portas das oportunidades do presente que, por sua vez, podem fazer surgir a visão.

É necessário também manter viva a visão porque, assim como os sonhos, costumam se dissipar. Calvin Miller oferece duas sugestões para manter viva a visão:

> A primeira é uma hora tranqüila adequada. Enquanto você estiver quieto no altar de sua própria confiança, sua visão guardará seu lugar em sua vida. As visões se reconstituem na quietude, não na pressa ou no barulho. O segundo ingrediente para manter a visão é a recapitulação. Você precisa repassar seus sonhos constantemente. Não basta tê-los recapitulado no passado. Eles precisam fazer parte do dia-a-dia, ou logo deixarão de ser perseguidos.[58]

Os pastores não podem marcar passo. Não podem simplesmente manter o trabalho, "guardando a fortaleza" até Cristo voltar. Eles precisam estar atuando na liderança, instilando visão em seu povo. A igreja deve perceber que é preciso fazer algo, e o pastor deve lhes dizer que algo é esse e liderá-los para que o cumpram.

Alistamento

Compartilhar a visão é o primeiro ato da liderança, o segundo é alistar outras pessoas que comprem a visão. Também podemos chamá-lo de *recrutamento*. Os líderes efetivos sabem como recrutar pessoas para concretizar a visão da organização. Os líderes devem seguir o exemplo de Cristo, cujo chamado era "vinde após mim" (Mt 4.19). Nosso Senhor recrutou ou convocou as

57. Ibid., 95.

58. Miller, *Leadership*, 42.

pessoas e as transformou em seus discípulos, que participavam de sua visão e se empenharam para torná-la real.

As igrejas de hoje sofrem por falta de obreiros. Rush observa:

> A falta de voluntários é uma das maiores tragédias na igreja de hoje. Aliás, os verdadeiros voluntários são tão poucos na igreja atual que é provável que tenhamos de recapitular para nós mesmos o seu significado: uma pessoa que por sua própria iniciativa e livre vontade se apresenta para realizar uma tarefa. Tais pessoas são tão raras na cristandade hoje, que a maioria dos líderes cristãos levam um susto quando são abordados por um.[59]

Nosso mundo está se tornando uma sociedade de espectadores produzida pelo vício do lazer e pela atuação crescente dos profissionais em nossas igrejas. A animação de massas exige excelência que só um profissional pode apresentar. O resultado final é que temos cada vez menos voluntários e, por fim, se fará cada vez menos pelo Reino de Deus. O círculo precisa ser quebrado, se quisermos sobreviver pelo próximo século adentro.

Os líderes precisam alistar seguidores na causa de Cristo, não apenas fazendo-os crer na mensagem da cruz, mas também fazendo-os exercer seus dons para o aperfeiçoamento do corpo de Cristo. Ao pensar em alistar os outros para o ministério, os líderes precisam ter em mente os seguintes princípios:

1. As pessoas querem servir: "Precisamos compreender que as pessoas se apresentarão como voluntários para uma tarefa, se tiverem consciência de sua importância e souberem que são necessários e apreciados quando se oferecem para desempenhá-las ".[60]
2. As pessoas servirão se "solicitarmos pessoas específicas para ministérios específicos por um período de tempo específico".[61]

Os líderes devem recrutar efetivamente para atingir os alvos a que aspiram. Precisamos aprender a arte do recrutamento. Afinal, isso faz parte da descrição da função do líder.[62] O recrutamento de voluntários é um ato de liderança.

---

59. Rush, *New Leader*, 119.
60. Ibid., 125.
61. Gangel, *Feeding and Leading*, 144.
62. Veja o capítulo de Gangel, "Recruiting Effective Volunteers" em *Feeding and Leading*, 133-47.

Delegação

Depois do alistamento vem a delegação, pois o propósito do alistamento é delegar a cada um a tarefa e, assim, fazer com que cada um se ocupe da concretização da visão do corpo. A delegação é uma das tarefas essenciais da liderança espiritual ou secular. "Aquele que é bem-sucedido na tarefa de conseguir que os outros trabalhem", afirma Sanders, "está exercendo a modalidade mais elevada de liderança".[63] De acordo com alguns, "a delegação pode ser a habilidade mais importante de um executivo".[64]

Que significa *delegação*? Delegação é a arte de transferir parte de seu trabalho a outra pessoa, confiar responsabilidade e autoridade, bem como uma tarefa a outra pessoa que esteja com você no ministério, ou simplesmente "livrar-se de tudo o que for possível e fazer somente o que restar".[65] Rush apresenta esta definição abrangente:

> Delegação consiste em transferir autoridade, responsabilidade e prestação de contas de uma pessoa ou grupo a outra. Na maioria dos casos, envolve transferência de autoridade de um nível mais alto numa organização para um nível mais baixo. A delegação é o processo pelo qual ocorre a descentralização do poder organizacional. A descentralização resulta em dispersão de autoridade e responsabilidade de cima para baixo na organização, permitindo que mais pessoas se envolvam no processo de tomada de decisão.[66]

A delegação *não* é o abandono da liderança, mas o seu exercício mais profundo. Grandes líderes são delegadores eficientes, que percebem sua incapacidade pessoal para fazer ou cuidar de tudo que querem ver realizado. Quando uma organização cresce, atinge um ponto em que as tarefas precisam ser delegadas a fim de que continue se desenvolvendo e para que a carga de trabalho seja suportada pelo líder. Êxodo 18 é um exemplo bíblico clássico da necessidade de organização. Um exame atento do capítulo premiará os líderes apanhados pela mesma crise de Moisés.

---

63. *Sanders,* Spiritual Leadership, 202.
64. *E.g., Gangel,* Feeding and Leading, 175.
65. *Ibid.*
66. *Rush,* Management, 132.

Os benefícios pessoais e coletivos da delegação são incalculáveis e atendem aos seguintes propósitos:[67]

1. Livra os líderes de alguns trabalhos
2. Garante que o trabalho seja feito da forma devida
3. Ajuda a facilitar a tomada de decisões
4. Desenvolve as habilidades das pessoas
5. Aumenta a produtividade
6. Transforma o líder num participante do grupo
7. Prepara futuros líderes
8. Faz as pessoas desenvolverem as habilidades para seu próprio benefício

Com tantos benefícios, talvez perguntemos por que mais líderes não praticam uma delegação efetiva. A resposta provavelmente está no fato de que alguns ocupam o ofício de líder sem possuir as características de líder. Esses simplesmente não querem delegar e não pretendem fazê-lo nunca. A razão principal é o medo de perderem o poder ou controle. Esses líderes também nunca pretendem dividir a glória com seus seguidores. Miller destaca essa falácia: "Você nunca chegará à verdadeira plataforma da liderança insistindo que outros façam seu trabalho, enquanto você fica com a glória".[68]

A delegação indevida também frustrará os liderados. Há maneiras apropriadas de delegar, e os ingredientes da delegação correta, que são responsabilidade, autoridade e prestação de contas, devem estar presentes. Responsabilidade é saber muito bem o que deve ser feito; autoridade é ter poder de decisão para cumprir a tarefa; e prestação de contas é saber as limitações sob as quais a tarefa é cumprida. Faltando um deles, o processo de delegação não será bem-sucedido.

Talvez este acróstico[69] ajude a lembrar os devidos passos para fazer uma delegação:

---

67. Donald H. *Weiss, How to Delegate Effectively* (New York: American Management Association, 1988), 15-21.

68. Miller, *Leadership*, 79.

69. Recebi esse acróstico do professor Jim George, do Master Seminary

D Determine o ministério
E Examine as tarefas
L Levante a seleção de líderes
E Eduque o líder
G Guie o líder
A Autorize o líder
D Dê crédito ao líder
O Observe o líder.

Não podemos subestimar a importância desse ato de liderança e concordamos com esta afirmação: "O grau em que o líder é capaz de delegar o trabalho é a medida de seu sucesso".[70]

Motivação

O líder pode instilar visão, recrutar trabalhadores e delegar responsabilidades, mas o que garantirá que as pessoas permaneçam em seus postos com o devido entusiasmo para realizar ou manter o esforço por um período prolongado? A resposta é: *motivação*. Os líderes devem motivar, inspirando os seguidores a permanecer no posto. Rush afirma que "um líder nunca será bem-sucedido a menos que seus seguidores sejam motivados a obter sucesso".[71]

Por *motivação* entendemos a liberação de um impulso interno na pessoa, colocando-a em ação.[72] Alguém afirmou: "Motivação é o ato de criar circunstâncias para obter resultados por meio de outras pessoas".[73]

De todas as tarefas desempenhadas pelo líder, a aptidão de fazer as pessoas se envolverem continuamente em alguma atividade é a que mais tem propiciado abusos. Líderes espirituais são culpados dos piores tipos de manipulação e fraudes descaradas em seu esforço de fazer a igreja agir. Eles têm usado adulações, ameaças, favoritismos, mendicância, apelações, textos bíblicos, subornos e até alegações de revelações diretas para manipular os seguidores.[74]

---

70. Sanders, *Spiritual Leadership*, 203.
71. Rush, *Management*, 109.
72. Ibid., 108.
73. Engstrom e Larson, *Seizing the Torch*, 62
74. Means, *Leadership in Christian Ministry*, 182.

Como o líder deve motivar? Sendo ele mesmo a chave da motivação — sua integridade, sua habilidade, seu conhecimento do que deve ser feito e seu exemplo representam aspectos básicos para a motivação. Todas as táticas motivacionais são ineficientes se o líder carece de qualidades pessoais.

O líder que possui essas qualidades pode aprimorar sua habilidade motivacional compreendendo as pessoas e o que faz com que dêem o seu melhor. Lee fornece a seguinte lista para ajudar as pessoas a dar o seu melhor:[75]

- As pessoas precisam saber o que lhes ocorrerá como indivíduos, o que se espera delas e como sua contribuição colaborará para o grupo.
- As pessoas precisam de um senso de participação, um sentimento de que ninguém faz objeções quanto à sua presença, um sentimento de que são sinceramente bem-vindos, um sentimento de que são desejados por tudo o que são.
- As pessoas precisam participar do planejamento dos alvos do grupo e ter a certeza de que os alvos podem ser alcançados.
- As pessoas precisam de responsabilidades que sejam desafiadoras, mas que ao mesmo tempo estejam de acordo com suas capacidades, contribuindo para que os alvos do grupo sejam atingidos.
- As pessoas precisam ver que está havendo progresso rumo aos alvos da organização.
- As pessoas precisam ter confiança na liderança do grupo, com a certeza de que os líderes serão justos e também competentes, fidedignos e leais.
- As pessoas precisam concluir em certo momento: "Esta situação faz sentido para mim".

Evidentemente, nada motiva mais que um líder motivado. Se os líderes conseguirem manter-se motivados de alguma forma, o entusiasmo deles para a tarefa será contagiosa. Portanto, o segredo da motivação é manter-se motivado.

O ministério pastoral é um privilégio maravilhoso. É liderança na igreja de Deus, uma mordomia confiada por Deus, um serviço a ser executado em favor do grande Pastor e suas ovelhas. Nós nos consideramos profundamente abençoados por Deus por sermos chamados pastores. É fácil perder de vista nossa responsabilidade mais fundamental: liderar! Assim, empenhemo-nos na tarefa que Deus nos deu: liderar!

---

75. Lee, *Church Leadership*, 152-53.

18

A Evangelização

Alex D. Montoya

Uma vez que a evangelização constitui um dos propósitos principais da igreja, o pastor deve desempenhar um papel importante na liderança, cumprindo-a com responsabilidade. A ordem do Novo Testamento quanto à evangelização determina que a igreja se expanda. Entre outros, Mateus 28.18-20 indica que a evangelização implica sair para buscar os perdidos, pregar o Evangelho, ensinar obediência e discipulado contínuo. Várias maneiras de cumprir o propósito de expansão incluem evangelização pessoal, evangelização pública e estabelecimento de igrejas. A motivação evangelística do pastor vem da obediência a Cristo, do amor por Ele e pela humanidade. O pastor pode transmitir essa motivação a seu povo por meio de exemplos, anseios, exortações, incentivos e promoção de campanhas evangelísticas específicas. Métodos específicos de evangelização não devem obscurecer a mensagem pura do evangelho. Entre eles, existe a evangelização pessoal e de simpatizantes, estudos bíblicos evangelísticos nos lares, evangelização em profundidade, e ministério voltado para os interessados promovido pela igreja local. Além disso, a evangelização por meios de comunicação de massa, cruzadas evangelísticas e a evangelização especial são outros métodos possíveis.

Por que a evangelização deve ser preocupação da igreja e por que o envolvimento na evangelização deve ser ambição do pastor? A resposta é simples: nosso Senhor Jesus Cristo nos mandou evangelizar (Mt 28.19,20; Mc 16.15,16; Lc 24.46-49; Jo 20.21; At 1.8). Temos a obrigação de cumprir a Grande Comissão de fazer discípulos de todas as nações, começando em nosso próprio país. O propósito do Senhor é a salvação da humanidade: "Porque o Filho do

Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (Mc 10.45). "Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido" (Lc 19.10). Para Cristo, ganhar o perdido era o maior desejo e o propósito expresso de sua vinda ao mundo (Jo 4.32,33).

Cristo chamou os discípulos para que o seguissem e aprendessem a ser "pescadores de homens" (Mt 4.19). Ele ensinou os discípulos para que se tornassem mensageiros das novas do Reino e testemunhassem seus sofrimentos. No final, Jesus os comissionou para que evangelizassem o mundo, o que começaram a fazer assim que receberam o poder do Espírito Santo (At 1.8; 2.1-4). O relato de Atos descreve a obediência da igreja à Grande Comissão, a mesma comissão confiada à igreja de hoje.

A Ordem de Evangelização

A ordem, desse modo, é evangelizar o mundo. Mas o que significa *evangelizar*? Algumas definições chaves esclarecem o significado de evangelização. Packer define:

> Evangelização consiste simplesmente da pregação do evangelho... É uma obra de comunicação na qual os crentes, sobre a misericórdia de Deus, se fazem porta-vozes da mensagem para os pecadores. Todos aqueles que anunciam fielmente essa mensagem, sob quaisquer circunstâncias, tanto numa numerosa como numa pequena reunião, em um púlpito ou em uma conversa particular, estão evangelizando.[1]

Um conhecido evangelista americano apresenta a seguinte definição:

> Ganhar almas significa que podemos tomar a Bíblia e mostrar às pessoas que elas são pecadoras e, que de acordo com as Escrituras, Deus as ama. Sendo que Cristo morreu na cruz para pagar seus pecados e que agora todos os que voltam honestamente o coração para Cristo, a fim de obter misericórdia e perdão, poderão alcançar a vida eterna. E, podemos incentivá-las a tomar essa decisão de fugir do pecado e confiar em Cristo para sua salvação. Assim, ganhar almas significa levar o Evangelho a todos com tal poder do Espírito Santo que eles sejam conduzidos a Cristo e nasçam de novo; tornem-se filhos de Deus pela renovação do Espírito Santo.[2]

1. J. I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus* (São Paulo: Vida Nova, 1990), 31.

2. John R. Rice, *Personal Soul Winning* (Murfreesboro, Tenn.: Sword of the Lord, 1971), 11-12.

Qualquer definição de evangelização ou expansão leva em consideração Mateus 28.18-20, que inclui mais que uma simples proclamação de um simples evangelho. A ordem de "fazer discípulos" inclui pelo menos quatro elementos:

1. Ir, ou seja, tomar a iniciativa de buscar as pessoas que não tenham sido alcançadas — vamos a elas, não esperemos que elas venham a nós.
2. Apresentar o Evangelho, a mensagem da cruz, com todas as suas implicações do senhorio de Cristo, da expiação, da graça, do arrependimento e da fé.
3. Batizar, isto é, convocar os pecadores a uma declaração pública de sua fé em Cristo e arrependimento do pecado.
4. Ensinar, isto é, colocar os convertidos numa assembléia em que seja possível um processo contínuo de ensino.

A expansão bíblica é mais que despejar folhetos evangelísticos na cidade ou convidar alguém para uma apresentação na igreja. Esses quatro elementos merecem um exame mais atento.

1. A evangelização é ativa. As traduções em português do original grego do texto de Mateus 28.19, começam com "Ide", tradução de um particípio aoristo que transmite a conotação "tendo ido". O verbo principal do versículo é "fazer discípulos [ensinar]" ou, literalmente, "discipular" todas as nações. Assim, o que essa ordem pressupõe é que os cristãos irão sair com o propósito expresso de fazer das nações discípulos de Cristo.

Evangelização bíblica é ir, ou seja, sair à busca das almas perdidas deste mundo. Muitos pastores caem no erro de pensar que, se os pecadores entre as nações quiserem ser salvos, devem vir à igreja. O maior motivo pelo qual a igreja está declinando é que ela tem deixado de sair à procura dos perdidos. Por alguma razão, a evangelização passou a ser algo feito entre as quatro paredes da igreja. Hoje a igreja espera que os incrédulos cheguem a ela, quando na verdade a igreja devia ir a eles. A expansão efetiva ocorrerá quando os cristãos entenderem que o ponto de partida da Grande Comissão é sair das zonas confortáveis das estruturas eclesiásticas e entrar na vida dos perdidos à sua volta. Do púlpito para a multidão — do pastor para os paroquianos — a concepção de evangelização deve ser a de um empreendimento ativo.

2. A evangelização é a pregação do Evangelho. A ordem de fazer discípulos implica em convidar homens e mulheres à fé, obediência e submissão a Jesus Cristo. Alguns equiparam a evangelização com a pregação de mudanças sociais, direitos humanos, libertação política, igualdade econômica e

muitas outras causas. Essas questões, embora tratem de projetos justos, não são a evangelização bíblica.

Evangelização é a pregação da cruz de Cristo: Ele morreu pelos pecados do mundo, ressuscitou dos mortos, é o Senhor do universo e de sua Igreja, e as pessoas devem primeiro crer na verdade da mensagem para que se produza efeito em sua alma (Rm 3.1-31; 10.9,10; 1 Co 15.1-4; Gl 2.16-21). Isso deve incluir a deidade de Cristo, sua encarnação, sua natureza impecável, sua morte vicária em substituição à humanidade pecadora, sua ressurreição corporal, arrependimento por parte dos pecadores e o julgamento vindouro do mundo.

Recentemente, tem havido entre pastores e igrejas a tendência de diluir o Evangelho de Cristo. Num esforço para conseguir mais convertidos, os pregadores têm recorrido a um evangelho diluído, desprovido de elementos salvíficos. Têm recorrido ao "outro evangelho" e o resultado inferior é evidente. Uma apresentação efetiva do verdadeiro evangelho exige preparação cuidadosa, tempo, ponderação, oração e paciência. A pregação evangelística é um chamado para que as pessoas tornem-se discípulos de Cristo. Qualquer coisa inferior não é evangelização bíblica. Implorar profissões de fé, decisões ou outras manifestações externas só para evocar uma resposta, caso não resultem na formação de verdadeiros discípulos do Senhor Jesus, não é evangelização efetiva.

3. A evangelização é transformação de vidas. Cristo mandou que os discípulos batizassem as nações no nome triúno de Deus como símbolo do abandono dos pecados e apego ao Salvador. O clamor do Evangelho sempre é: "Salvai-vos desta geração perversa" (At 2.40) e "convertais dessas vaidades ao Deus vivo" (At 14.15). O Evangelho é fazer as nações saberem que Deus "anuncia a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam" (At 17.30). Isso sempre implica "conversão a Deus e fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (At 20.21). Paulo resumiu sua proclamação quando disse ao rei Agripa que Cristo o chamou para abrir os olhos dos gentios e das trevas os converterem à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebessem a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé nEle (At 26.18). Assim, a evangelização bíblica eficaz sempre resulta em vidas transformadas, almas rendidas e submissas ao senhorio de Cristo.

4. A evangelização é um discipulado contínuo. O Senhor incluiu na Grande Comissão a tarefa complementar de aperfeiçoar e amadurecer os discípulos, ensinando-os a guardar todas as coisas que lhes havia mandado (Mt 28.20). A evangelização eficaz tem por alvo a incorporação do discípulo no contexto da

igreja ou assembléia local de crentes, o novo discípulo pode, então, crescer até a plenitude da imagem de Cristo (Ef 4.11-16). A evangelização no Novo Testamento brotava da igreja local e resultava em convertidos. A medida dos resultados não era o número de profissões, mas o número acrescentado à igreja e, mais tarde, o número de igrejas formados pela atuação evangelística.

A letargia, o desinteresse e a atitude de conivência na igreja moderna são responsáveis por sua condição anêmica e estagnada. A igreja necessita de renovação em seu compromisso de obedecer ao mandato de nosso Senhor Jesus Cristo: Ide! Rice fala a esta geração com uma exortação de rasgar a alma:

> O primeiro grande elemento essencial na conquista de almas é ir em busca dos pecadores! Essa é a parte mais simples da conquista de almas, mas onde a maioria falha. As pessoas não vão atrás dos pecadores. A pessoa pode chorar, orar, ler a Bíblia, ir à igreja, manter um culto doméstico, dar os dízimos, pagar suas dívidas honestas, e mesmo assim sua própria família pode ir para o inferno junto com todos os amigos à sua volta, porque ela simplesmente não vai atrás deles, não leva o Evangelho, não tenta conquistá-los urgentemente para Jesus Cristo. Ninguém se torna ganhador de almas sem estar disposto a se empenhar para isso. Os esforços expressivos são abençoados por Deus na conquista de almas. Quem não se esforça não vai conseguir salvar as pessoas.[3]

O Método de Evangelização

Com os mandamentos em mente, o próximo passo é traçar algumas linhas gerais para descrever várias maneiras de evangelizar, reservando para mais adiante, num capítulo específico, os métodos que podem ser reproduzidos para evangelização na igreja local. A igreja do Novo Testamento empregava pelo menos três métodos principais em seu esforço para cumprir a Grande Comissão: (1) evangelização pessoal, (2) evangelização pública e (3) estabelecimento de igrejas. Um breve exame dos três é esclarecedor.

Evangelização Pessoal

Toda evangelização é, em última análise, pessoal, com o arauto clamando para uma alma perdida, seja face a face, seja numa multidão. A pes-

3. Ibid., 89-90.

soa atende ao Evangelho na privacidade de sua alma, na singularidade do momento em que o Espírito Santo levanta o véu, permitindo que ela veja a glória do Evangelho.

No sentido mais estrito, porém, a evangelização pessoal é o esforço de uma pessoa no sentido de levar outro indivíduo a Cristo. É André encontrando Simão Pedro (Jo 1.40-42). Filipe encontrando Natanael (Jo 1.45). Jesus encontrando Nicodemos (Jo 3.1-5) e depois a mulher junto ao poço (Jo 4.7-15). A evangelização pessoal foi a primeira obra dos discípulos e o ministério que o Senhor Jesus aperfeiçoou ao extremo. A evangelização pessoal era o trabalho contínuo da Igreja Primitiva, em que seguiam pregando Jesus diariamente, de casa em casa (At 5.42). As primeiras testemunhas de Cristo eram conhecidas pela capacidade de se envolver em batalhas pessoais para levar uma alma a crer em Cristo (At 8.26-39; 20.20).

Uma ênfase na evangelização pessoal é muito necessária, por causa do vasto número de cristãos e até de pastores que não se envolvem na obra de evangelização pessoal. O maior sucesso na evangelização virá por meio dessa ênfase evangelística e, quanto maior o número de pessoas envolvidas nessa atividade, melhores serão os resultados. Macaulay e Belton disseram a respeito da evangelização pessoal:

> A longo prazo, todas as outras formas que mencionamos reduzem-se a esta. *Quaisquer que sejam as características do grupo com que estamos* lidando, nosso alvo é ganhar o indivíduo. Não estamos atrás da multidão, mas das pessoas que compõem a multidão. Não estamos interessados nos estudantes; nos ferroviários, nos marginais e nos jovens como tais, mas buscando pessoas que, pelas circunstâncias, são estudantes, ferroviários, jovens ou marginais. Todos estão perdidos. Todos são preciosos. Cristo morreu por todos eles. Nós os vemos como almas, como pessoas. Devemos buscá-los como tais.[4]

Será que nós, pastores, estamos levando pessoalmente as pessoas a Cristo? Será que temos preparado os leigos para que levem a família, os amigos e os vizinhos a Cristo? Obviamente, essas são as prioridades de nossos projetos evangelísticos.

---

4. J. C. Macaulay e Robert H. Benton, *Personal Evangelism* (Chicago: Moody, 1965), 33-34.

Evangelização Pública

O Senhor Jesus, os 12 apóstolos e a Igreja Primitiva fizeram grande uso das apresentações públicas do Evangelho para multidões de todos os tipos. As duas primeiras experiências evangelísticas de Pedro registradas após o Pentecostes, foram em ajuntamentos excepcionalmente grandes, com resultados abundantes — três mil e cinco mil almas, respectivamente (At 2.14-41; 3.12-4.4). Os discípulos procuravam deliberadamente as multidões para proclamar a cruz de Cristo com mais eficiência (At 5.42).

Os primeiros pregadores desenvolviam suas homilias não apenas para instruir os crentes, mas também para converter os incrédulos. Os pregadores de hoje são infelizmente deficientes em tratar publicamente das necessidades dos inconversos. O pastor deve buscar treinamento para apresentar o Evangelho aos perdidos e, depois, fazer uso liberal de tal treinamento em numerosas oportunidades de pregar de modo evangelístico.

A evangelização em massa não é só para evangelistas da multidão. Cada pregador da Palavra deve estar pronto para proclamar publicamente, fazendo a obra de um evangelista (2 Tm 4.5). Em cada ambiente público existe uma oportunidade esplêndida de evangelização. Cada geração possui certo grupo de inconversos que freqüentam os salões das igrejas e que permanecerão mortos, a menos que o pregador os anime com o Evangelho. Tenha a audácia de pregar o Evangelho nos cultos da igreja, por amor aos que possam necessitar disso.

Estabelecimento de Igrejas

Assim que os primeiros discípulos saíram rumo à sua Jerusalém, Judéia e Samaria, passaram a cumprir a tarefa de alcançar as partes mais remotas da terra e evangelizar todas as nações. Esses convertidos situados a distâncias muito grandes não pertenceriam, obviamente, à igreja de Jerusalém. O único passo lógico era plantar igrejas em cada cidade onde viviam homens e mulheres perdidos. O estabelecimento de igrejas não era um projeto especial de estimação ou um empreendimento experimental; mas o cumprimento direto da Grande Comissão. Os apóstolos e discípulos dispersaram-se literalmente por todo o mundo conhecido, evangelizando e plantando igrejas.

A igreja de hoje falha ao não ver a correlação entre a evangelização e o estabelecimento de igrejas, mas qualquer leitura rápida do Novo Testamento logo reverterá esse engano. Plantar igrejas é evangelizar. Embora não concorde-

mos com todas as premissas teológicas de Wagner, concordamos com esta declaração: "A metodologia evangelística mais eficiente debaixo do céu é plantar novas igrejas... Não fazer uma ligação direta entre evangelização e a igreja local é um erro estratégico".[5] Plantar igrejas é evangelizar. Se nos preocuparmos em evangelizar comunidades, cidades e nações, seremos evangelistas atuantes no estabelecimento de novas igrejas. Um especialista em estabelecimento de igrejas afirma: "A idéia é que igrejas plantadas reproduzem-se e fazem discípulos plantando novas igrejas. Esse é um processo que continuará até o retorno do Salvador. Aliás, esse é o verdadeiro sentido da Grande Comissão".[6] Assim, igrejas da Grande Comissão plantam igrejas. Quantas delas sua igreja ajudou a plantar?

Motivações para a Evangelização

A grande maioria dos cristãos em nossas igrejas não evangeliza e, ao longo da vida, não conduzirá nem uma alma até o Mestre. Alguns não evangelizam porque desconhecem os mecanismos e a essência da evangelização. A maior parte, porém, não evangeliza porque não possui a motivação adequada para ir em busca dos perdidos. As motivações dirigem-se ao pastor e, depois, ao povo em geral. Elas devem incentivar os cristãos a se empenharem na tarefa sagrada e urgente de levar o evangelho aos perdidos.

Motivações para o Pastor

Na realidade, as motivações aplicam-se a todos os crentes, os quais devem esforçar-se para se colocar no plano mais alto em obediência a Cristo. Entretanto, a necessidade de motivar o pastor é crucial, pois ele pode servir como catalisador para dispor seu povo a uma vida de testemunho. Pastor, considere as seguintes motivações para estar ativamente engajado na evangelização:

Obediência a Cristo. Como subpastores, os pastores estão sob as ordens do Pastor Chefe, sendo sua responsabilidade evangelizar os perdidos. Eles não são responsáveis apenas por alimentar o rebanho, mas também aumentá-lo, fazendo a obra de um evangelista. Para o apóstolo Paulo, o grande motivo para pregar o Evangelho aos perdidos era sua tarefa de cumprir a mordomia que lhe fora concedida por Cristo (1 Co 9.16,17). Green, em sua obra prima, *Evangelização na Igreja Primitiva*, afirma que desde o início a obediência a

5. C. Peter Wagner, *Church Planting for a Greater Harvest* (Ventura, Calif.: Regal, 1990), 11-12.

6. Aubrey Malphurs, *Planting Growing Churches for the 21st Century* (Grand Rapids: Baker, 1992), 25.

Cristo foi um fator motivador importante no cumprimento da Grande Comissão. Os cristãos primitivos sentiam "sua responsabilidade diante de Deus, no sentido de viver vidas coerentes com a profissão de fé... A idéia da responsabilidade pessoal e de prestar contas a Deus, o juiz soberano, era um estímulo importante à evangelização na Igreja Primitiva".[7] Para o pastor, a evangelização não é uma opção nem um dom. É uma ordem que deve ser obedecida com diligência!

Amor de Cristo. Paulo estabelece o amor de Cristo como um motivo de seu ministério ao declarar: "Porque o amor de Cristo nos constrange" (2 Co 5.14). Nos versículos seguintes, Paulo apresenta algumas razões que o fazem perseverar no ministério da evangelização. Cristo nos ama e também o mundo pelo qual morreu e deseja, portanto, que ele seja redimido e reconciliado. Por isso, os ministros de Cristo servem como ministros de reconciliação (2 Co 5.18-21). A respeito dos cristãos primitivos alguém disse:

> Estas pessoas não difundiram sua mensagem porque fosse recomendável fazê-lo, nem porque fosse sua responsabilidade diante da sociedade. Eles não o fizeram por razões humanitárias ou beneficentes. Fizeram-no por causa da experiência extraordinária do amor de Deus que Jesus Cristo lhes proporcionara. A descoberta de que a maior força do universo era o amor, e que este amor tinha descido ao ponto mais baixo da auto-humilhação para o bem da humanidade, teve um efeito sobre os que creram, e nada poderia removê-lo.[8]

O amor de Cristo nos motivará a buscar as pessoas, assim como motivou a Igreja Primitiva. Se amarmos sinceramente a Cristo e se conhecermos um pouco do seu amor, vamos nos dispor à tarefa suprema de compartilhá-lo com outros. Como poderíamos ou ousaríamos fazer menos que isso?

Amor pela humanidade. Um amor genuíno pelos pecadores perdidos também estimula à evangelização. Almas iluminadas com olhos desanuviados, que experimentaram regeneração, escaparam do tormento eterno e receberam a promessa do Espírito Santo, considerarão, naturalmente, a terrível sina de seus concidadãos. A compaixão pelos perdidos moverá o coração dos cristãos, fazendo-os sair com o mesmo remédio que revigorou a própria alma deles. O grande apóstolo amou seus compatriotas com paixão tão profunda que se

7. Michael Green, *Evangelização na Igreja Primitiva* (São Paulo: Vida Nova, 1984), 296, 301.

8. Ibid., 290.

compadeceu a tal ponto de agonizar pela salvação deles. Por duas vezes, Paulo testifica seu grande amor em sua epístola aos Romanos: "Tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne" (Rm 9.2,3). "Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação" (Rm 10.1). Que amor! Que zelo!

As raízes da evangelização está no amor pelos pecadores. O amor mobilizou Deus (Jo 3.16), mobilizou Cristo (Lc 19.10) e a Igreja Primitiva. Green escreve acerca do zelo da Igreja Primitiva pelos perdidos:

> Mas estes primeiros cristãos criam firmemente que Jesus era a única esperança para o mundo, o único caminho em direção a Deus para a raça humana. Porém, quando você crê que não há esperança a não ser em Cristo, é impossível ter um átomo de amor humano e interesse, sem ser dominado por um grande desejo de trazer as pessoas para este único caminho da salvação. Por esta razão, não ficamos surpresos ao descobrir que a preocupação com a situação dos ainda não evangelizados era uma das grandes forças motivadoras da pregação cristã do evangelho na Igreja Primitiva.[9]

É uma grande contradição ser chamado filho de Deus, ou até pior, ministro cristão, sem ter amor pelas almas pedidas. Packer afirma:

O desejo de conquistar os perdidos para Cristo deveria ser, e é, o resultado natural e espontâneo do coração de todos quantos nasceram de novo... Gostaria de frisar novamente: se experimentamos um pouco de amor de Cristo, e se nossos corações já sentiram alguma gratidão pela graça que nos salvou da morte e do inferno, então essa atitude de compaixão e cuidado pelos nossos semelhantes espiritualmente necessitados deve surgir em nós de forma natural e espontânea.[10]

Num livro como este, é necessário atear o fogo da evangelização dos que deviam ser a vanguarda da igreja no resgate das almas do fogo do inferno. Somos ministros com amor pelos perdidos? Estamos pesarosos e angustiados pelo

9. Ibid., 302-3.

10. Packer, *Evangelização*, 53-4.

nosso próximo? O seguinte parágrafo instiga o ministro a sair em busca dos perdidos:

> É necessário uma liderança apaixonada nos movimentos cristãos. Cada nicho deste mundo perdido precisa do ministério de uma alma incendiada, que queima e brilha, incandescente de zelo e convicção de um evangelho vencedor. O caruncho espiritual é pior que a praga do Egito, ele é o simum de mil Saaras para as igrejas de Jesus Cristo ao redor do mundo. Muitos ministros estão num moinho, marcando passo, definhando, levando uma *vida profissional*, sem poder, sem sal, porque não têm paixão por Deus ou pelas almas, nem poder para um serviço efetivo. Que nosso Deus acenda fogos sagrados da evangelização em todas as nossas igrejas e púlpitos em que sejam necessários.[11]

Motivações para o Povo

Depois de motivar o pastor a evangelizar, a segunda grande necessidade é de motivar os cristãos em geral a se envolver nessa obra vital de ganhar almas. O crente padrão precisa estar flamejante de zelo pelas almas perdidas. "Quão grandes, maravilhosos e gloriosos seriam os resultados", escreve Torrey, "se todos os cristãos começassem a ser obreiros pessoais ativos, na medida de suas capacidades!"[12] De fato, os maiores períodos de expansão na história da igreja têm ocorrido pelo esforço de crentes comuns. Latourette, historiador da igreja, afirma: "Os agentes principais na expansão do Cristianismo não parecem ter sido os que fizeram dele uma profissão ou o transformaram em maior parte de sua ocupação, mas homens e mulheres que levavam a vida de alguma maneira puramente secular e falavam de sua fé de um jeito natural".[13] Os líderes eclesiásticos precisam mobilizar, motivar, preparar e lançar as igrejas nas comunidades pagãs em que se encontram. A evangelização nunca foi, nem pode ser um trabalho só de profissionais, do pastor, de uns poucos selecionados. Isto é prerrogativa e privilégio das massas em nossas igrejas. Mas elas necessitam de preparação e motivação para o trabalho.

---

11. Rice, *Personal Soul Winning*, 117-18.
12. R. A. Torrey, *How to Work for Christ* (Old Tappan, N. J.: Revell, s.d.), 11.
13. K. S. Latourette, *The First Five Centuries* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), 116-17.

Alguns crentes não evangelizam porque nunca receberam instruções sobre como evangelizar. Outros não evangelizam porque nunca viram necessidade. Ainda outros não desempenham um papel ativo na evangelização porque não têm oportunidades de compartilhar a fé. Cada pastor deve incentivar a atividade evangelística nos seus membros, treiná-los e cuidar para que o façam.[14] O que o pastor pode fazer para motivar o povo? Considere cinco sugestões para realizar isso.

1. O pastor motiva pelo seu exemplo. O Senhor disse aos seus discípulos: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens" (Mt 4.19). Jesus fez a obra de evangelização e, ao mesmo tempo, deu aos discípulos uma demonstração de como evangelizar e uma motivação para que o fizessem. Coleman declara acerca dos hábitos do Senhor: "Através desse método de demonstração pessoal, todo aspecto da disciplina da vida de Jesus foi entregue como herança aos discípulos, mas o que talvez se revista de maior importância, em vista desse propósito final é que durante todo o tempo Jesus ensinava-lhes como ganhar almas".[15]

Se um pastor ganha almas, incentivará seu povo a seguir o seu exemplo. Spurgeon escreve em seu clássico *The Soul Winner* [O Ganhador de Almas]: "Precisamos *sempre nos apresentar como exemplos sinceros*. Um ministro lento não terá uma igreja viva e zelosa, tenho certeza. Um homem que seja indiferente ou que não faça seu trabalho como deve ser feito não deve esperar ter em torno de si um rebanho determinado acerca da salvação das almas".[16] Estamos prontos para este trabalho? Estamos frustrados porque nosso povo é indolente e apático na busca de outras pessoas? Talvez precisemos avivar as brasas, dispondo-nos a fazê-lo por nós mesmos. Então, nosso povo seguirá o exemplo.

2. O pastor motiva por suas expectativas. Boa parte das atitudes é aprendida. Assim, na evangelização as pessoas acabarão fazendo o que se espera delas. Esta ação evangelizadora não é proeminente nas epístolas do Novo Testamento. É como se Deus esperasse que seu povo evangelizasse sem lembretes constantes. Precisamos captar essa expectativa e comunicar tal atitude à congregação. Referências excessivas a todos os obstáculos na evangelização e o

14. Torrey, *How to Work*, II. O volume de Torrey é um excelente manual sobre preparação dos santos para a obra de evangelização.

15. Robert Coleman, *O Plano Mestre de Evangelismo* (São Paulo: Mundo Cristão, s.d.), 85.

16. C. H. Spurgeon, *The Soul Winner* (reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, 1963), 134.

discurso contínuo acerta das dificuldades da tarefa só extinguirá as chamas do mais fervoroso dos ganhadores de almas; e de nada servirá para motivar os mais tímidos.

3. O pastor motiva por suas exortações. O pastor, como pregador principal, também é o melhor motivador, e ele deve fazer uso desse carisma no púlpito para incentivar as pessoas a ganhar almas. Os sermões sobre evangelização pessoal devem temperar o calendário anual de pregação. Uma série de sermões sobre evangelização faz maravilhas, motivando os corações a ter paixão pela conquista de almas. O pregador não deve temer infringir a soberania de Deus ou incutir sentimentos de culpa no povo. Se os membros não se importam o suficiente com os outros para lhes falar da graça salvadora de Cristo, precisam sentir-se culpados porque, de fato, são culpados de desobediência à Grande Comissão. Como pastores e pregadores, precisamos de tais exortações à salvação de almas; tanto mais os cristãos comuns que têm o coração endurecido pelo contato diário com um mundo pecador. Vamos mantê-los bem direcionados com lembretes gentis, mas solenes acerca dos perigos da incredulidade e do poder transformador do evangelho.

4. O pastor motiva com o entusiasmo dos novos convertidos. A melhor maneira de atear o fogo da evangelização é incorporar os novos crentes à igreja. Assim como um recém-nascido anima um lar, o novo convertido traz ânimo à igreja local. O testemunho de uma vida transformada, a demonstração visível do poder do evangelho, a inocência e sinceridade de um novo cristão — tudo isso pode criar um vigor renovado em favor das almas perdidas. Muitas vezes, é o próprio recém-convertido que lidera o movimento rumo ao mundo perdido. Os novos crentes trazem pessoas novas para dentro da igreja, apresentando os crentes mais antigos aos amigos e parentes que precisam do Salvador. O pastor deve ser sábio em usar esse zelo e entusiasmo para promover um renovamento na evangelização.

5. O pastor motiva promovendo campanhas evangelísticas especiais. Mesmo na melhor das circunstâncias, as igrejas podem atingir um ponto em que decresce dramaticamente o número de pessoas perdidas ao alcance da igreja. Campanhas especiais são necessárias para dar novas oportunidades para os cristãos compartilharem a fé. Isso pode assumir a forma de reuniões evangelísticas realizadas na igreja ou em lugares que contribuam para a evangelização, cruzadas envolvendo a cidade inteira, estudos bíblicos evangelísticos nos lares, campanhas de distribuição de literatura, viagens missionárias breves, progra-

mas esportivos evangelísticos e assim por diante. O que se destaca aqui é que esses eventos não ocorrem por acaso. Eles precisam de planejamento e promoção e, em geral, isso começa no pastor ou nos líderes da igreja. Eis uma maneira excelente e atraente de conseguir que grande parte da igreja envolva-se na evangelização, mas, de novo, a chave é o pastor. Esses eventos precisam de seu apoio e endosso ativo.

Sem dúvida, o zelo evangelístico da igreja está diretamente relacionado com o fervor evangelístico de seus líderes. Nosso Senhor e seus primeiros apóstolos eram evangelistas. Os primeiros companheiros dos apóstolos bem como os primeiros missionários também eram evangelistas (At 6.8; 8.5). Podemos concluir que todos os líderes da Igreja Primitiva tinham o coração voltado para as almas. Será que os líderes eclesiáticos não deviam ser iguais hoje? Será que não deviam ser os principais promotores da evangelização na assembléia dos santos?

Métodos de Evangelização

Cada geração de cristãos deve encontrar meios de alcançar os perdidos. Com a maioria da pessoas do mundo ainda não convertidas depois de dois mil anos de história da igreja, a conclusão é inevitável: a evangelização no mundo é uma tarefa dificílima. Juntamente com a motivação e com o incentivo à evangelização, deve haver uma estratégia de como conquistar o mundo para Cristo.

A questão da metodologia pode provocar debates entre os líderes e, às vezes, é possível gastar mais energia e tempo discutindo méritos ou deméritos de um método específico do que de fato evangelizando. Às vezes, esses debates podem ser uma cortina de fumaça colocada por Satanás para afastar os crentes da tarefa principal. Os cristãos precisam ter em mente as seguintes observações de Coleman em sua obra-prima sobre evangelização:

> Essas são as questões cruciais de nossa incumbência: Objetividade e relevância. Ambas estão relacionadas entre si e, a medida em que elas se fazem compatíveis é que determina, em grande escala, a significação de toda a nossa atividade. O simples fato de que estamos atarefados a fazer algo, ainda que sejamos habilidosos nisso, não significa, necessariamente, que estamos conseguindo realizar alguma coisa. Sempre se deverá levantar a pergunta: "Isso é digno de ser feito? É possível realizar a tarefa?"

> Essas são as indagações que de contínuo se deve fazer com relação às atividades evangelísticas da igreja local. Nossos esforços para manter as coisas em funcionamento estão cumprindo a Grande Comissão que nos foi dada por Cristo? Em resultado de nosso ministério, estamos vendo um grupo sempre em expansão de homens dedicados que alcançam o mundo com o Evangelho? Um fato não pode ser negado: vivemos ocupados nas igrejas, tentando cumprir um programa de evangelismo após outro. Contudo, estaremos realmente atingindo os nossos objetivos?[17]

Essa é uma questão alarmante e deve servir para avaliar as idéias e os planos com respeito à formulação de uma metodologia evangelística. O perigo de apresentar métodos específicos de evangelização é que eles se tornam ultrapassados com o uso e não se aplicam a todas as situações. Os métodos também tendem a acumular bagagem cultural que os torna inadequados para outras culturas ou circunstâncias.

Outra questão que merece atenção é a possibilidade de a metodologia distorcer a pureza da mensagem, a proeminência e o poder do Evangelho para salvar os métodos humanos. A natureza dos métodos, especialmente os eficientes na produção de resultados visíveis, tendem a insinuar que complementam o poder de Deus. Isso tem ocorrido ao longo da história, desde os dias das relíquias antigas até os shows de rock evangélicos de hoje. A percepção aguçada de Packer ajuda-nos a formular os métodos de evangelização. Ele diz:

> Assim sendo, em última análise, existe apenas um *método* de evangelização, a saber, a explicação e aplicação fiéis da mensagem evangélica. Aqui temos o princípio chave que buscamos, o qual é capaz testá-lo para qualquer estratégia proposta, de qualquer técnica ou estilo de ação evangelística: isto serve de fato à Palavra? É planejado para servir de meio para esclarecer verdadeira e plenamente o evangelho, aplicando-o de modo profundo e exato? Na medida em que isso for assim, será legítimo e correto; na medida em que tender a encobrir e obscurecer as realidades da mensagem, diminuindo a eficácia de sua aplicação, será ímpio e errôneo.[18]

Essas palavras de cautela devem estar diante da igreja ao desenvolver estratégias específicas para alcançar uma geração perdida. Com certeza, alguns

17. Coleman, *Plano Mestre*, 9-10.

18. Packer, *Evangelização*, 59-60.

métodos serão mais eficientes que outros; entretanto, cada um deve ser colocado sob o microscópio para ser escrutinado quanto à sua fidelidade à apresentação da pura e legítima Palavra da cruz. À luz dessas palavras de alerta, seguem-se sugestões metodológicas.

Evangelização na Igreja Local

Certamente, o instrumento mais eficiente de evangelização é a igreja local. Nenhuma outra agência chega perto em eficácia na hora de trazer a comunidade a Cristo. Na realidade, todas as outras agências de evangelização são paraeclesiásticas, significando que seguem ao lado da igreja local e dela dependem para serem eficientes. A evangelização na igreja local implica a preparação e a motivação dos membros das igrejas locais para sair eficientemente em busca de suas comunidades. Em outras palavras, a igreja local é o motor primário na evangelização e o receptor primário dos frutos desta. Esta ação evangelizadora deve incluir os seguintes elementos:

Evangelização pessoal. O crente deve aprender a compartilhar sua fé e a entrar na comunidade para levar as pessoas a Cristo. As igrejas precisam fornecer programas especiais de treinamento para os leigos, a fim de prepará-los para a evangelização pessoal. O programa da Igreja Presbiteriana de Coral Ridge, na Flórida, é um exemplo de tal programa, que de fato ensina aos membros a arte de ganhar almas. Com certeza, o método de evangelização mais eficiente é uma pessoa compartilhando as boas novas do evangelho com um amigo ou um ente querido. Boa parte do crescimento da igreja ocorre por meio da evangelização e convites pessoais.[19] O melhor esforço que uma igreja local pode realizar, portanto, é preparar e mobilizar seu exército inteiro para evangelizar os perdidos.

Evangelização de simpatizantes. Essa é uma derivação da evangelização pessoal, através da qual a igreja se põe a visitar e ganhar para Cristo cada visitante que chega para um programa ou ministério da igreja. Os que visitam igrejas são, em geral, pessoas que têm interesse ou curiosidade em relação ao evangelho de Cristo e, portanto, darão ouvidos ao evangelista. As igrejas locais que não tiram vantagem dessa oportunidade estão perdendo um meio altamente eficiente de expansão.

---

19. Veja George Barna, *Marketing the Church* (Colorado Springs: Navpress, 1988), 109.

Estudos bíblicos evangelísticos nos lares. Estudos bíblicos nos lares são outro instrumento eficiente disponível para evangelização por meio da igreja local. Casas selecionadas em lugares estratégicos servem como veículos para apresentar Cristo às pessoas que, de outra forma, não iriam à igreja. Treinando uma equipe seleta de professores e anfitriões, a igreja pode dar um testemunho vibrante e eficaz à comunidade. Classes de estudo bíblico nos lares são um refúgio para responder às perguntas dos interessados.

Evangelização em profundidade. Esse é um programa que se originou na América Latina para ajudar as igrejas a alcançar suas comunidades. É um plano para apresentar o Evangelho a cada casa da cidade, fazendo-se um mapeamento e designando uma parte dela para cada grupo. A seu tempo, cada família receberá o Evangelho. Esse nobre empreendimento exaure com certeza os recursos de qualquer igreja, mas merece consideração.

Cultos para interessados. Esses são novos fenômenos pelos quais a igreja local destaca um culto de adoração como planejado para alcançar os perdidos para Cristo. Embora a idéia se preste a algumas inovações bizarras, o culto para os interessados pode ser útil ao apresentar Cristo a uma geração perdida. Novamente, é preciso cautela para não diluir a mensagem do Evangelho, nem confundir o culto para os interessados com um verdadeiro culto cristão de louvor. A concepção bíblica deve ser como a de um culto evangelístico realizado na igreja em caráter regular, mas numa hora separada dos cultos rotineiros de domingo.[20]

Evangelização Através dos Meios de Comunicação de Massa

Outro grupo de métodos que pode encontrar uso eficaz na evangelização dos perdidos é a vasta gama de recursos que apelam para as massas nas categorias de rádio, televisão, filmes evangélicos e literatura. Embora caros, quando empregados estrategicamente, podem ser meios muito eficientes para alcançar um segmento da população que talvez seja inatingível pelos métodos convencionais. Por exemplo, atualmente o filme *Jesus* tem sido dublado em muitas línguas, e milhões de espectadores ao redor do mundo têm assistido. Há pouco, o filme foi projetado em grandes centros muçulmanos no norte da África, onde outros meios seriam vãos.

20. Veja a crítica de Packer a esses cultos, *Evangelização*, 57-58.

Evangelização por meio de Cruzadas

A época da evangelização em massa ainda não passou. Embora não seja a mais eficiente na contribuição para o crescimento da igreja, é um instrumento muito eficaz na promoção da evangelização e na comunicação do evangelho a um grande auditório. Desde cruzadas envolvendo cidades inteiras a campanhas locais, esses esforços para atingir grande número de pessoas de uma só vez têm seu lugar. Não vamos nos esquecer de que a igreja de Jerusalém surgiu em conseqüência de evangelização em massa (At 2). Certo número de evangelistas e avivalistas talentosos é perito nesse método de evangelização e desempenha um lugar especial na promoção da evangelização na Igreja cristã.

Evangelização Especializada

Estamos numa era de especialização, a igreja tem desenvolvido programas criativos almejando grupos específicos de perdidos. A igreja local pode lucrar com esses esforços, adotando e adaptando esses métodos para alcançar grupos selecionados. A Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo e os Navegadores são organizações que começaram almejando universitários e trabalhadores, respectivamente. Ambos desenvolveram materiais excelentes para uso da igreja local na evangelização de universitários. Por exemplo, há almoços de homens de negócio, evangelização por meio de esportes, programas para mães de pré-escolares, classes de Boas Novas desenvolvidas pela Aliança Pró-Evangelização de Crianças, ABS para secundaristas e até programas para estudantes de escolas públicas. A igreja não deve se intimidar, deixando de criar ministérios especiais para atingir grupos especiais de pessoas não-alcançadas. Ela precisa continuar criativa, procurando ganhar este mundo para Cristo.

19

O Discipulado

S. Lance Quinn

Deus chamou pastores para a tarefa indispensável do discipulado. Tanto o Antigo como o Novo Testamento destacam o discipulado como parte necessária do ministério — não uma opção. Jesus, o maior discipulador, utilizou em seu ministério quatro princípios de reprodução que continuam igualmente relevantes hoje. São eles: meditação com oração, seleção com critério, associação com propósito e proclamação com poder. As Escrituras nunca se referem a algum pastor que não discipule; elas só aplaudem pastores reprodutores.

A instrução bíblica a respeito do discipulado remonta ao conselho de Jetro a Moisés, para que escolhesse homens piedosos para ajudá-lo a julgar as questões de Israel. As palavras do próprio Jetro são:

> Ouve agora a minha voz; eu te aconselharei... tu, dentre todo o povo, procura homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; e põe-nos sobre eles por maiorais de mil, maiorais de cem, maiorais de cinqüenta e maiorais de dez; para que julguem este povo em todo o tempo, e seja que todo negócio grave tragam a ti, mas todo negócio pequeno eles o julguem; assim, a ti mesmo te aliviarás da carga, e eles a levarão contigo. Se isto fizeres, e Deus to mandar, poderás, então, subsistir; assim também todo este povo em paz virá ao seu lugar (Êx 18.19, 21-23).

O Mandamento do Discipulado

Discipulado no Antigo Testamento

Moisés aprendeu bem com o sogro e disse aos homens de Israel no deserto: "Como suportaria eu sozinho as vossas moléstias, e as vossas cargas, e as vossas diferenças? Tomai-vos homens sábios, inteligentes e experimentados, entre as vossas tribos, para que os ponha por vossos cabeças" (Dt 1.12,13). Além disso, o que ordenou para a liderança efetiva nos problemas diários de Israel, Moisés considerou necessário também para as futuras gerações:

> E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por testeiras entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas (Dt 6.6-9; cf. 11.18-21; 16.18-20).

Moisés instituiu um processo de discipulado entre pais e filhos (e até netos) que garantiria liderança piedosa no lar e na sociedade para o povo de Deus, tanto em seu tempo como no futuro. Sempre que existe uma necessidade de discernir a vontade de Deus nas questões dos homens — no mundo ou em casa — o princípio claramente prescrito é desenvolver líderes fazendo discípulos.

Como exemplo, Moisés não deixou Israel sem liderança. Ele discipulou Josué, de modo que "o SENHOR engrandeceu a Josué diante dos olhos de todo o Israel; e temeram-no, como haviam temido a Moisés, todos os dias da sua vida" (Js 4.14; cf. Êx 24.13; 33.11; Nm 11.28). Moisés transmitiu um princípio administrativo: reproduza-se nos outros, de modo que a liderança do povo de Deus continue através das gerações.

Ao longo do restante do Antigo Testamento, o mesmo princípio foi bem óbvio na relação de treinamento entre Elias e Eliseu (1 Rs 19.19-21; 2 Rs 2.3; 3.11) e entre Baruque e Jeremias (Jr 36.26; 43.3). Parece que Samuel também tinha um grupo de profetas sob sua supervisão (1 Sm 10.5-10; 19.20-24).

O fato é que esses "relacionamentos individuais de mestre e discípulo na liderança da nação permitia que a função de liderança passasse de um líder a outro, até Deus completar seus propósitos por meio deles, para sanar as necessidades de seu povo".[1] O mesmo autor resume o conceito veterotestamentário de discipulado da seguinte forma:

---

1. Michael Wilkins, *Following the Master: Discipleship in the Steps of Jesus* (Grand Rapids: Zondervan, 1992), 63.

> Relações mestre — discípulo por trás da perpetuação e disseminação da tradição sapiencial seriam encontrados em relacionamentos informais entre pais e filhos, no treinamento de anciãos para tomadas de decisões judiciais na porta da cidade, na orientação sábia dos conselheiros da corte e em certos grupos especializados em sabedoria envolvidos na compilação de palavras sábias.[2]

O discipulado, receba ou não esse nome, é o pulsar do conselho sábio no Antigo Testamento: "Como o ferro com o ferro se aguça, assim o homem afia o rosto do seu amigo" (Pv 27.17).

Discipulado no Novo Testamento

Seguindo esses exemplos do Antigo Testamento, os pastores devem manter-se na empreitada de se construir através dos outros. Isso não é apenas uma opção válida; é um mandato da Palavra de Deus!

O mandato de Jesus. Jesus Cristo em pessoa ordenou que seus discípulos (e, por sua vez, os que seguissem sua linhagem) discipulassem[3] outras pessoas. Mateus 28.18-20, registra esse imperativo inegociável:[4]

> E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinado-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.

Por causa do contexto, é possível dizer que *cristãos* e *discipuladores* sejam termos sinônimos. Se todos os cristãos são discipuladores, tanto mais devem os pastores — presbíteros tomar a dianteira, fazendo o mesmo ao alimentar os discípulos, tornando-os semelhantes a Cristo.[5] É aqui que o relaciona-

---

2. Ibid., 65.

3. Wilkins ajuda a definir o termo discípulo. Ele fala do sentido geral e específico do termo: "o sentido específico é visto mais claramente no final do ministério terreno de Jesus, na Grande Comissão e na Igreja Primitiva"; o sentido geral é "um seguidor devotado de um grande mestre"; o sentido cristão é "aquele que se chega a ele pela vida eterna, confessa-o como Salvador e Deus, ingressando na vida de discípulo... crescendo como cristão em todas as áreas da vida" (ibid., 39-41).

4. Mc16.15,16; Lc 24.44-48; At 1.8-11 apresentam ordens semelhantes.

5. Deve-se tomar a devida precaução para não superdimensionar a relação discípulo—discipulador, porque no final todos são discípulos de Jesus, não do indivíduo que o tornou discípulo.

mento do pastor com os outros torna-se crucial. Os pastores devem ser o exemplo do que significa discipular homens para a liderança espiritual. Tomando a terminologia de João, os "pais" têm a responsabilidade de discipular os "jovens" como se fossem "filhinhos" (1 Jo 2.12-14).

Jesus falou do "jugo" de seu discipulado: "Tomai sobre vós o meu jugo, e *aprendei de mim*, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mt 11.29,30, ênfase minha). Em outra parte ele disse: "Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também" (Jo 13.15). Ao exortar os crentes em Éfeso para que vivessem em retidão e não como antes, Paulo escreveu: "Mas vós *não aprendestes* assim a Cristo" (Ef 4.20, ênfase minha). A respeito da humildade, Paulo lembrou aos filipenses: "Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus" (Fp 2.5).

O mandato de João e Pedro. *De modo semelhante, Pedro lembrou aos* seus leitores: "Porque para isto sois chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o *exemplo, para que sigais as suas pisadas*" (1 Pe 2.21, ênfase minha). O apóstolo João instruiu: "Aquele que diz que está nele também deve andar como ele andou" (1 Jo 2.6; cf. 3.24; 4.13-15; 2 Jo 9; 3 Jo 11).

O autor de Hebreus diz aos seus leitores: "Sejais imitadores dos que, pela fé e paciência, herdam as promessas" (Hb 6.12; cf. 13.7, 9).

O mandato de Paulo. Paulo também exemplifica o mandato pastoral de fazer discípulos. Ele escreveu aos coríntios: "Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores" (1 Co 4.16). Não era simplesmente a Paulo que eles deviam imitar, porque também escreveu: "Sede meus imitadores, *como também eu, de Cristo*" (1 Co 11.1, ênfase minha). Além disso, ele exortou aos efésios: "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados" (Ef 5.1). Ele encorajou os irmãos em Filipos: "Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam" (Fp 3.17). Ele também lhes disse: "O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei" (Fp 4.9). Esse era o motivo pelo qual os tessalonicenses tanto encorajavam a Paulo: "E vós fostes feitos nossos imitadores e do Senhor, recebendo a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo, de maneira que fostes exemplo para todos os fiéis na Macedônia e Acaia" (1 Ts 1.6,7; cf. 2.14, 3.7).

É claro que uma das passagens mais conhecidas que expressam o princípio do discipulado, especialmente para os pastores, encontra-se em 2 Timóteo

2.2: "E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros".

Comentando esse versículo, Adams escreveu:

> Os homens que se qualificam para a obra do ministério são aqueles que conseguem manter a tocha do evangelho bem acesa, *de modo que possam passá-la (inalterada) aos que vêm depois...* As pessoas que Paulo tem em mente reporta-se aos homens que "têm o necessário" e são escolhidos por Deus para fazer a obra ministerial. São homens que aprenderam a empregar seus dons habilmente na obra do pastorado.[6]

E, eles recebem muito de sua habilidade ao serem discipulados por outros homens piedosos. "Paulo vê toda a vida cristã como uma recapitulação da existência de Jesus e, portanto, como um exercício do que outros autores chamam de discipulado".[7] O discipulado como um mandamento na igreja não recebe melhor síntese que em Apocalipse 14.4, onde 144 mil "seguem o Cordeiro para onde quer que vai".

As evidências do Antigo e do Novo Testamento são claras: Todos os crentes, especialmente os pastores ou presbíteros e outros líderes da igreja, devem fazer discípulos de Jesus Cristo. A pergunta é: "Qual a melhor maneira de cumprir esse mandamento?" A resposta, obviamente, é seguir o método empregado pelo próprio Cristo!

O Método do Discipulado de Cristo

O melhor método para discipular outros é o do Discipulador Mestre. Pastores fiéis devem olhar para ele a fim de descobrir a metodologia. Ao fazê-lo, descobrirão quatro princípios chaves seguidos por Jesus; princípios que, quando aplicados, revolucionarão o ato de fazer discípulos. A expressão mais sucinta desses princípios está em Marcos 3.13-15: "E subiu ao monte e chamou para si os que ele quis; e vieram a ele. E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse a pregar e para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios".

---

6. Jay Adams, *Shepherding God's Flock* (Grand Rapids: Zondervan, 1975), 16, ênfase minha.

7. Wilkins, *Following the Master*, 306.

Meditação com Oração

O primeiro princípio que Jesus observou foi o da meditação com oração. Embora Marcos só afirme que Jesus "subiu ao monte" (v. 13), Lucas 6.12,13 afirma claramente: "E aconteceu que, naqueles dias, subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus. E, quando já era dia, chamou a si os seus discípulos". Em alguma parte do lado leste do mar da Galiléia, Jesus Cristo estava orando, pedido a direção de Deus para a escolha dos seus discípulos. Isso não era uma tarefa insignificante na vida de nosso Senhor. Essa decisão afetaria não apenas a era futura da igreja, como também todo o curso da história! A idéia de que Jesus — sendo Deus encarnado — não precisava orar (como alguns dão a entender), uma vez que ele já sabia a perfeita vontade de Deus, questiona a própria integridade de Jesus. Marcos registra explicitamente que Jesus orava! Ele é o Deus-Homem, mas quis comungar com seu Pai celestial para fazer uma escolha que honrasse a Deus. A escolha era um compromisso monumental, e o Senhor banhou fielmente sua decisão em oração. Em seu clássico *The Example of Jesus Christ* (O Exemplo de Jesus Cristo), Stalker escreveu:

> Nós o encontramos [Jesus] envolvido em oração especial logo antes de tomar passos muito importantes na vida. Um desses passos que tomou foi a seleção dos 12 discípulos que seriam seus apóstolos. Aquele era um ato pelo qual dependia todo o futuro do Cristianismo; e o que ele fez antes de tomar a decisão? "E aconteceu que, naqueles dias, subiu ao monte e passou a noite em oração a Deus. E, quando já era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos". Foi depois dessa noite inteira de vigília que ele fez a escolha mais importante do mundo. Houve outro dia que ele fez preparação semelhante. Foi aquele em que informou pela primeira vez aos discípulos que ele deveria sofrer e morrer. Assim, é evidente que, quando Jesus tinha diante de si um dia de crise ou de trabalho difícil, dedicava-se especialmente à oração. Será que nossas dificuldades não seriam amenizadas se as atacássemos da mesma maneira? Isso aumentaria infinitamente a percepção intelectual com que tentamos destrinçar um problema e o poder da mão com que nos pomos a trabalhar. As rodas da existência se moveriam com muito mais facilidade e nossos propósitos voariam muito mais certeiros para os alvos, se a cada manhã revisássemos de antemão, com Deus, as tarefas do dia.[8]

8. James Stalker, *The Example of Jesus Christ* (New Canaan, Conn.: Keats, 1980), 92.

A oração na vida de Jesus como princípio de meditação para a seleção de seus discípulos é óbvio. Se um pastor quiser cumprir o mandato da Grande Comissão, ele deve meditar e orar para escolher as pessoas a quem deve dedicar o tempo disponível para alimentar.[9] Quer seja alguém a quem tenha levado pessoalmente ao Mestre, quer seja um crente que necessite de maior edificação na fé, sua tarefa é orar por eles. E, se Jesus Cristo mesmo gastou a noite inteira em oração pelos discípulos, quanto mais os líderes da igreja! Paulo nos ordena orar sem cessar (1 Ts 5.17) e a seleção para o discipulado com certeza merece essa atitude de oração.

O incentivo de Paulo para que se ore a respeito de tudo (Fp 4.6) sem dúvida inclui o discipulado (cf. Ef 6.18). Suas orações pelos jovens auxiliares são numerosas nas epístolas pastorais (por exemplo, 1 Tm 1.2; 2.8; 6.21; 2 Tm 1.2,3; 4.1, 22; Tt 1.4; 3.15).

Quando Jesus Cristo orou pelos seus, estabeleceu um exemplo tremendo, especialmente para os pastores. Ele deu um exemplo aos discípulos, escolhendo-os por meio da oração.

Seleção com Critério

O segundo princípio extraído do exemplo de Cristo é a seleção criteriosa, como indica Marcos 3.13: "[Jesus] chamou para si os que ele quis; e vieram a ele".

Historicamente, Jesus Cristo ordenou que os homens o seguissem. O compromisso do pastor com o discipulado pode ter três garantias diferentes no processo de execução. Primeiro, ele tem a garantia de que Cristo *ordena* os que *ele* deseja discipular. Em geral, Mateus 28.18-20 garante o discipulado porque é algo ordenado por Cristo, e se ele ordena, sua graça realizará. O livro de Atos mostra claramente que Cristo prometeu o poder do Espírito Santo aos discipuladores (por exemplo, At 1.8; 4.7,8, 31-33; 6.8). Ele também mostra o resultado (por exemplo, At 2.41, 47; At 6.7; 8.12). Isso também é uma grandiosa promessa em que podemos descansar no processo do discipulado.

Segundo, aqueles a quem Cristo convida serão "os que ele quis" (Mc 3.13). Isso comprova sua verdadeira soberania na salvação e na santificação. Morgan observa corretamente:

---

9. Também deve-se mencionar que Jesus não apenas orou na seleção, mas orou pelos discípulos ao longo de todo seu ministério terreno (cf. Jo 17; Lc 22.31,32) e depois (cf. Hb 7.25).

> Essa palavra dá a entender soberania autodeterminante, escolha baseada numa razão pessoal interna... Ele não recebia influência alguma dos apelos temporais. Nenhum apelo que algum homem pudesse lhe fazer poderia ao menos influenciá-lo. Nenhum protesto de falta de competência que algum homem pudesse levantar teria mudado seus propósitos. Sua escolha era uma escolha interna, a escolha de sua própria soberania; portanto, uma escolha pela qual ele assumia toda responsabilidade.[10]

É somente pela vontade de Deus que alguém torna-se discípulo de Cristo e recebe treinamento (Jo 1.12,13; 3.6; 6.44, 63, 65, 70; 8.36; 10.3,4, 16; 15.5, 16; 1 Jo 4.19). Sujeitos à mesma soberania, os líderes espirituais devem selecionar e discipular criteriosamente essas pessoas. Assim como os apóstolos dirigiram a congregação na seleção dos servos em Atos 6.1-6, os líderes de hoje devem selecionar com cuidado as pessoas a quem nutrir e ensinar para o serviço no corpo de Cristo (Ef 4.11-16). Além disso, como Paulo instruiu Timóteo a confiar a verdade espiritual a homens fiéis, os líderes da igreja devem selecionar os homens em quem possam reproduzir a liderança espiritual.[11]

A terceira garantia que o pastor pode ter na seleção criteriosa de discípulos em potencial está na frase de Marcos: "e vieram a ele" (Mc 3.13). Isso mostra que embora o discipulado seja uma questão de ordem e de soberania de Cristo, o resultado será a obediência. Da mesma forma, os que reagem com obediência ao convite do evangelho serão, obviamente, os candidatos mais prováveis. Esses estarão dispostos a tomar sua cruz diariamente (Lc 9.23)[12] e manifestarão sua prontidão para o discipulado. Entretanto, vale uma palavra de cautela. Eims alerta: "Quem quer que esteja pensando no ministério de fazer discípulos ou nisso esteja envolvido... deve pensar seriamente acerca da seleção. É muito mais fácil pedir que a pessoa venha do que pedir que ela parta caso você perceba,

---

10. C. Campbell Morgan, *The Gospel According to Mark* (Tarrytown, N.Y.: Revell, 1927), 66.

11. Para uma discussão do chamado ministerial, favor procurar o capítulo 6 deste livro e a mensagem gravada de John MacArthur Jr., GC 55-23, "Marks of the Faithful Preacher, pt. 4", (Grace To You, P.O.Box 4000, Panorama City, CA 91412). Veja também John MacArthur Jr., *Ephesians, The MacArthur New Testament Commentary* (Chicago: Moody, 1986), 94-95. Veja também C. H. Spurgeon, *Lições aos Meus Alunos*, vol. 2 (São Paulo: PES, 1990), 27-48.

12. Veja uma análise aprofundada dessa e de outras passagens cruciais nesses contextos em John MacArthur Jr., *The Gospel According to Jesus*, ed. rev. (Grand Rapids: Zondervan, 1994); também John MacArthur Jr., Faith works: *The Gospel According to the Apostles* (Dallas: Word, 1993).

para grande seu embaraço e pesar, que escolheu o homem errado".[13] O selecionador deve, portanto, ser ponderado e vigilante em sua escolha. O princípio de seleção criteriosa foi o método de Jesus para identificar os propagadores do reino de Deus. Os líderes da igreja não devem se esquecer de que os homens, não os programas, são o método de Jesus. Eims alerta:

> Vi homens captar a visão de alcançar o mundo para Cristo. Captei essa visão e dediquei minha vida a esse grande e glorioso propósito. Mas vi alguns homens tornarem-se tão voltados para o alvo que, para alcançá-los, empurravam com os ombros as pessoas que precisavam de ajuda e incentivo.
> Mas qual é o nosso objetivo? Quais são os nossos alvos? Quando todos nós chegarmos ao céu isso ficará claro de forma viva e marcante. Só encontraremos pessoas no Céu. Não haverá registros de comissões, nem ensaios acadêmicos sobre temas intrigantes, nem estudos extensos, anotações ou pesquisas. As pessoas são a matéria-prima do Céu. Se nos apaixonarmos por projetos, alvos e realizações, e nunca estendermos a mão para as pessoas ao longo do caminho; e se dissermos: "Isso não vai me ajudar a atingir meu objetivo", em que estamos realmente pensando? Em nós mesmos! Exatamente o oposto do estilo de vida de Jesus Cristo.[14]

De modo semelhante, Hull afirma:

> A maioria dos cristãos crê que os homens são, de fato, o método precioso de Jesus, mas poucos são os que estão dispostos a investir a vida, colocando todos os ovos nessa única cesta. Crer nessa filosofia centrada nas pessoas é totalmente diferente de praticá-la. Um grande problema da cristandade é que não queremos assumir o risco de investir na vida das pessoas ou não queremos gastar tempo com elas, embora isso tenha sido uma parte importante do ministério de Jesus. Tememos que a cesta seja na realidade uma armadilha para nos enredar.[15]

---

13. Leroy Eims, *The Lost Art of Disciple Making* (Grand Rapids: Zondervan, Colorado Springs: NavPress, 1978), 29.

14. Leroy Eims, *Disciples in Action* (Colorado Springs: NavPress; Wheaton: Victor, 1981), 40.

15. Bill Hull, *Jesus Christ: Disciple Maker* (Old Tappan, N.J.: Revell, 1984), 22. Veja duas obras semelhantes do mesmo autor e mesma editora: *The Disciple Making Church,* 1990 e *The Disciple Making Pastor,* 1988.

Em sua obra clássica, *The Training of the Twelve* (O Treinamento dos Doze), Bruce resume essa questão da seleção criteriosa:

> Por que Jesus escolheu tais homens?... Se escolheu homens rudes, humildes, não foi porque era conduzido por algum ciúme frívolo quanto ao conhecimento, cultura ou bom nascimento. Se um rabi, um rico ou um governante estivessem dispostos a se submeterem irrestritamente ao serviço do Reino, não haveria nenhuma objeção a ele, por causa de suas realizações, posses ou títulos... A verdade é que Jesus foi obrigado a se contentar com pescadores, publicanos e ex-zelotes para compor o seu apostolado. Aqueles eram os melhores que ele conseguiu. Os que se consideravam "melhores" eram por demais orgulhosos para se tornarem discípulos e, assim, excluíam-se daquilo que, hoje, todo o mundo considera a grande honra: ser príncipes escolhidos do Reino... Ele preferiu homens devotados que não tinham nenhuma dessas vantagens a homens não-devotados. E tinha boas razões; pois pouco importava, exceto aos olhos dos preconceitos da época, qual teria sido a posição social ou mesmo a história anterior dos 12, desde que estivessem espiritualmente qualificados para a obra a que foram chamados. O que importa afinal é, não o que está fora do homem, mas o que está dentro.[16]

Associação com Propósito

Marcos fala de um terceiro princípio crucial para os discipuladores: ter um propósito no discipulado. Marcos 3.14, observa: "[Jesus] nomeou 12 para que estivessem com ele". Ele afirma com muita clareza que Jesus Cristo destacou os discípulos com o propósito de estarem com Ele. A frase em grego, *hina osin meta autou*, pode significar: "com o propósito de" (ou "para", ou mesmo "com o resultado de") estarem com ele". Atos 4.13 registra, mais tarde, o resultado de os discípulos terem gasto tempo com Cristo: "Então, eles [os governantes, anciãos e escribas], vendo a ousadia de Pedro e João, e informados de que eram homens sem letras e indoutos, se maravilharam; e tinham conhecimento de que eles *haviam estado com Jesus*" (ênfase minha). O tempo com Jesus não tinha só como propósito o crescimento e o aprendizado através do seu ensino, mas comunhão e renovação por meio de seu modelo e exemplo. Em certa ocasião, depois de pregar e ensinar, Jesus disse: "Vinde vós, aqui à parte, a um lugar

16. A. B. Bruce, *The Training of the Twelve* (reimpressão, Grand Rapids: Kregel, 1988), 37-38.

deserto, e repousai um pouco. Porque havia muitos que iam, e vinham, e não tinham tempo para comer. E foram sós num barco para um lugar deserto" (Mc 6.31,32).

Qualquer ministério pastoral efetivo dará destaque à honra de Cristo, mesmo que nisto gaste um tempo precioso, com os que mais tarde seguirão o pastor. O coração de Paulo, no que dizia respeito a Timóteo, estava repleto do desejo de ter comunhão com ele nas coisas do Senhor. Ele disse em 1 Timóteo 3.14: "Escrevo-te estas coisas, esperando ver-te bem depressa". Depois, em 2 Timóteo 1.4, ele disse que ver Timóteo era encher-se de gozo. Paulo pediu a Timóteo: "Procura vir ter comigo depressa" (2 Tm 4.9) e "Procura vir antes do inverno" (v. 21). Isso não era apenas uma comunhão para suprir as necessidades de Paulo, mas também um momento de refrigério e instrução. Paulo era extremamente ligado aos seus discípulos. Descreve-se a seguir a ocasião em que, depois de ter discipulado os anciãos de Éfeso por alguns anos, entendeu que talvez não voltassem a vê-lo: "E, havendo dito isto, pôs-se de joelhos e orou com todos eles. E levantou-se um grande pranto entre todos e, lançando-se ao pescoço de Paulo, o beijavam, entristecendo-se muito, principalmente pela palavra que dissera, que não veriam mais o seu rosto" (At 20.36-38). Que empatia entre Paulo e seus homens!

É claro que a estrutura de tais períodos de convivência é flexível, mas o importante é isto: não se pode influenciar de verdade uma pessoa sem gastar tempo com ela. Se o pastor quiser reproduzir-se na vida dos outros, isso será conseqüência de uma combinação consciente de comunhão espiritual e edificação bíblica. Em outro contexto, Whitney escreve:

> Se de repente você percebesse que não tem mais tempo, lamentaria o modo pelo qual gastou o tempo no passado e o gasta agora? A maneira pela qual você vem usando o tempo *pode* ser um grande consolo em seu último momento. Talvez você não esteja muito contente com alguns modos pelos quais tenha usado o tempo, mas não ficará satisfeito, então, com todos os momentos de vida cheia do Espírito, com todas as ocasiões em que obedeceu a Cristo? Não ficará grato, então, com aqueles momentos que gastou nas Escrituras, em oração, adoração, evangelização, serviço, jejum etc, no intuito de tornar-se mais parecido com Aquele diante do qual será julgado? (Jo 5.22-29). Quanta sabedoria existe em viver como Jonathan Edwards resolveu viver:

"Resolvi que devo viver daquela forma que eu gostaria de ter vivido quando estiver à morte".[17]

Hadidian afirma:

Como você vai usar seu tempo, conhecimento e capacidade? Vai empregá-los no que é temporário ou no que é eterno? Quando estivermos perto da morte, como será grato saber que estamos deixando para trás outras pessoas que, comprometidas com Deus, sua Palavra e seu povo, estão desenvolvendo a obra que lhes confiamos.[18]

De modo semelhante, Bounds escreve:

Somos constantemente pressionados, se não obrigados, a inventar novos métodos, novos planos, novas organizações para fazer progredir a Igreja e garantir expansão e eficiência ao evangelho. Essa inclinação da época possui a tendência de perder de vista o homem ou afogá-lo no plano ou organização. O plano de Deus é dar valor ao homem, muito mais do que a qualquer outra coisa. Os homens são o método de Deus. A Igreja está procurando métodos melhores; Deus está procurando homens melhores.[19]

O pastor que gasta tempo com Cristo terá uma profunda influência disciplinadora sobre as pessoas, incentivando-as a passar um tempo com ele meditando na Palavra de Deus, e, assim, frutos espirituais abundarão. Como resultado, aumentarão também os frutos nas pessoas influenciadas por seus discípulos. Nunca é demais salientar o princípio da associação com um propósito. Quanto mais o líder e seus candidatos a discípulo gastarem tempo juntos e com Cristo, mais semelhança de Cristo colherá para a glória de Deus (cf. Rm 8.29).

17. Donald S. Whitney, *Spiritual Disciplines for the Christian Life* (Colorado Springs: NavPress, 1991), 132.

18. Allen Hadidian, *Successful Discipling* (Chicago: Moody, 1979), 18.

19. E. M. Bounds, *Power Through Prayer* (Grand Rapids: Zondervan, s.d.), 11.

Proclamação com Poder

O aspecto final do discipulado é a proclamação poderosa: "E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse pregar e para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios" (Mc 3.14,15). Jesus tinha o propósito de gastar tempo com seus discípulos para que eles pregassem com autoridade. A construção grega no versículo 14 (o uso de uma cláusula final, *hina*) é semelhante à da frase anterior, mostrando distintamente que o plano de Jesus era discipular aqueles homens para enviá-los para pregar o evangelho com poder.

O princípio para aplicação contemporânea é crucial.[20] Os pastores não gastam simplesmente o tempo com os outros, sem que essa associação torne-se manifesta. Esse é o valor final do discipulado: os discípulos fazem outros discípulos e assim por diante. O discipulado alcança o domínio das trevas e traz pessoas para o reino da luz; este é o propósito do discipulado. Quando os pregadores proclamam o evangelho poderoso, Deus faz discípulos que, por sua vez, proclamarão o mesmo evangelho a outras pessoas. A cadeia de discipulado continua ininterrupta desde os dias de Jesus Cristo.

Um princípio implícito também emerge do texto. Jesus discipulou seus homens para que pregassem com autoridade. Ele se propusera a ensiná-los a pregar (*kerussein*, "anunciar" com a incumbência de proclamar com precisão a mensagem prescrita) e a exercer autoridade (*exousian*, "poder") no mundo. Nosso chamado também é pregar e viver uma vida reta, com poder, neste mundo sem Deus. Nosso discipulado, portanto, deve incluir um ensino e uma exemplificação de como viver a verdade em nome de Jesus. Numa cultura muito diferente da cristã, não dispomos de nenhum outro meio para manifestar este tipo de vida transformada, semelhante à de Cristo. O legado que deixamos na vida e através das pessoas a quem discipulamos será poderoso e duradouro.

---

20. Precisamos notar que a proclamação poderosa dos apóstolos não se repete. Uma vez que mantinham um ofício singular, possuíam um poder sobrenatural de Cristo hoje indisponível. Esse é o motivo pelo qual o apóstolo Paulo chamou suas obras miraculosas de "sinais do apostolado" (2 Co 12.12). Ele também falou da singularidade dos apóstolos ao dizer que a própria igreja é edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina" (Ef 2.20). Como pastores ou anciãos na igreja hoje, não podemos invocar autoridade e poder apostólicos, mas nosso poder vem do poder do Espírito Santo agindo através de nós para pregar a Palavra de Deus. Nossa tarefa não é expulsar demônios através de um poder sobrenatural, mas proclamar com poder o Evangelho (cf. Ef 3.20; Cl 1.29; 2 Tm 1.7; Rm 1.16). Veja um desenvolvimento completo da questão da singularidade dos apóstolos em John MacArthur, Jr., *Charismatic Chaos* (Grand Rapids: Zondervan, 1992), 120-25; 230-35.

O Imperativo do Discipulado

Este capítulo procurou mostrar que ser discípulo e fazer discípulos não são opcionais; são ordens claras das Escrituras. Um sumário do mandamento é: "O consenso da história da igreja — antiga e moderna — é que o conceito de discipulado é evidente em toda parte do Novo Testamento, de Mateus a Apocalipse".[21]

Nosso papel como pastores também *exige* que discipulemos. Não podemos ser "pulpiteiros", pregando para o nosso povo, mas sem nos envolver com sua vida. O processo só *começa* com a proclamação das Escrituras. Ele encontra sua verdadeira concretização por intermédio do leque completo da obra do pastorado: edificação, liderança, purificação, cura, proteção, criação e todos os outros aspectos do amoroso cuidado do pastor. Esse *é* o processo de discipulado.

Jesus disse que cada discípulo, quando plenamente treinado, será exatamente como seu mestre (Lc 6.40). Isso coloca uma carga bem pesada de responsabilidade sobre o discipulador, exigindo que ele seja como *seu* Mestre, Jesus Cristo. Não podemos exigir que os homens nos sigam, a menos que, como Paulo, possamos dizer confiantes que somos imitadores de Cristo (1 Co 11.1). Com certeza, qualquer pessoa que falhe nesse ponto não é apto para o pastorado.

Além disso, qualquer pastor que não esteja discipulando está abdicando de uma responsabilidade primária de seu chamado. O chamado do pastor é pregar, mas ele não pode ser um mero orador — falando às pessoas, sem nunca ministrar-lhes no nível pessoal. O pastor é chamado para exortar e instruir, mas não pode ser um simples conselheiro profissional, dispensando sabedoria espiritual por cima da escrivaninha e sem prestar contas ao rebanho. O pastor deve liderar, mas não pode tornar-se administrador em tempo integral, afundado em papéis e negócios, esquecendo-se de que a igreja é o *rebanho*.

Deus não nos chamou para ser clérigos profissionais; ele nos chamou para ser discipuladores. O mandato de Paulo em 2 Timóteo 2.2 estende-se a cada líder da *ekklesia* de Deus: "E o que de mim, entre muitas tetmunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros".

21. Wilkins, *Following The Master*, 293.

De toda a Escritura, este talvez seja o versículo que melhor sintetize a função pastoral com respeito ao discipulado.

O verdadeiro teste do caráter de cada pastor é como ele age no campo do discipulado pessoal. É ali que as pessoas conseguem conhecê-lo melhor e vê-lo como de fato é; elas testarão de modo mais amplo o seu conhecimento bíblico. Esta é uma área que o pastor mais presta contas. Ele ajuda os outros a crescer cada vez mais à semelhança de Cristo e torna-se mais semelhante ao Mestre.

20

A Vigilância e o Alerta

Richard L. Mayhue

Guardar o rebanho de crentes dos perigos espirituais é uma das tarefas pastorais mais negligenciadas na igreja de hoje. Além de comissionar sentinelas espirituais para vigiar seu rebanho, dirigindo-o à verdade e à justiça, Deus encarregou essas sentinelas de proteger o rebanho dos erros doutrinários e do pecado pessoal. Ezequiel 3 e 33 e Atos 20 apresentam instruções claras sobre os comos e os porquês da vigilância pastoral. Os subpastores do rebanho serão bons servos e imitadores obedientes do Pastor Chefe quando vigiarem regularmente as ovelhas e as alertarem contra a infiltração de perigos espirituais.

"Reengenharia da Igreja" foi o tema de uma recente conferência de liderança pastoral sobre como preparar a igreja para o século XXI. Quando li o panfleto da conferência, minha primeira reação foi: "Por que reengenharia na igreja, se Deus a projetou perfeitamente no início? Não deveríamos inspecionar a igreja primeiro e demolir só as partes defeituosas, para podermos reconstruir a parte demolida de acordo com o plano original do Construtor? Quem pode melhorar a engenharia de Deus?" A solução não é reengenharia, mas restauração às especificações originais perfeitas do Projetista divino. O alvo de qualquer mudança deve ser um retorno da igreja às raízes bíblicas, para que ela reconquiste a antiga glória.

Uma inspeção da igreja existente deve incluir perguntas como: Consultamos o *Proprietário* (1 Co 3.9)? Estamos tratando com o *Construtor original*

(Mt 16.18)? A igreja ainda repousa sobre o *fundamento inicial* (1 Co 3.11; Ef 2.20)? Sua *primeira pedra angular* ainda está no lugar (Ef 2.20; 1 Pe 2.4-8)? Estamos usando *materiais de construção aprovados* (1 Pe 2.5)? Empregamos os *trabalhadores* corretos (1 Co 3.9)? Temos utilizado *supervisores* adequados (Ef 4.11-13)? Os padrões iniciais de *controle de qualidade* continuam de pé (Ef 4.13-16)? Continuamos trabalhando de acordo com o *projeto original* (2 Tm 3.16-17)?

A estratégia bíblica para manter o curso da igreja durante o próximo século exige que o papel do *mestre de obras* (i.e., pastores designados por Deus para supervisionar seu rebanho) seja uma das primeiras áreas de revista. De acordo com uma metáfora bíblica, os *supervisores* na figura da igreja como uma construção não são nada mais que os *pastores* do rebanho de acordo com outra figura. O restante desta discussão usará esta última terminologia.[1]

Paulo estabeleceu a tarefa básica do pastor com as seguintes palavras:

> E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para *pastores* e *doutores*, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo, para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que, com astúcia, enganam fraudulosamente. Antes, seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor (Ef 4.11-16, ênfases minhas).

O Verdadeiro Pastor

As Escrituras alertam continuamente seus leitores para que estejam atentos para a falsidade espiritual.[2] Jesus alertou contra os falsos profetas que vêm "vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores" (Mt 7.15).

---

1. Veja um estudo sucinto da figura da igreja como um rebanho de ovelhas em Earl D. Radmacher, *What the Church Is All About: A Biblical and Historical Study* (Chicago: Moody, 1978), 298-307.

2. O Novo Testamento expõe com freqüência a falsidade (ψευδε̄), tais como (1) falsos apóstolos (2 Co 11.13), (2) falsos irmãos (2 Co 11.26; Gl 2.4), (3) falsos cristos (Mt 24.24), (4) falsos profetas (Mt 24.11; 2 Pe 2.1; 1 Jo 4.1), (5) falsos mestres (2 Pe 2.1), e (6) falsas testemunhas (Mt 26.60; At 6.13).

Em outra parte, ele caracteriza o falso pastor como "ladrão e salteador" (Jo 10.1, veja também v. 8).

Em nenhuma parte das Escrituras isso fica mais evidente que nos profetas do Antigo Testamento, que alertavam Israel constantemente contra os falsos profetas, até repreendendo a nação quando se desviava, seguindo um líder falso em lugar do verdadeiro.[3] Embora não tão dramático como o Antigo Testamento, muitas vezes o Novo Testamento também alerta contra líderes espirituais enganadores, desencaminhadores.[4] Cada geração bem-sucedida da história tem provado a necessidade dessa cautela. Continua sendo interesse preeminente de Deus que a igreja seja liderada por verdadeiros pastores.

Em 1981, nas preleções de Lyman Beecher sobre pregação, em Yale, James Stalker alertou com muita perspicácia: "Quanto mais elevada a honra relacionada com a profissão ministerial, quando dignamente cumprida, mais profundo o abuso possível, em comparação às outras vocações".[5] Infelizmente, o genuíno atrai a imitação astuciosa indesejada. De um modo bem real, o verdadeiro pastor deve proteger o rebanho dos espúrios. Os pastores recebem instruções explícitas das Escrituras de alertar o rebanho para o fato de que nem todos os que afirmarem serem pastores verdadeiros estão dizendo a verdade.

Charles Jefferson, em sua obra clássica, *The Minister As Shepherd*, alista sete funções básicas do pastor genuíno:[6]

1. Amar as ovelhas
2. Alimentar as ovelhas
3. Resgatar as ovelhas
4. Cuidar das ovelhas e consolá-las
5. Guiar as ovelhas
6. Guardar e proteger as ovelhas
7. Vigiar as ovelhas.

---

3. Por exemplo, veja Jr 14,12; Ez 13,14; Mq 3; Zc 11.

4. Por exemplo, veja Mt 23; 2 Co 11; 2 Tm 3-4; Tt 1; 2 Pe 1; 1 Jo 4; 2 Jo 8-11; Jd; Ap 2-3.

5. James Stalker, *The Preacher and His Models* (New York: George H. Doran, 1891), 128.

6. Charles Jefferson, *The Minister and His Models* (reimpressão, Hong Kong: Living Books, 1973), 39-66. Veja Também John MacArthur Jr., *The Master's Plan for the Church* (Chicago: Moody, 1991), 169-76.

Este capítulo trata particularmente das duas últimas categorias de Jefferson — guardar e vigiar as ovelhas. Nenhum aspecto do ministério pastoral contemporâneo tem caído em maior desuso que a função salvadora da *sentinela*. É vital para um ministério efetivo que se recupere o aspecto da vigilância pastoral que guarda e protege o rebanho do massacre espiritual que pode ser evitado. O verdadeiro pastor dará máxima prioridade à segurança do rebanho de Cristo. Ao fazê-lo, também ajudará a livrar as fileiras pastorais da contaminação trazida por imitações não autorizadas.

Vigilância sobre o Rebanho

Cada um dos termos *pastor, presbítero* e *bispo* descreve uma faceta da função de pastor. Todos os três aparecem juntos em Atos 20.17, 28 e 1 Pe 5.1-2. *Presbítero* e *bispo* estão ligados em Tito 1, enquanto *bispo* e *pastor* descrevem Cristo em 1 Pedro 2.25. Por causa de sua importância para este assunto, *bispo* será o centro de atenção na exposição a seguir.

Thomas Oden capta numa rápida palavra a característica particular da vigilância inerente ao termo *bispo*: "bispo traduz *episkopos*, que deriva da família de palavras gregas que se referem à guarda, supervisão, inspeção — cuidado responsável para com um processo complexo, num sentido abrangente. *Episkopos* implica vigilância muito mais que hierarquia".[7]

A *supervisão* do pastor sobre o rebanho expressa-se de maneira geral de duas formas.[8] Em primeiro lugar, os pastores fornecem direção e liderança fidedigna e positiva ao rebanho. Em segundo lugar, eles alertam contra perigos espirituais como pecado, falsos ensinos e falsos mestres, incluindo os assaltos de Satanás contra os santos.

Por um lado, o pastor ensina a verdade e, por outro, ele alerta contra o pecado e refuta erros doutrinários. Ao liderar o rebanho rumo às veredas da justiça, o pastor também vigia, alerta e até resgata os desviados que foram enre-

---

7. Thomas C. Oden, *Pastoral Theology: Essencials of Ministry* (San Francisco: HarperCollins, 1983), 71.

8. A supervisão pastoral sobre os outros pressupõe que o pastor primeiro exerce sua própria "auto-vigilância" de que escreve C. H. Spurgeon em *Lições aos Meus Alunos,* vol. 2 (reimpressão, São Paulo: PES, 1990), 1-22. Mais recentemente, John Stott observou: "Os pastores só estarão aptos para guardar o rebanho se, primeiro, guardarem a si mesmo. Os pastores só estarão aptos para nutrir o rebanho de Deus se, primeiro, nutrirem sua própria vida espiritual", em *"Ideals of Pastoral Ministry", Bibliotheca Sacra* 146, n. 581 (janeiro-março, 1989), 11.

dados pelo ensino falso e pelo fascínio do pecado. Quando os pastores exercem sua responsabilidade de supervisão, terão tanto um lado preventivo como um lado confrontativo no ministério. Não se pode pastorear o rebanho com credibilidade, a menos que se forneça uma supervisão corretora de vigilância e alerta.

Vigilância Pastoral

O patriota americano Thomas Jefferson observou que "a eterna vigilância é o preço da vitória".[9] Ele falou de vitória política, mas isso é ainda mais verdade com respeito à igreja, caso deseje que ela vença sobre os falsos ensinos e o pecado. W. Phillip Keller alertou contra os predadores em nossos púlpitos, por meio de seu recente clamor a que se restaure a pregação bíblica e verdadeira nas igrejas ao redor do mundo.[10] *Predador* pode soar rude, contudo segue o exemplo de Cristo, que foi justo ao chamar os fariseus de condutores cegos, víboras e sepulcros caiados (Mt 23). O guarda espiritual de Deus deve ser direto em seus protestos e confrontar com vigor os que usurpam, com malícia, as tarefas dos pastores verdadeiros, desviando assim o rebanho de Cristo.

O pastor do Salmo 23 consolava as ovelhas com sua vara e cajado.[11] Esses instrumentos não simbolizam apenas a vigilância; nas mãos do pastor, são também instrumentos de proteção e direção, que são o fruto da vigilância. A vara protegia o rebanho contra o perigo imediato, invasivo. O cajado servia para juntar as ovelhas, guiá-las e até resgatá-las, caso se desgarrassem. Assim também, o pastor do rebanho de Cristo — a igreja — deve estar vigilante. A saúde e integridade espiritual do rebanho dependem de sua dedicação a essa fase de sua responsabilidade.

Em sua época, Charles Jefferson captou de forma memorável o aspecto protetor da responsabilidade de um pastor do antigo Oriente Próximo. Os paralelos com o pastoreio de igreja de nossos dias são óbvios mas, infelizmente, demasiadamente ignorados.

---

9. John Bartlett, *Familiar Quotations* (reimpressão, Boston: Little, Brown and Co., 1982), 397.

10. W. Phillip Kaller, *Predadors In Our Pulpits* (Eugeme, Oreg.: Harvest House, 1988).

11. Veja uma descrição viva da vara e do cajado do pastor em W. Phillip Keller, *A Shepherd Looks at Psalm 12* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), 92-103.

> O pastor oriental era, acima de tudo, um vigia. Ele tinha uma torre de vigia. Era sua responsabilidade manter os olhos bem abertos, vasculhando constantemente o horizonte, contra a possível aproximação de inimigos. Ele era obrigado a ser circunspecto e atento. A vigilância era uma virtude cardinal. Uma vigilância atenta era-lhe necessária. Só sua atenção podia frustrar o inimigo. Havia muitos tipos de inimigos, todos terríveis, cada um à sua maneira. Em certas épocas do ano havia enchentes. Os ribeiros enchiam-se rapidamente e inundavam suas margens. Era necessária uma ação rápida para evitar a destruição. Havia inimigos mais sutis — animais vorazes e astutos: leões, ursos, hienas, chacais, lobos. Havia inimigos no ar: grandes aves de rapina estavam sempre espreitando do alto, prontas para investir sobre uma ovelha ou um filhote. E depois, o mais perigoso de todos, havia as aves e os animais de rapina humanos — ladrões, bandidos, homens que viviam de roubar rebanhos e matar pastores. Aquele mundo oriental estava repleto de perigos. Estava prenhe de forças hostis ao pastor e seu rebanho. Quando Ezequiel, Jeremias, Isaías e Habacuque falam a respeito de pastores, chamam-nos de sentinelas, prontos para alertar e salvar.[12]

A vigilância, sem dúvida, começa no púlpito, mas vai muito além. Vigiar o rebanho como um todo não isenta de vigiar a congregação como indivíduos. Um ministério vigoroso a partir do púlpito sempre foi a espinha dorsal do pastorado, mas isso não esgota as responsabilidades do pastor. Considere a opinião de Charles Bridges:

> Não vamos pensar que todo nosso trabalho é feito no estudo e no púlpito. Pregar — a grande alavanca do Ministério — extrai muito de sua força da conexão com a obra pastoral; e sua disjunção por demais freqüente dela é uma causa importante de nossa ineficiência. O pastor e pregador combinam-se para formar a completitude do ofício sagrado, conforme se expõe em nossos cultos de ordenação e ilustrações bíblicas. É muito pouco o que uma aparição pública formal pode fazer em resposta ao sentido mais baixo de termos como pastor, sentinela, supervisor, mordomo — termos que implicam, não apenas uma superintendência geral sobre o rebanho, paroquianos ou família, mas uma compreensão de suas necessidades individuais e uma distribuição adequada à ocasião; sem a qual, em vez

12. Jefferson, *The Minister*, 41-42.

de "olhar por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo nos constituiu bispos", mal se pode dizer que estamos "assumindo sua supervisão".[13]

A supervisão pastoral inclui uma forte ênfase na vigilância atenta a perigos espirituais sorrateiros, como mostram os seguintes exemplos de exortação do Novo Testamento:

"E ordenou-lhes, dizendo: Olhai, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes" (Mc 8.15).

"Guardai-vos dos escribas, que querem andar com vestes compridas e amam as saudações nas praças, e as principais cadeiras nas sinagogas, e os primeiros lugares nos banquetes" (Lc 20.46).

"Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão" (Fp 3.2).

"Sede sóbrios, vigiai, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar" (1 Pe 5.8).

"Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganho; antes, recebamos o inteiro galardão" (2 Jo 8).

A igreja primitiva tomou a sério essas instruções bíblicas. Por exemplo, observe tanto o apóstolo João como seu discípulo Policarpo em ação:

> O mesmo Policarpo, vindo a Roma sob o episcopado de Aniceto, resgatou muitos das mãos dos já citados hereges para a igreja de Deus, proclamando a única fé verdadeira, que havia recebido dos apóstolos, isto é, a que foi transmitida pela igreja. E ainda vivem alguns que o ouviram relatar que João, o discípulo do Senhor, foi a um banho em Éfeso e, vendo ali Cerinto, fugiu sem se banhar, exclamando: "Vamos fugir para que o banho não caia, porquanto Cerinto, aquele inimigo da verdade, está lá dentro". E o mesmo Policarpo, certa vez encontrando-se com Marcião, que disse: "reconheça-nos", respondeu: "Reconheço o primogênito de Satanás". Tamanha era a cautela dos apóstolos e seus discípulos, para não terem nenhuma comunhão, mesmo no mundo, com nenhum dos que mutilavam a fé,

13. Charles Bridges, *The Christian Minister* (reimpressão, Edinburgh, Scotland: Banner of Truth, 1980), 343.

de acordo com a declaração de Paulo: "Ao homem herege, depois de uma e outra admoestação, evita-o, sabendo que esse tal está pervertido e peca, estando já em si mesmo condenado".[14]

O padrão continuou na quarta geração (Cristo, João e Policarpo sendo das primeiras três), no ministério de Irineu, um discípulo de Policarpo:

> Uma vez que certos homens colocam de lado a verdade e trazem palavras *mentirosas e vãs genealogias que, como diz o apóstolo*, "mais produzem questões do que edificação de Deus, que consiste na fé", e por meio de ilusões habilmente elaboradas desviam a mente dos inexperientes e os cativam [sinto-me constrangido, caro amigo, a compor o tratado a seguir para expor e contra-atacar as maquinações deles]. Esses homens falsificam os oráculos de Deus e mostram-se maus intérpretes da boa palavra da revelação. Eles também destroem a fé de muitos, desviando-os sob o pretexto de conhecimento [superior], afastando-os daquele que fundou e adornou o universo; como se, aliás, tivessem algo mais excelente e sublime a revelar, do que Deus que criou o céu e a terra, e tudo o que neles há. Por meio de palavras ilusórias e enganosas, engenhosamente iludem os ingênuos fazendo-os ingressar em seu sistema; apesar disso os destroem brutalmente, enquanto os iniciam em suas opiniões blasfemas e ímpias a respeito do Demiurgo; e esses simples são incapazes, mesmo em tal questão, de distinguir a falsidade da verdade.[15]

Mais recentemente, em meados da década de 1960, Harry Blamires escreveu um volume significativo alertando a igreja britânica de seu rápido distanciamento da verdade. Desde então, ele vem sendo associado ao conceito de "pensar cristãmente" por causa de seu apelo claro a que se retorne a uma disposição mental cristã baseada nas Escrituras:

> Nossa cultura é amaldiçoada pelo código do "é tudo uma questão de opinião". Na esfera do pensamento religioso e moral, estamos caminhando rapidamente para um estado de anarquia intelectual onde a diferença entre

14. Eusébio Panfilo, *Eusebiu's Ecclesiastical History* (reimpressão, Grand Rapids: Guardian, 1955), 141-42.

15. Irineu, *Contra Heresias* (vol. 2 de *The Ante-Nicene Fathers*, ed. A. Roberts e J. Donaldson [reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, 1956], 315).

a verdade e a falsidade já não será reconhecida. Aliás, é possível que as palavras *verdadeiro* e *falso* sejam, por finalmente (e logicamente), substituídas pelas palavras *preferível* e *não-preferível*...
A verdade cristã é objetiva, inflexível, inabalável. Ela não é construída de opiniões humanas. Não é algo fabricado por eruditos ou pelos homens nas ruas, e muito menos algo reunido a partir de um milhão de respostas, *sim*, *não* e *não sei*, obtidas de uma amostragem da raça humana. A verdade cristã é algo dado, revelado, aberto aos olhos do inquiridor paciente, que se esquece de si mesmo. Não *fazemos* a verdade. *Residimos* na verdade. Uma boa figura da verdade seria a de um farol fustigado pela fúria elemental do erro indisciplinado. Os que vieram a residir na verdade devem permanecer ali. Não é função deles voltar ao erro com o propósito de se juntar aos companheiros que estão se afogando, com o pretexto de que, dentro ou fora, as condições são quase iguais. A função deles é puxar outros para dentro do abrigo da verdade. Pois a verdade é, com a máxima certeza, um abrigo. E é inviolável. Se começarmos a desmantelá-la e dá-la em pedaços aos de fora, não restará nada para proteger os de dentro, não restará nada para proteger nossa própria cabeça — e nenhum refúgio em que receber os outros, caso finalmente venham a se cansar do erro.[16]

O que Blamires escreveu para a igreja britânica da década de1960, David Wells escreve à igreja americana de 1990:

O rio da ortodoxia histórica que antes banhava a alma evangélica está agora condenado por um mundanismo que muitos não conseguem identificar como tal, por causa da inocência cultural em que ele se apresenta. Com certeza, essa ortodoxia nunca foi infalível nem isenta de defeitos e fraquezas, mas estou muito longe de me deixar convencer que a emancipação de seu núcleo teológico, que boa parte dos evangélicos está efetuando, esteja resultando em maior fidelidade à Bíblia. Aliás, o resultado é exatamente o contrário. Temos agora menos fidelidade à Bíblia, menos interesse na verdade, menos seriedade, menos profundidade e menos capacidade de falar a Palavra de Deus para nossa própria geração, de modo a oferecer uma alternativa ao que ela já pensa. A ortodoxia mais antiga era conduzida por uma paixão pela verdade, e isso era o que lhe permitia

16. Harry Blamires, *The Christian Mind* (reimpressão, Ann Arbor, Servant, 1978), 112-14.

> expressar-se apenas em termos teológicos. A corrente evangélica mais recente não é dirigida pela mesma paixão pela verdade, e esse é o motivo pelo qual muitas vezes carece de interesse teológico.[17]

Tanto Blamires como Wells colocam-se na longa corrente ininterrupta de homens nobres que têm encarado com seriedade as ordens bíblicas quanto à vigilância e alerta. Eles servem como exemplos de vigilância pastoral na melhor tradição do bispo neotestamentário.[18]

Paulo escreveu a Tito: "O bispo seja irrepreensível... retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes" (Tt 1.7,9). A exortação, sozinha, sem a refutação, resulta em insubordinação, até desobediência grosseira. Decerto, nada mais é que negligência para com o encargo.

John Stott denunciou e confrontou recentemente a negligência cada vez maior dos pastores do final do século XX, que falham na vigilância contra o erro doutrinário e no combate a ele:

> Essa ênfase é hoje impopular. Diz-se freqüentemente que os pastores sempre devem ser positivos em seu ensino, nunca negativos. Mas os que dizem tais coisas ou não lêem o Novo Testamento ou, tendo lido, discordam dele. Pois o Senhor Jesus e seus apóstolos deram o exemplo e até estabeleceram a obrigação de ser negativo na refutação do erro. Será possível que a negligência desse ministério seja uma das principais causas da confusão teológica na igreja hoje? Com certeza, a controvérsia teológica é desagradável para espíritos sensíveis e tem seus perigos espirituais. Ai daqueles que têm prazer nisso! Mas não se pode evitá-la conscientemente. Se, quando surge um ensino falso, os líderes cristãos colocam-se de lado, inertes, e nada fazem ou dão as costas e fogem, vão ganhar o terrível

17. David F. Wells, *No Place for Truth oração Whatever Happened to Evangelical Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), 11-12.

18. O erro doutrinário nem sempre aparece em sua forma mais óbvia ou descritível. "O erro, aliás, nunca se apresenta em sua deformidade nua, para que, assim exposto, não seja detectado de imediato. Mas é habilmente ataviado com uma roupa atraente, como se, por sua forma externa, possa parecer aos inexperientes (por mais ridícula que seja a expressão) mais verdadeiro que a própria verdade" (Irineu, *Contra Heresias* [p. 315]). Veja uma discussão atual da fraqueza da igreja no discernimento da verdade e da doutrina em John MacArthur Jr., *Reckless Faith* (Wheaton, Il.: Crossway, 1994).

cognome de "mercenários" que pouco se importam com o rebanho de Cristo. Seria correto abandonar suas ovelhas e deixá-las indefesas contra os lobos, como "ovelhas sem pastor"? Seria correto contentar-se em ver o rebanho disperso e as ovelhas despedaçadas? Deve-se dizer dos crentes hoje, como se disse de Israel: "se espalharam, por não haver pastor, e ficaram para pasto de todas as feras do campo" (Ez 34.5)? Hoje, até algumas doutrinas fundamentais do cristianismo histórico estão sendo negadas por alguns líderes de igreja, inclusive a personalidade infinita do Deus vivo, a deidade eterna, o nascimento virginal, a morte expiatória, a ressurreição corporal de Jesus, a Trindade e o evangelho da justificação só pela graça mediante a fé, sem nenhuma obra meritória. Os pastores devem proteger o rebanho de Deus contra o erro e procurar estabelecê-lo na verdade.[19]

Sentinelas Espirituais

Qualquer pastor piedoso no final do ministério gostaria de dizer como Paulo: "Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé" (2 Tm 4.7). Quem não gostaria de ouvir o elogio do Senhor: "Bem está, servo bom e fiel" (Mt 25.21).

Paulo disse aos presbíteros efésios: "Estou limpo do sangue de todos" (At 20.26). Usando a figura de Ezequiel 3.18,20 — "o seu sangue da tua mão requererei" —, o apóstolo testifica que comunicou a Palavra de Deus tanto para os perdidos como para os santos. Quando os incrédulos morriam em seus pecados, Paulo não ficava pastoralmente maculado, porque havia cumprido plenamente sua responsabilidade de pregar o Evangelho (At 20.21). Se os crentes se desviavam e caíam em comportamentos pecaminosos por períodos prolongados, não era porque Paulo não tinha comunicado todo o propósito de Deus (At 20.27).

Se os pastores de hoje quiserem completar seu ministério como Paulo, então precisam ser não apenas *obreiros aprovados* (2 Tm 2.15), mas também *homens que não tenham do que se envergonhar*. O tema da sentinela pastoral é contundente em Ezequiel 3.16-21; 33.1-9. Mais tarde, Paulo empregou com propriedade a mesma linguagem para descrever seu ministério (At 20.17-31).

19. Stott, *"Ideals of Pastoral Ministry"*, 8.

Sentinela

Deus falou a Ezequiel: "Filho do homem, eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; e tu da minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte" (Ez 3.17; cf. 2.7). O profeta então falou tanto para os ímpios (3.18-19) como para os justos (3.20,21).

Ezequiel 33.1-6 relaciona as tarefas de uma sentinela militar com as do pastor. As sentinelas guardavam atentamente seus postos a fim de alertar a cidade da aproximação do perigo e livrar os cidadãos de danos. Se as sentinelas desempenharem diligentemente sua tarefa, não importam os resultados, serão inculpáveis (33.2-5). Entretanto, se a sentinela falha e não alerta a cidade contra o perigo, a culpa da destruição resultante recai sobre ele, como se ele fosse o inimigo e tivesse atacado pessoalmente a cidade (33.6).

O pastorado do século XX fornece paralelos apropriados. O pastor deve vigiar o rebanho como a sentinela vigiava a cidade. O alerta de Deus aplica-se tanto às ovelhas descrentes fora do rebanho, como às ovelhas crentes dentro do rebanho. Os pastores receberão aprovação de acordo com a fidelidade com que transmitirem a Palavra de Deus, independentemente dos resultados. Entretanto, quando o pastor negligencia as tarefas de seu posto, Deus o considera responsável pela falha de não ter sinalizado o perigo e o julgamento que estão por vir.

Numa situação de vida ou morte, ele deve cuidar da cidade em estado de alerta, como uma sentinela vigilante protege sua cidade. Thomas Oden capta a analogia pastoral:

> A imagem do pastor como sentinela, ou protetor, vigilante, guardando durante toda a noite, já era bem desenvolvida nos profetas hebreus. Responsabilidade radical perante Deus era a característica central dessa analogia, conforme declara Ezequiel de forma impressionante: "Veio a palavra do Senhor a mim ... eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel ... quando o justo se desviar da sua justiça e fizer maldade ... o seu sangue da tua mão o requererei" (Ez 3.16-21). Tais ordens quanto à responsabilidade profética são com freqüência transferidas, por analogia, para o ofício cristão de presbítero.
> Ouça a analogia: a sentinela sobre a cidade é responsável pela cidade inteira, não apenas por uma de suas ruas. Se a sentinela dorme durante um

ataque, todo o dano resultante é de sua responsabilidade. Essa era a analogia da aliança mais tarde aplicada repetidas vezes ao pastor, que era encarregado de cuidar de nada menos que uma pequena cidade análoga, a *ekklesia*. Se a congregação cai na rede de um ensino sedutor ou se esquece do que deve, de quem seria a responsabilidade, se não a do presbítero, o ancião-dirigente?[20]

Trabalhador

O discurso de Paulo aos presbíteros da igreja de Éfeso compreende a instrução mais explícita e completa sobre liderança espiritual dada a uma igreja neotestamentária. Ele apóia pesadamente nas figuras e idéias de Ezequiel 3 e 33.[21] O tema da sentinela estendeu-se muito além do ministério pessoal de Ezequiel. Paulo não só serve como uma sentinela vigilante, como ordena que os presbíteros de Éfeso façam o mesmo.

Pelo menos cinco características atestam o paralelo estreito entre Ezequiel 3 e 33 e Atos 20. Primeiro, ambos, Ezequiel e os presbíteros efésios, foram destacados por Deus. "Eu te dei por atalaia" (Ez 3.17). "O Espírito Santo vos constituiu bispos" (At 20.28). A comissão em ambos os casos resultou de um chamado direto de Deus para o ministério.

Segundo, a tarefa designada para ambos implicava em essência uma supervisão vigilante. O hebraico שׁוֹפֵה (*sôpeh*), traduzido por "atalaia" em Ezequiel 3.16, é traduzido por σκοπός (*skopos*) na versão LXX grega.[22] Compare isso

20. Oden, *Pastoral Theology,* 70. Grandes reformadores da igreja do passado, como John Knox (The First Blast of the Trumpet, *in:* On Rebellion, ed. Roger A. Mason [Cambridge, England: Cambridge University, 1994], 7-8) e Martinho Lutero *(Luther's Work,* vol. 39, ed. Eric W. Gritch [Philadelphia: Fortress, 1957], 249-50) perceberam claramente a analogia da sentinela em Ezequiel 3 e 33 — fator que influenciou grandemente seus ministérios.

21. Veja F. F. Bruce, *The Book of Acts,* in: NICNT (Grand Rapids: Eerdmans, 1980), 415; Charles Feinberg, *The Prophecy of Ezequiel* (Chicago: Moody, 1969), 29; Everett F. Harrison, Acts (Chicago: Moody, 1975), 315; Evald Lövestam, "Paul's Address at Miletus", *Studia Theologica* 41 (1987): 1-10; Walter R. Roehrs, "Watchmen in Israel: Pastoral Guidelines from Ezequiel 1-3", *Concordia Journal* 16, no. 1 (janeiro 1990), 6-17; Stott, "Ideals of Pastoral Ministry", 6-7.

22. A sentinela está "plenamente consciente da situação, para obter alguma vantagem ou para não ser surpreendido pelo inimigo" *(The Wordbook of the Old Testament,* vol. 2, ed. R. Laird Harris, et al. [Chicago: Moody, 1980], 773). "Sentinela" é empregado num sentido totalmente militar em 1 Sm 14.16; 2 Sm 18.24; 2 Rs 9.17-20; Is 21.6. Vigilância no sentido espiritual também aparece em Jr 6.17; Hb 2.1.

com ἐπίσκοπος (*episkopos*), traduzido por "bispo" em Atos 20.28.[23] Tanto o profeta como o pastor são responsáveis diante de Deus como uma sentinela espiritual incumbido de alertar contra perigos iminentes. Paulo avisou aos presbíteros efésios:

> Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre o que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue. Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós (At 20.28-31).

Terceiro, em ambas as passagens, a sentinela é instada a comunicar a Palavra de Deus como seu alerta. Aquilo que se comprovou no ministério de Ezequiel (2.7; 3.17; 33.7) também marcou o ministério de Paulo (At 20.20-21, 27). Ambos transmitiram a Palavra de Deus sem comprometê-la. É por isso que o apóstolo encomendou os presbíteros à Palavra da graça de Deus, que também seria a mensagem deles (At 20.32).

Quarto, a sentinela tinha uma palavra para ambos, o ímpio (Ez 3.18-19; 33.8-9) e o justo (Ez 3.20-21). Paulo pregou arrependimento tanto a judeus como a gentios (At 20.21) e todo o propósito de Deus para a igreja (At 20.20, 27). Essa dupla responsabilidade de alcançar os perdidos com o evangelho e cuidar dos santos continua até o presente.

Quinto, tanto Ezequiel como Paulo consideravam sua tarefa de sentinela (supervisor) como questões da mais alta importância — uma questão de vida ou morte. Se Ezequiel cumprisse sua tarefa, independentemente dos resultados, estaria livre de toda responsabilidade (3.19, 21). Por outro lado, se falhasse, deixando de proclamar o alerta, Deus prometia: "O seu sangue da tua mão requererei" (3.18, 20; 33.8). Paulo declarou: "Estou limpo do sangue de todos" (At 20.26).

---

23. João Calvino, *Comentários sobre Ezequiel* (vol. 1 [reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, s.d.], 148-49), comentou: "Pois sabemos que a palavra *bispo* significa o mesmo que sentinela". O verbo relacionado, σκοπέω (*skopeo*), é empregado no Novo Testamento tanto para vigilância quanto ao positivo (Fp 3.17) como quanto ao perigo (Rm 16.17).

O conceito de ter o sangue sobre a cabeça ou nas mãos originou-se em Gênesis 9.5-6, que articula o princípio judicial de pena capital. Essa idéia encontra aplicação em três categorias da vida.

1. Morte real, quer intencional (Js 2.19; 1 Rs 2.33; Mt 27.25; At 5.28) ou acidental (Êx 22.2; Dt 22.8).

2. Pecados hediondos não envolvendo morte, mas exigindo a morte como punição (Lv 20.9,11-13; 16.17).

3. Questões espirituais de proporções tais que implicam vida ou morte (Ez 3.18,20; 33.4, 6, 8; At 18.6; 20.26).

Quando as responsabilidades pastorais tais como ensinadas em Ezequiel 3 e 33 e Atos 20 captam nossa atenção, compreendemos cada vez melhor por que Paulo exclamou: "Ai de mim se não anunciar o Evangelho!" (1 Co 9.16). O apóstolo compreendia plenamente a séria responsabilidade que Deus lhe dera como pregador do evangelho. Ele cairia no desagrado de Deus se fizesse menos que isso. A vigilância e o alerta em relação ao rebanho são exigências da pregação do Evangelho, não opcionais ou coisas de especialistas.

Ezequiel e Paulo também lançaram luz sobre Hebreus 13.17. O autor bíblico cita sucintamente a implicação de ser bispo fiel, alguém que vigia o rebanho e um dia prestará contas de seu trabalho: "Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossa alma, como aqueles que hão de dar conta delas, para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil". Os pastores prestarão contas a Deus pela vigilância e pelos alertas em favor das ovelhas em questões espirituais. A vigilância desempenha um papel importante no ministério confiado por Deus a seus servos pastores.

Um Bom Ministro de Jesus Cristo

"Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Jesus Cristo, criado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido" (1 Tm 4.6). Para benefício espiritual da igreja de Éfeso, Paulo insistiu que Timóteo apontasse "estas coisas", referindo-se à falsa doutrina denunciada em 4.1-3 e à verdade ensinada em 4.4-5. O "bom ministro de Jesus Cristo" aponta-os para o rebanho por meio da vigilância e da instrução.[24] A falta de advertência provoca uma

24. C. H. Spurgeon comprovou-se uma sentinela clássica no século XIX, em escritos como "How to Meet the Evils of the Age" e "The Evils of Present Time" (in: *An All-Round Ministry* [reimpressão, Pasadena, Tex.: Pilgrim, 1983], 89-127, 282-314).

Chernobyl espiritual porque o perigo real continua existindo, embora as ovelhas não tenham consciência disso. No final, vão sofrer danos por causa da negligência de um pastor que não fez soar o alarme a tempo.

Como ex-oficial da marinha, já montei guarda de quatro horas no mar, a bordo de um destróier. Durante a vigília eu era responsável pela operação e pela segurança do navio. Se surgisse uma situação de perigo, eu precisava avisar o capitão e a tripulação. Eles dependiam de minha vigilância no cumprimento da tarefa a mim designada. A falha na função seria considerada negligência grave de minha parte, talvez danos ao navio, perda de vidas e um fim desonroso para minha carreira naval. Assim como um bom oficial naval alerta quando o perigo se aproxima, assim também um bom ministro de Jesus Cristo.

Tenha certeza de que é bom proteger o rebanho contra falsos mestres, doutrinas mentirosas e pecados pessoais.[25] As ovelhas encontrarão consolo em sua proteção diligente (Sl 23.4). Se você começar a pregar toda a Bíblia, então o processo de vigiar e alertar ocorrerá no curso normal do ministério, porque seus santos recebem alertas por meio da verdade da Palavra de Deus (Sl 19.11).

Paulo, o corajoso pastor, só tinha uns poucos temores. Este é um deles: "Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos e se apartem da simplicidade que há em Cristo" (1 Co 11.3).

Como bons ministros de Jesus Cristo, vamos partilhar desse temor de Paulo, não como sinal de fraqueza ou covardia, mas como demonstração significativa de força aliada a um claro senso de realidade espiritual. Menos que isso resultaria num ministério vazio, convidando Jesus a se desapontar com nosso serviço e colocando em perigo a saúde espiritual do rebanho. O sangue deles ficaria em nossas mãos. Uma vez que o rebanho é muito susceptível ao engano, os pastores devem estar sempre vigilantes.

Jesus Cristo coloca-se como o maior Pastor e Bispo de nossa alma (1 Pe 2.25). Os subpastores de hoje não têm nada melhor a fazer que seguir seu exemplo de vigilância e alerta. Menos que isso seria biblicamente impensável e espiritualmente desonroso.

---

25. Veja um material de valor quanto à disciplina na igreja e a oração como meios de lidar com um crente em pecado em J. Carl Laney, *A Guide to Church Discipline* (Minneapolis: Bethany, 1985) e John MacArthur Jr., *Matthew 16-23* (Chicago: Moody, 1988), 123-39.

21

OBSERVANDO AS ORDENANÇAS

John MacArthur, Jr.

A Ceia ou comunhão e o batismo são as duas ordenanças instituídas por Cristo para serem observadas pela igreja. A Ceia surgiu da última páscoa de Cristo com seus discípulos antes da crucificação. Mais tarde, Paulo corrigiu a igreja coríntia por perverter esta comemoração com sua conduta egoísta. O propósito da Ceia é proclamar simbolicamente a morte de Cristo. Ele exige que cada cristão se prepare com cuidado cada vez que celebra a Ceia do Senhor. Além disso, os cristãos devem encarar a ordenança do batismo com a maior seriedade. Isso significa que ninguém que professe fé em Cristo deve permanecer sem batismo. O batismo retrata a identificação do crente com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição. Jesus em pessoa submeteu-se ao batismo de João antes de começar a batizar as pessoas. Embora o batismo não tenha nenhuma influência na salvação do homem, não é um ato opcional de obediência a Cristo (Mt 28.19).

A Ceia, também denominada Mesa do Senhor ou Comunhão do Senhor, e o batismo são duas ordenanças significativas no Cristianismo protestante. O motivo pelo qual a igreja atribui tamanha importância a elas é que o Senhor Jesus Cristo as instituiu e ordenou. Creio na obediência cristã a essas duas práticas e acho que o cristão deve questionar seu próprio compromisso com Cristo, caso não as observe. Às vezes lutamos para saber a vontade exata de Deus acerca de algum assunto, mas essas ordenanças são ordens claras de Cristo e, portanto, são vitais à experiência cristã; não devendo ser consideradas levianamente, nem desconsideradas.

Ceia

O Contexto Histórico

Na noite anterior à sua morte, nosso Senhor Jesus Cristo reuniu-se com os discípulos no cenáculo para tomar a refeição da páscoa. Todos os anos, o povo judeu reunia-se para celebrar a páscoa, uma refeição especial ordenada por Deus para comemorar a libertação de Israel. Ele lançou uma série de pragas sobre o Egito, para livrar Israel do poder do faraó. Foi só após a última praga — a morte dos primogênitos em toda a terra do Egito — que faraó finalmente concordou em deixar o povo partir. Os israelitas protegeram-se da praga contra os primogênitos aplicando o sangue de um cordeiro morto nos umbrais das portas e nos beirais de suas casas. Depois, comeram o cordeiro assado, juntamente com pães asmos e ervas amargas, uma refeição que passou a ser conhecida como Ceia da páscoa (ou "passagem", trad. de *pesach*) porque o anjo da morte "passou" por eles.

Sempre que um israelita participava da festa anual da páscoa, lembrava-se de que Deus livrou sua nação da escravidão no Egito. A páscoa celebrada hoje ainda relembra esse grande livramento histórico mas, tragicamente, não vê o livramento maior que prenunciava: a cruz de Cristo.

Jesus tomou aquela antiga festa e a transformou numa refeição com novo significado, quando instruiu os discípulos a beber o cálice e comer o pão em memória de sua morte em favor deles. O Calvário supera o Êxodo do Egito como o maior evento redentor da história. Os cristãos não relebram o sangue nos umbrais e nas vergas, mas o sangue derramado na cruz. A Ceia do Senhor é um memorial instituído pelo próprio Senhor. Ele se tornou a concretização plena do livramento do pecado e da morte quando derramou seu sangue e morreu na cruz.

Marcos 14.22-25 registra a narrativa da refeição de páscoa conhecida como a última Ceia do Senhor:

> E, comendo com eles, tomou Jesus pão, e, abençoando-o, o partiu, e deu-lho, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E, tomando o cálice e dando graças, deu-lho; e todos beberam dele. E disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que por muitos é derramado. Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da vide, até àquele Dia em que o beber novo, no Reino de Deus.

Mateus 26.26-29 e Lucas 22,17-20 também registram o incidente. João 13.12-30 faz alusão a ele, e Paulo o comenta em 1 Coríntios 11.23-34. É nesse comentário que centramos nossa atenção. Vejamos abaixo.

A Ceia do Senhor tornou-se celebração normal da Igreja Primitiva. Atos 2.42 afirma: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações". A expressão "partir do pão" tornou-se sinônima de refeição fraterna, com os crentes incorporando a Ceia estabelecida por Jesus ao final de uma refeição em conjunto. Mais tarde, essa combinação de refeição fraterna e Ceia passou a ser conhecida como festa do amor (Jd 12).

A Igreja Primitiva juntou a Ceia a uma refeição, não apenas porque o Senhor Jesus o tivesse feito, mas porque o povo judeu sempre associou a páscoa com uma refeição. Os gentios também incluíam uma refeição com alimentos levados por eles mesmos nas festas religiosas.

Ao que parece, a Igreja Primitiva celebrava a Ceia do Senhor diariamente (At 2.46). Nos tempos bíblicos, era comum a comunhão girar em torno de uma mesa, enquanto as pessoas alimentavam-se. O anfitrião simplesmente se assentava, tomava um pedaço de pão, quebrava-o, e iniciava a refeição.

Mais tarde na vida da igreja, a freqüência da refeição comunitária juntamente com a Ceia foi reduzida a uma celebração semanal (At 20.7). Uma vez que a Bíblia não destaca especificamente a freqüência com que se deve observar a Ceia do Senhor, seria aceitável observá-la após qualquer refeição, seja na igreja ou em casa. O importante é obedecer ao que o Senhor disse e vivenciar o maravilhoso privilégio de comemorar sua morte e antegozar sua volta.

O Contexto Literário

Em 1 Coríntios 11, o apóstolo Paulo escreve para corrigir abusos que haviam ocorrido na igreja coríntia em relação à Ceia do Senhor. A situação coríntia é maravilhosamente instrutiva e aplicável para os dias de hoje.

A perversão que havia acontecido. O Cristianismo havia quebrado barreiras socioeconômicas, mas vinte anos após a ascensão de Jesus, os coríntios estavam começando a erigi-las novamente. Esperava-se que os mais prósperos trouxessem comida para a refeição comunitária e a dividissem com os pobres, mas os ricos chegavam cedo e comiam toda a comida em seus grupos exclusivistas, antes de chegarem os pobres. O segundo grupo, então, voltava para casa com fome (1 Co 11.33,34). Tal abuso contra o amor

e a unidade cristã fazia com que a participação na mesa do Senhor fosse assunto de zombarias. Paulo começa sua discussão desse problema dizendo: "Vos ajuntais não para melhor, senão para pior" (v. 17). É triste dizer, mas é provável que essa condenação aplique-se a muitas igrejas de hoje, porque ou as pessoas não ouvem ou não aplicam a verdade, ou então discutem sobre preferências pessoais ou questões teológicas triviais. Se uma igreja chega a um ponto em que suas reuniões não produzem bons resultados, então está com problemas.

Os coríntios talvez pensassem que estavam observando a Ceia do Senhor partindo o pão, passando o cálice e pronunciando algumas palavras de Jesus, mas aqueles atos não correspondiam ao espírito com quê conduziam a comunhão. Seus corações facciosos e egoístas só produziam uma cerimônia superficial.

Todos sabem que ninguém chega a uma refeição comunitária com um prato para sentar-se num canto e comer sua própria comida. Mas era isso que os coríntios estavam fazendo. Os ricos estavam se alegrando e até se embebedando (v. 21), enquanto os pobres continuavam famintos. Aquilo minava o próprio motivo da festa do amor, que era satisfazer, de um modo harmonioso, as necessidades dos menos afortunados e lembrar o grande sacrifício que os tornara um. A insensibilidade egoísta em relação às necessidades dos outros havia substituído a unidade pretendida.

A igreja é um lugar — talvez o único — em que ricos e pobres podem comungar juntos em amor e respeito mútuo (Jo 13.34,35; Tg 2.1-9; 1 Pe 4.8-10; 1 Jo 3.16-18). A unidade por meio do ministério a grupos necessitados diversos tornou-se o padrão para a nova igreja à medida que compartilhavam todas as coisas (At 4.32-37). Separações raciais, sociais ou econômicas não têm lugar na igreja.

O propósito por trás da cerimônia. A Ceia do Senhor é um memorial dAquele que viveu e morreu por nós, um momento de comunhão com Ele, uma proclamação do significado de sua morte, e um sinal de que esperamos sua volta. A natureza sagrada e abrangente da Ceia exige que a tratemos com a dignidade que merece. Era exatamente isso que os coríntios não faziam. Eles haviam transformado a Ceia do Senhor em zombaria.

Para reconduzi-los ao caminho correto, Paulo faz uma bela apresentação do significado da Ceia do Senhor. Em meio à situação vergonhosa em Corinto, esses versículos são como um diamante caído numa estrada barrenta:

> Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha (1 Co 11.23-26).

O que Paulo disse não era sua opinião pessoal, mas uma tradição transmitida; uma revelação especial que havia recebido diretamente do Senhor Jesus Cristo. Os estudiosos mais conservadores da Bíblia concordam que 1 Coríntios foi provavelmente escrita antes de qualquer um dos quatro Evangelhos, o que tornaria essa passagem a primeira revelação escrita com respeito à Ceia do Senhor.

A noite em que Jesus instituiu a Ceia do Senhor não foi uma noite comum. Ela possuía um significado especial porque era páscoa. E aquela páscoa em especial era significativa porque a crucificação de Jesus seria no dia seguinte, enquanto a páscoa ainda estaria sendo observada. Como cordeiro de Deus, Jesus foi o grande sacrifício pascal (Jo 1.29; 1 Co 5.7).

A refeição da páscoa era estruturada em torno de quatro cálices de vinho tomados em diferentes intervalos durante a refeição:

- **O Primeiro Cálice:** A páscoa começava quando o anfitrião pronunciava uma bênção sobre o primeiro cálice, que era cheio de vinho vermelho, simbolizando o sangue do cordeiro da páscoa no Egito. Isso era seguido de ervas amargas, que simbolizavam o amargor da escravidão israelita e uma explicação do significado da páscoa. Os participantes então cantavam os Salmos 113 e 114 de um grupo de salmos chamados de *Hallell* (palavra hebraica para "louvor").
- **O Segundo Cálice:** Depois desse cálice, o anfitrião partia o pão asmo, mergulhava-o nas ervas amargas e num molho de frutas chamado *haroseth*, e o dividia com os participantes da refeição. O pão asmo simbolizava a pressa com que Israel havia deixado o Egito. Então o cordeiro assado era trazido.
- **O Terceiro Cálice:** Terminada a refeição da páscoa, o anfitrião orava e depois pegava o terceiro cálice. Nesse momento os participantes can-

tavam o restante do *Hallel* (Sl 115-118). Foi esse terceiro cálice que Jesus abençoou e transformou em parte da Ceia. Em vez de se lembrar do livramento físico dos israelitas na saída do Egito, os participantes da Ceia devem se lembrar da morte de Cristo e do livramento por ele concedido.

- **O Quarto Cálice:** O quarto e último cálice celebrava o reino vindouro. Depois de bebê-lo, os participantes da festa de páscoa cantavam um hino de encerramento, uma tradição mencionada nas Escrituras: "E, tendo cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras" (Mc 14.26).

O Senhor Jesus iniciou a Ceia do Senhor dizendo: "Isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim". Da mesma maneira, ele também tomou o cálice, após a refeição, dizendo: "Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim" (1 Co 11.24-25). "E tendo dado graças" vem do verbo grego *eucharisteo*. A adaptação *eucaristia* é o nome empregados por alguns em referência à Ceia do Senhor.

Alguns compreendem mal a identificação que Jesus fez do pão e do vinho com seu corpo e sangue, entendendo que se trata de uma referência literal a seu corpo e sangue físico. O verbo *estin*, "é", freqüentemente significa "representa". Jesus estava dizendo que o pão e o vinho daquela refeição pascal representavam em especial seu corpo e sangue. O vinho não era literalmente seu sangue — este ainda corria em suas veias quando disse aquilo. E o pão não era seu corpo — ele ainda estava fisicamente presente durante a Ceia, à vista de todos.

Jesus muitas vezes falava usando linguagem figurada. Quando disse: "Eu sou a porta" (Jo 10.9), queria dizer que era o canal por onde as pessoas entram na vida eterna. Ele não é literalmente uma porta. As parábolas que contou são exemplos de coisas comuns que destacava como ilustrações de realidades espirituais. Alguns de seus seguidores, por não compreenderem o sentido figurado ou metafórico com que Jesus falava de seu corpo e sangue, deixaram de segui-lo (Jo 6.53-66).

O pão que havia representado o Êxodo passou a representar o corpo do Senhor. De acordo com o pensamento judaico, o corpo representava a pessoa inteira, assim, essa referência ao corpo de Cristo pode ser vista como um símbolo de todo o período de sua encarnação, desde o nascimento até a ressurreição. Cristo nasceu, foi crucificado e ressuscitou como oferta sacrificial dada pela humanidade.

O cálice que Jesus tomou foi o terceiro cálice da refeição pascal, aquele imediatamente posterior ao jantar. Jesus afirmou que o cálice de vinho representava a promessa da Nova Aliança que logo seria ratificada por seu sangue. A Antiga Aliança foi ratificada pelo sangue de animais, mas a Nova Aliança foi ratificada pelo sangue de Cristo. Assim como a assinatura ratifica um contrato ou compromisso hoje, o derramamento do sangue de um animal sacrificado cumpriu essa função nos tempos do Antigo Testamento. O exemplo maior, é claro, é a promessa de Deus de não tomar a vida dos primogênitos israelitas se eles concordassem em, digamos, assinar na linha pontilhada com o sangue de um cordeiro aspergido nos umbrais e nas vergas de suas casas.

Enquanto a Antiga Aliança exigia sacrifício contínuo de animais, a Nova Aliança, representada pelo cálice da comunhão, foi concretizada pelo sacrifício único do Cordeiro de Deus (Hb 9.28). Era como se, na cruz, Jesus estivesse tomando seu sangue e assinando na linha pontilhada. O sangue da cruz substituiu o sangue da páscoa.

Em resposta a tudo o que ele fez por nós, Cristo pede que nos lembremos dele e do que ele realizou. Para a mente hebraica, o conceito de lembrança significa mais que simplesmente rememorar algo que aconteceu no passado. Significa reviver o máximo possível a realidade e o significado de uma pessoa ou situação. Jesus estava pedindo que todos os cristãos ponderassem o significado de sua vida e morte em favor deles. A pessoa pode participar da Ceia, mas se sua mente estiver a milhares de quilômetros, não está de fato lembrando-se do Senhor.

Proclamamos a morte de Cristo toda vez que lembramos dele na Ceia (1 Co 11.26). Esse é um memorial para o mundo de que Deus tornou-se homem e teve morte substitutiva, expiatória por toda a humanidade (1 Jo 2.2). Também aguardamos o dia de seu segundo advento quando todos comungarão com ele em sua presença.

A preparação exigida antes da Ceia. A mesa do Senhor é uma ordenança abrangente. Lembramos do que Cristo fez, renovamos nosso compromisso e comungamos com ele, proclamamos o evangelho e aguardamos seu retorno. É por isso que devemos observá-la corretamente.

A igreja coríntia participava da Ceia de maneira indigna (1 Co 11.27). Também podemos ser culpados desse agravo de várias maneiras:

- **Ignorando-a ao invés de obedecer a ela:** Se dissermos que a Ceia é irrelevante, estamos observando-a indignamente.

- **Não a observando de modo significativo:** Podemos nos preocupar em seguir os rituais, sem compreender a razão de observá-la. A cerimônia superficial e a irreverência podem nos impedir de comungar pessoalmente com Cristo.
- **Entendendo que possa trazer salvação:** Participar da Ceia não implica participação na graça salvadora. A Ceia é um privilégio dos que já são salvos. Ela confronta os pecados e renova a comunhão com Cristo.
- **Recusando-nos a confessar o pecado e a nos arrepender dele:** Nunca devemos participar da Ceia do Senhor se soubermos de algum pecado inconfesso em nossa vida.
- **Não tendo respeito e amor por Deus ou seu povo.**

Os que fazem tais coisas são "culpados do corpo e do sangue do Senhor" (1 Co 11.27). Isso seria tratar a vida e a morte singular de Cristo como algo comum e insignificante. A pessoa que pisa a bandeira de seu país não está só pisando um pedaço de pano; ela é culpada de desonrar o país. A comunhão é um encontro real com o Senhor Jesus Cristo. É tão real que o fato de não se reconhecer a realidade por trás do ato acarreta julgamento (1 Co 11.29).

Para evitar o julgamento, cada participante deve examinar-se a si mesmo e assim comer do pão e beber do cálice (1 Co 11.28). A palavra grega traduzida por "examinar" transmite a idéia de um auto-exame rigoroso. Analise sua vida, suas motivações e atitudes com respeito ao Senhor, à Ceia e aos outros cristãos. Depois disso e de lidar com qualquer pecado ou motivo impróprio, você estará pronto para partilhar do pão e do cálice.

Aquele que participa da comunhão indignamente "come e bebe para sua própria condenação" (v. 29). A palavra traduzida por "condenação" (*krima*) refere-se ao castigo que o Senhor destina aos crentes, não à condenação dos incrédulos que é mencionada no versículo 32, com o termo *katakrino* Tal pessoa não discerniu o significado e a importância do corpo de Cristo. Embora possa ser uma referência ao corpo coletivo de Cristo, a igreja, o contexto sustenta uma referência ao próprio Senhor.

O Senhor disciplinou os coríntios por terem abusado da Ceia, fazendo com que alguns adoecessem e tomando a vida de outros (v. 30). De modo semelhante, Deus entregou Ananias e Safira à morte por terem mentido para o Espírito Santo (At 5.1-11). Tais memoriais da santidade de Deus e do pecado do homem mostram

o que todos merecem e alguns de fato recebem. Alguns cristãos de hoje talvez tenham adoecido ou até morrido por observar indignamente a comunhão.

Embora isso seja verdade, Deus não deseja que os crentes fiquem por demais temerosos ao celebrar a Ceia do Senhor. Paulo assegura que, embora possamos ser disciplinados pelo Senhor, não seremos condenados com o mundo (1 Co 11.32). Nenhum cristão, sob circunstância alguma, jamais será condenado. Deus disciplina seus filhos não para puni-los, mas para corrigir seu comportamento pecaminoso e para levá-los para caminhos de justiça. Hebreus 12.6 afirma: "Porque o Senhor corrige o que ama e açoita a qualquer que recebe por filho". Nunca devemos recear perder a salvação e ser condenados para sempre. Deus intervirá, corrigindo-nos antes que isso possa acontecer.

Paulo conclui seu discurso sobre a Ceia dizendo: "Portanto, meus irmãos, quando vos ajuntais para comer, esperai uns pelos outros. Mas, se alguém tiver fome, coma em casa, para que vos não ajunteis para condenação" (1 Co 11.33,34). Os coríntios deviam esperar uns pelos outros quando se reunissem para a refeição comunitária, em vez de se regalar egoisticamente antes de chegarem os outros. Os que participavam apenas para satisfazer a fome física deviam comer em casa. Caso contrário, perverteriam o propósito da comunhão e ficariam sujeitos ao castigo divino.

O Senhor é muito sério com respeito ao modo de tratar a comunhão. Jamais devemos subestimar seu significado ou deixar de avaliar nosso coração antes de participar dela.[1]

Batismo

Conforme observamos, o Senhor deixou apenas duas ordenança para a igreja: a Ceia e o batismo. Ensinamos muito sobre a mesa do Senhor porque a celebramos, conforme se ordena regularmente. A questão do batismo, porém, parece ter sido deixada um pouco de lado pela igreja de hoje. Pouco ouvimos acerca dele. Há anos que ninguém escreve um livro destacando o batismo. Que eu saiba, "Grace to You" [A Graça para Você] — nosso programa radiofônico diário — é o único programa de rádio nos Estados Unidos que transmite cultos

1. Não tratei de algumas questões secundárias que costumam ser levantadas com respeito à mesa do Senhor, por exemplo, a freqüência com que a igreja observa a comunhão, o suco de uva ou vinho, pão asmo ou pão com fermento. Uma vez que a Bíblia não trata dessas questões, entendo que há alguma liberdade nesses aspectos.

de batismo. É tamanha a diversidade de opiniões acerca do significado e da importância do batismo, que a maioria dos crentes o relega à categoria de discussão eclesiástica antiquada, tendo pouca consciência de sua importância espiritual. No mínimo, o batismo tornou-se questão secundária.

Creio que a raiz dos problemas mais sérios na igreja de hoje é o fato de não se levar a sério o batismo. Esta desobediência delata uma infidelidade para com ordens simples e diretas do Senhor. O batismo é central na Grande Comissão de Jesus à igreja: "Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19). A ordem: "arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado" (At 2.38) é tão aplicável a cada crente hoje quanto foi pela primeira vez no dia de Pentecostes. Quando todos os três mil creram naquele dia foram imediatamente batizados, estabelecendo assim o exemplo para a igreja em todos os tempos.

Por que Alguém que Confesse a Cristo Não Seria Batizado?

Algumas razões podem estar por trás da falta de batismo de alguns cristãos professos.

Ignorância — A pessoa não foi bem instruída quanto ao batismo ou não recebeu nenhum ensino a respeito.

Orgulho — Alguns decidem não ser batizados por questões de orgulho espiritual. Para eles, o batismo depois de um longo período sem o devido batismo neotestamentário seria uma confissão pública de desobediência ou ignorância.

Indiferença — Outras pessoas simplesmente não se importam. Compreendem o ensino do Novo Testamento acerca do batismo e não são contrárias a ele. Talvez até creiam nele, mas nunca decidem aplicá-lo porque, obviamente, não pensam que seja muito importante.

Desafio — Tais pessoas recusam-se expressamente a ser batizadas. Na maioria das vezes, estão vivendo em pecado e não se dispõem a se colocar diante da congregação e reconhecer publicamente a submissão ao senhorio de Jesus Cristo e a alegria de conhecê-lo.

Falta de regeneração — Esta última categoria descreve pessoas que não são de fato crentes, portanto não têm a compulsão interna do Espírito Santo que os leve à obediência. Esses desfrutam das bênçãos de estar próximos à igreja, mas não têm o desejo de fazer uma confissão pública.

Que É Batismo?

Do ponto de vista físico, o batismo é uma cerimônia pela qual a pessoa é imersa, mergulhada ou submergida na água. Há dois verbos no Novo Testamento que descrevem essa realidade: *bapto* e *baptizo*. Eles só ocorrem quatro vezes. A palavra sempre significa mergulhar, como imergir um pedaço de pano na tinta. *Baptizo* é uma forma intensiva de *bapto*. Essa palavra é empregada várias vezes no Novo Testamento e sempre significa "mergulhar completamente" ou até "afogar".

Outra nota técnica importante é que *bapto* e *baptizo* nunca são usados na voz passiva. Nunca se diz que a água foi batizada, isto é, aspergida ou respingada sobre a cabeça de alguém. A pessoa é sempre batizada na água. Isso fica claro no Novo Testamento desde o início.

Mateus 3 começa com a descrição do ministério de João Batista. O versículo 6 observa que as pessoas estavam saindo a ele e sendo por ele batizadas no rio Jordão. Obviamente, se eram batizadas no rio, tinham de ser imersas. Não é preciso um rio se você só vai aspergir um pouco de água na fronte de alguém.

João 3.23 afirma: "João batizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas". Por que ele precisava de muita água? Porque havia uma multidão que precisava ser batizada.

O conhecido relato de Filipe e o eunuco etíope fica em Atos 8. Filipe pregou Cristo, e o eunuco creu. Como conseqüência de sua fé, ele disse: "Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?" (v. 36). Assim, "desceram ambos à água" (v. 38).

Só a imersão pode retratar com precisão a realidade que o batismo deve retratar: o crente, por ser salvo, é unido com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição. Entrar na água simboliza a morte e o sepultamento; sair dela simboliza a nova vida. Como qualquer estudante do Antigo e do Novo Testamento sabe, Deus gosta de ensinar com símbolos, figuras, ilustrações, parábolas e analogias. O batismo é um de seus melhores exemplos.

Qual a História do Batismo?

Onde ele se originou? Como chegamos a ele? O batismo começou nos tempos do Antigo Testamento. O povo de Israel havia recebido as leis, as promessas, os profetas e as alianças de Deus. Eles cultuavam o Deus verdadeiro. Algumas pessoas das chamadas nações gentias reconheciam isso e queriam se identificar com Israel, de modo a poder adorar o Deus verdadeiro corretamen-

te. Elas queriam tornar-se judias — não racialmente, pois isso seria impossível, mas religiosa ou espiritualmente. O sistema que lhes permitia fazer isso era chamado cerimônia de proselitismo. Esta continha três partes: circuncisão, sacrifício de animais e batismo.

O batismo implicava ser imerso na água. Ele representava o gentio morrendo para o mundo gentílico e, depois, surgindo numa nova vida como membro de uma nova família, num novo relacionamento com Deus. Foi na imersão de prosélitos gentios que o batismo surgiu pela primeira vez na história da redenção.

Agora voltemo-nos para o ministério de João Batista. Seu trabalho como precursor de Cristo era preparar o povo para a vinda do Senhor. Como ele tentou fazer isso? Ele sabia que Cristo seria santo e exigiria justiça, arrependimento do pecado e conversão a Deus. Portanto, batizou as pessoas como um símbolo visível dessa conversão.

Num dia especial, no meio de seu ministério, aconteceu algo maravilhoso: "Então, veio Jesus da Galiléia ter com João junto do Jordão, para ser batizado por ele. Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim? Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o permitiu" (Mt 3.13-15).

Como Jesus cumpriu a justiça de Deus? Morrendo na cruz. Seja qual for o significado do batismo, ele está de alguma forma ligado ao momento em que Deus, em sua justa indignação, fez recair a vingança sobre o Senhor Jesus Cristo, o sacrifício perfeito. Toda justiça foi então cumprida, e um Deus justo foi satisfeito, podendo então imputar a justiça aos que cressem.

Em Lucas 12.50, Jesus diz: "Importa, porém, que eu seja batizado com um certo batismo, e como me angustio até que venha a cumprir-se!" Note que ele não disse: "Tenho que passar pela morte ou crucificação". Ele via sua morte como uma imersão que insinuava a ressurreição que estava para ocorrer. Tudo isso foi lindamente prefigurado em seu próprio batismo.

Quando Tiago e João pediram para sentar à direita e à esquerda de Jesus no reino, Jesus respondeu: "Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu bebo e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?" (Mc 10.38). Creio que quando Jesus olhou para seu próprio batismo e disse que aquilo cumpriria toda a justiça, estava afirmando: "Minha morte e ressurreição cumprirão toda a justiça. Eu darei uma demonstração simbólica daquele grande batismo que ainda ocorrerá".

O que se seguiu após o batismo de Jesus? Ele mesmo passou a batizar. De acordo com João 4.1, o Senhor estava fazendo e batizando mais discípulos que João Batista. Isso significava que os pecadores que criam nele estavam confirmando a necessidade de morrer e serem sepultados para a vida velha e se levantarem em novidade de vida. Depois que Jesus morreu e ressuscitou, ele ordenou que se fosse por todo o mundo, fizesse discípulos e os batizasse.

Quando a igreja nasceu, três mil creram e foram batizados. Há uma continuidade absoluta no registro histórico do batismo como símbolo da morte do velho e da ressurreição do novo. Isso encontra seu cumprimento maior na morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo.

Qual o Significado Teológico do Batismo?

Qual o significado espiritual do batismo cristão? O que de fato isso retrata? Quando o crente é batizado por imersão na água, está demonstrando não apenas a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo, mas também *sua união* naquela morte, sepultamento e ressurreição.

Por quem Cristo morreu? Por você. De quem eram os pecados que carregou? Seus. Para quem ressuscitou? Para você. O apóstolo Paulo expressou essa realidade dizendo: "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim" (Gl 2.20). No momento da salvação, por meio de um milagre soberano e espiritual, Deus coloca você em Cristo. É como se você tivesse morrido quando ele morreu na cruz, e tivesse ressuscitado quando ele ressuscitou.

O Novo Testamento às vezes emprega as palavras *batismo* só para falar daquela união espiritual, não da água do batismo. Gálatas 3.27 afirma: "Todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo". Colossenses 2.12 diz: "Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes". E talvez a passagem mais explícita de todas sobre nossa união com Cristo seja: "Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?" (Rm 6.3).

Embora essas passagens não estejam fazendo referência à água do batismo, ela simboliza nossa união espiritual com Cristo. Note como o apóstolo Pedro fez essa distinção: "Como uma verdadeira figura, agora vos salva, batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consci-

ência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo" (1 Pe 3.21). O que salva não é o batismo na água, mas nossa união espiritual com Cristo, também referida como lavagem da regeneração em Tito 3.5 e lavagem dos pecados em Atos 22.16. Mas o batismo na água é o símbolo da salvação.

Qual a Relação entre a Imersão e a Salvação?

Alguns dizem que você precisa ser batizado para ser cristão e que se não for batizado não é salvo. Eles estão confundindo o batismo na água e a salvação. Tendo sido salvos, entramos na obediência. No Novo Testamento, vemos o batismo como o indicador imediato e inseparável da salvação. No dia de Pentecostes, três mil creram, foram batizados e perseveraram na doutrina dos apóstolos, na oração, comunhão e partir do pão. Nenhuma perda. Esse é o padrão de Deus e os apóstolos insistiam nisso.

É comum ouvirmos dizer hoje: "Tivemos uma grande campanha evangelística: três mil foram salvos, 42 foram batizados e dez integraram-se à igreja local". Que diferença! O custo do batismo era muito alto na época do Novo Testamento — ostracismo da cultura, perseguição e, às vezes, morte. Somente os sérios em seu compromisso com Cristo pagavam o preço. O batismo, portanto, era o sinal inseparável da salvação, como devia ser hoje.

Em Atos 2.38 Pedro diz: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado... para perdão dos pecados". Isso significa que a água é necessária para lavar o pecado? Não, mas o ato do batismo é o que demonstra aos outros que os pecados foram remidos ou perdoados.

Muitas vezes perguntam: "É preciso ser batizado para entrar no céu?" O ladrão na cruz não foi (Lc 23.39-43). Pode haver circunstâncias que impeçam o batismo, mas se alguém reluta em ser batizado, isso pode ser um sinal de que o coração não está disposto a obedecer. E um coração desobediente é sinal de que a pessoa não foi regenerada, pois Jesus disse: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14.15) e "Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?" (Lc 6.46).

Por que Tanta Confusão acerca do Batismo?

Seria confusa a discussão bíblica acerca do batismo? Não, mas há uma porção de crentes confusos. Um dos principais objetivos de Satanás na vida do crente é romper qualquer padrão de obediência — e quanto mais rápido, melhor. Se conseguir confundir o batismo a ponto de levar o crente a ignorá-lo,

conseguirá colocá-lo no caminho da indiferença e desobediência. E, Satanás vem trabalhando dobrado há séculos para confundir as igrejas.

A confusão das igrejas. O Exército de Salvação, os quacres (conhecidos como a Igreja dos Amigos) e os ultradispensacionalistas (que seguem os ensinos de E. W. Bullinger) negam, todos, que o batismo tenha lugar na vida do crente de hoje. Por outro lado, as Igrejas de Cristo dizem que o batismo salva. Eles entendem que se você crer, mas não for batizado, irá para o inferno. Um erra no aspecto da graça e o outro, da lei. Um ignora a ordem de obediência; o outro ignora que a salvação é pela fé.

Fora do Cristianismo ortodoxo, a igreja dos mórmons pratica o batismo por procuração pelos mortos. Isso sanciona o conceito herético de ser batizado vicariamente por outro para garantir um lugar no céu. Em um só ano, é comum ocorrer entre os mórmons três milhões de batismos por procuração por três milhões de mortos. Essa é uma prática claramente antibíblica.

O erro do batismo de crianças. A Igreja Católica Romana instituiu o batismo de crianças como um ritual de regeneração. Ela ensina oficialmente que a água purifica o bebê do pecado original, conferindo-lhe a salvação. Até a Idade Média, eles imergiam todos os recém-nascidos, mas depois passaram a aspergir água sobre eles.

A teologia católica romana declara que o bebê que morre sem ter sido crismado ou batizado vai para o "Limbo dos Inocentes". Supõe-se que esse seja o lugar em que os bebês vivem para sempre, gozando de algum tipo de felicidade natural, mas sem nenhuma visão de Deus. Diz-se do bebê batizado, porém, que ele se livra dessa condição de segunda classe, indo para outro lugar em que há visão de Deus.

Essa noção é evidentemente não-bíblica, mas tem se infiltrado em muitas igrejas além da própria Igreja Romana. Por exemplo, Martinho Lutero — iniciador da Reforma Protestante e, portanto, pai de muitas igrejas — nunca se desvencilhou do batismo infantil dos católicos. Aliás, ele escreveu o manual que a Igreja Luterana emprega no batismo de crianças. Ele cria que o batismo purificava a criança do pecado. Quando perguntado: "Como é possível tal afirmação crendo que a justificação é somente pela fé?", ele replicou: "Bem, de alguma forma, o bebê precisa ser capaz de crer". Não existe nada no Novo Testamento que indique o batismo de crianças ou a salvação à parte da fé pessoal no Senhor Jesus Cristo, o que só pode ocorrer com alguém que compreenda o significado do Evangelho.

Por que começou a prática do batismo de crianças? Desde cedo, a Igreja Católica o fez para garantir a inclusão de todos no sistema. Fazendo com que todos fossem "cristãos" desde o nascimento, asseguravam que pertenciam à igreja e, portanto, estavam sob seu controle.

Em vez de descartar a prática arraigada de batizar crianças, as igrejas reformadas ou fundamentadas na Reforma infelizmente adotaram-na, mas com o tempo ela foi sendo modificada. Elas ensinam que quando os pais cristãos batizam a criança, ela automaticamente torna-se um pequeno membro do povo da aliança de Deus. A realidade é confirmada quando a criança tiver idade suficiente para recitar devidamente o catecismo da igreja — um rito conhecido por confirmação.

Uma ameaça tanto à igreja romana como à reformada foi um grupo de pessoas que se levantaram dizendo: "Tudo isso está errado: O batismo é apenas para pessoas que conscientemente colocam a fé em Jesus Cristo. O batismo de crianças nada significa aos olhos de Deus". Esses indivíduos pregaram fielmente o Evangelho, e muitos foram convertidos como conseqüência do ministério deles. Os convertidos que haviam sido batizados quando crianças provaram a realidade da conversão sendo rebatizados como crentes. Os pregadores corajosos que os levaram a fazer isso foram conhecidos historicamente como anabatistas, *ana*, palavra grega para "de novo". Tanto a igreja católica como as protestantes os perseguiram severamente, pois os encaravam como ameaça contra sua base de poder. Essa foi uma das grandes tragédias da história da igreja, porque os anabatistas estavam defendendo o ensino da Palavra de Deus.

Com freqüência perguntam: "Devo ser rebatizado?" Se a pessoa não foi batizada de acordo com o Novo Testamento, ou seja, não foi imersa na água após uma entrega total de sua vida a Jesus Cristo — precisa ser rebatizada. Qualquer outro batismo, consciente ou inconsciente, nada significa. O batismo é só para crentes, e deve ser feito o mais rápido possível depois da conversão (Mt 28.18,19).

22

RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS MAIS FREQÜENTES

John MacArthur, Jr.

Os pensamentos de John MacArthur acerca de uma miscelânea de fases do ministério pastoral não cabem sob nenhum capítulo específico deste livro, mas chegam a MacArthur em resposta a perguntas que lhe são feitas em conferências para pastores e na capela do Master Seminary. A presente discussão reproduz suas respostas breves mas sugestivas a tais perguntas. Ela divide-se em quatro categorias principais: início do ministério, sustentação pessoal, ameaças ao ministério e manutenção do ministério pastoral.

INÍCIO DO MINISTÉRIO PASTORAL

Quais os componentes de um pastor bem-sucedido em seu primeiro campo? Ou, em outras palavras, se o irmão fosse começar tudo de novo, a que itens daria destaque?

Não sei se mudaria muito. Sei muito mais agora, mas não acho que faria algo muito diferente. Comecei ensinando imediatamente a Palavra. Queria ensinar os livros da Bíblia que exaltassem Cristo, para termos uma igreja centrada nEle; ensinar sobre os dons espirituais, de modo que tivéssemos pessoas trabalhando, servindo e usando seus dons e, ainda, discipular pessoas para edificar a liderança, enfatizando a evangelização.

Se fosse fazer alguma coisa diferente, teria me preocupado menos com a estrutura. Quando se é jovem, existe a tentação pela organização. Você acha

que encontrou um conceito novo e esplêndido, um novo fluxograma ou modo de organizar, mas raramente isso é crucial para o ministério efetivo. Você não vai querer gastar muito tempo nisso; mas gastará a maior parte do tempo na dinâmica do ministério, na edificação espiritual de seu povo. Voltaria a criar minha equipe de trabalho dentro da igreja, dentre aqueles que fossem eficazes no ministério e no ensino. Lamento não ter ouvido e orado como devia. Mas desde o início creio que Deus estava liderando, de modo que não gostaria de saber sua segunda opção ou de refazer o que ele fez.

Que conselho sábio o irmão daria para um pastor novo que está começando?

Paulo já falou isso quando disse aos filipenses: "Uma coisa faço, prossigo para Cristo" (veja Fp 3.13,14). Seguir adiante no conhecimento de Cristo, estudando a Bíblia para conhecê-lo. Nunca estudei para fazer um sermão, mas para adquirir conhecimento. Quanto mais você o conhece, mais entende o padrão segundo o qual você deve viver.

Construa seu ministério em torno das Escrituras. Force incansavelmente seu ministério para que ele se conforme à Palavra de Deus, assim você se colocará num lugar de grandes bênçãos. Ministre biblicamente — na medida certa. Faça amizade com pessoas que lhe sirvam de desafio e estímulo, que o questionem, forçando-o a defender os seus atos. Traga para junto de si os melhores, os que lidam melhor com as Escrituras, os que vivem com mais pureza e os estudiosos. Mantenha-se renovado para seu benefício e o da igreja.

Sustentação Pessoal

Quem o pastor vê como seu próprio pastor? Onde o irmão procura cuidado pastoral para sua própria vida?

Procuro na minha equipe. Uma vez que sempre sou o pregador e nunca ouço outro, dependo da leitura de livros e, ocasionalmente, de fitas de áudio. Quando você fala do "seu pastor", está referindo-se a alguém que lhe seja um exemplo de liderança espiritual, ou seja, que mantém e sustenta um alto padrão espiritual na vida. É como as pessoas da congregação olhando para o pastor. Elas observam a vida dele, seu caráter e sua família — e ele estabelece um exemplo para elas. Tenho ao meu lado homens que trabalham comigo todos os dias e fazem o mesmo por mim. São homens que vejo como exemplos e amigos espirituais.

Tenho outros amigos pastores fora de nossa igreja, embora não tenha oportunidade de estar tão perto deles como estou com os meus co-pastores. Também devo acrescentar que sou freqüentemente pastoreado por livros e autores que passei a conhecer e apreciar. Biografias de ministros nobres e que se sacrificaram pela causa de Cristo também são um grande incentivo para minha própria dedicação.

Existe alguma pessoa específica a quem o irmão recorre quando precisa de um conselho pessoal a respeito de questões difíceis?

Minha reação pessoal é procurar alguns dos homens com quem trabalho quase todos os dias. O ambiente mais fiel e puro para eu buscar ajuda é exatamente com meus próprios co-pastores. Creio que permiti que esses homens chegassem ao nível mais alto de seu próprio desenvolvimento nos campos da doutrina, Bíblia e prática, não por lhes dizer em que deveriam crer, mas por liderá-los rumo a um conjunto de convicções de que se apropriaram. Então, quando chego a um ponto em que não consigo resolver alguma coisa e preciso de ajuda, volto primeiro para eles, porque terão alguma resposta para mim. Seria raro eu procurar alguém fora do círculo, pois eles têm sido uma bênção para mim.

Ao longo dos anos, quem são as pessoas que mais lhe influenciaram?

Primeiro, meu pai. Ele continua me influenciando, continua fiel. Está com oitenta anos e ainda prega a Palavra, ama a leitura e o estudo.

Quando estudei sobre o Dr. Charles Feinberg, então deão do Talbor Seminary, ele também causou um grande impacto sobre mim por causa de sua dedicação em conhecer as verdades das Escrituras e sua devoção sem reservas à inerrância. Sua disciplina incansável na vida também me influenciou, estabelecendo para mim um padrão pelo qual tento viver.

Ralph Keiper, ex-pesquisador da Donald Grey Barnhouse, influenciou-me de modo marcante na pregação, desafiando-me a explicar um texto das Escrituras por intermédio de outro, que é basicamente o que faço em quase todos os meus sermões.

Apesar de nunca tê-lo visto, Martin Lloyd-Jones me influenciou. Conheço a família dele e li seus livros. Ele expunha o texto, fazia teologia e adotava padrões bíblicos elevados, sem sacrificar a graça da piedade. Ele tomava posição quando as Escrituras assim o faziam e, se todos em toda a cidade, todo o país tomassem outra posição, permanecia no que as Escrituras ensinavam. Ele não se esquivava.

Há uma série de outros autores e amigos pessoais que têm me influenciado. Anos atrás, comecei a ler os puritanos e descobri que eles são uma fonte rica. Minha esposa, Patrícia, tem me influenciado com sua intensa devoção ao que é correto e honroso diante de Deus.

Como o pastor presta contas?

Primeiro, precisamos prestar contas a Deus. Amo o Senhor e não quero fazer o que lhe traga desonra; esse é o aspecto mais íntimo da minha prestação de contas e o ponto mais alto, pois são 24 horas de relacionamento por dia, a vida inteira. Depois, tenho de prestar contas em casa, com minha esposa e filhos. Quero liderá-los para que amem a Deus e o sirvam; não quero desapontá-los ou desviá-los, nem mesmo fazê-los desconfiar de minha devoção a Cristo, barateando a compreensão que têm da fé e do compromisso cristão. Há muito em jogo na vida deles e na de suas famílias. Em terceiro lugar, tenho de prestar contas pessoalmente aos homens que trabalham comigo e são meus amigos.

Quarto, tenho a responsabilidade de pregar várias vezes, todas as semanas. Isso me lança na Palavra. Se os pastores forem estabelecer quando jovens um padrão de estudo diligente e uma excelente pregação, terão de gastar o resto da vida mantendo esse modelo. Se no começo do ministério você estabelece um padrão baixo, ou seja, de desorganização e mínimo estudo, não há nada para manter. Se os jovens dedicarem os primeiros cinco ou dez anos do ministério a um estudo profundo e diligente da Palavra de Deus, estabelecerão para si mesmos um padrão elevado que agrada ao Senhor e exige fidelidade. Esse nível de organização torna-se o modelo que seguirão com alegria, colhendo seus frutos pelo resto da vida. Isso lhes atira à Palavra numa profundidade em que realmente alcancem comunhão com Deus.

Por fim, levante homens piedosos, devotados, que alimentem altas expectativas a seu respeito. Não esconda sua vida. Você precisa prestar contas aos líderes e pastores, seus companheiros. Deixe-os questionar, debater; não os deixe chegar ao ponto de fazerem tudo o que você disser. Não queira homens do "sim, senhor". Queira amigos que questionem quando for preciso e pergunte por que você está fazendo algo que não fica claro. Essa é uma prestação de contas muito importante, pois lhe mantém longe de decisões tolas, pouco sábias e precipitadas, evitando que você seja cegado pela própria ignorância ou sua própria vontade, ou que seja habitualmente menos do que Deus deseja e a excelência espiritual exige.

Ameaças ao Ministério

Em sua opinião, quais seriam as grandes ameaças que podem minar o ministério de alguém hoje?

Uma ameaça é a preguiça. Vivemos num mundo realmente agitado e numa cultura que caminha a passos rápidos. Muitos correm muito, mas não sei se vão fundo. Com isso, quero dizer que é fácil estar ocupado com as tarefas pequenas e mais rápidas, deixando as tarefas longas e pesadas para trás. Estamos levantando uma cultura, por exemplo, que não executa trabalhos braçais, pelo menos nas principais cidades, pois contrata pessoas para fazê-los. Na América existe uma cultura voltada para a prestação de serviços completamente automatizada que está se afastando da lavoura e da indústria. Muitos não sabem trabalhar duro, especialmente os que ficaram muito tempo na escola. Eles sabem ficar ocupados fazendo uma série de pequenas atividades, mas não sabem encarar com submissão as coisas mais importantes: diligência e disciplina nas Escrituras. O resultado é que muitas vezes as prioridades não são tratadas, acabando em superficialidade no ministério. Uma porção de atividades acontecem num nível raso, mas a parte pesada do ministério, as coisas que exigem tempo, oração e estudo intenso da Palavra, muitas vezes não são bem feitas.

Em segundo lugar, estão as ameaças constantes na área da pureza pessoal. Precisamos guardar o coração e fortalecer o homem interior para permanecermos puros, devotados a Cristo e dedicados à santidade.

Em terceiro lugar, um dos problemas mais importantes que derruba os homens no ministério é a falha de discernimento na formação da equipe ministerial. Sejam presbíteros, pastores, líderes leigos ou amigos, precisamos buscar os que são fiéis no mais alto nível de excelência espiritual. Precisamos das pessoas cuja virtude, sabedoria e fidelidade ao trabalho nos forcem a pensar e a justificar biblicamente o que fazemos. Eles não vão deixar passar porque queremos fazer alguma coisa. Penso que esse tipo de prestação de contas é realmente muito importante.

Uma quarta ameaça que mina o ministério de alguém é a falta de apoio da esposa. Isso pode estender-se aos filhos, mas, particularmente, a falta de apoio da esposa. Aquela que perturba e combate o pastor quando ele tenta ser fiel e leal ao Senhor e à igreja. Se a esposa for negativa em relação à igreja e aos seus membros, ou se for indulgente consigo mesma ou um pouco controladora demais, deixará de ser o apoio de que o marido tanto necessita para poder servir ao seu povo com alegria. Uma esposa realmente apoiadora, amorosa e confiável,

que se mantenha honesta e esteja ao lado do marido até o fim, permite que o homem empenhe todo o coração em fazer o que Deus lhe ordenou.

Toda igreja e todo pastor têm suas críticas. Como o irmão convive com seus críticos?

Em primeiro lugar, analiso minha vida para ver se a crítica é válida. Afirmo que sou privilegiado de prestar meu serviço ao Senhor, não aos homens. Preciso viver de acordo com 1 Coríntios 4, onde Paulo diz na realidade: "Pouco me importa o que os homens dizem de mim". Ele foi criticado impiedosamente, em especial pelas pessoas de Corinto, mas podia responder dizendo: "Não me importo com o que estejam dizendo a meu respeito, mas com o que dizem a respeito do meu Senhor e de sua verdade. Ele afirmou que era o principal dos pecadores, por isso procuro seguir esse padrão e dizer: "Realmente não me importo com o que pensam as pessoas, e com certeza não mereço defesa. Posso ser acusado falsamente ou algo parecido, mas com certeza em algum lugar da minha vida há pecados que meus acusadores nem imaginam".

Precisamos esperar e deixar que o Senhor nos julgue. Preciso ser fiel ao Senhor e não me preocupar com reputação, nem tomar pessoalmente as críticas. Aprendi que devo sempre agradecer ao Senhor uma crítica injusta que surge, sabendo que Ele pode usá-la para me tornar humilde e depurar-me. Entrego-me ao cuidado fiel de meu Criador, como Jesus se entregou ao Pai. Que Deus me defenda se eu merecer defesa. Eu vou defender a verdade, vou defender Cristo e a Bíblia, mas não vou defender John MacArthur. Quando alguém me critica, só digo: "Ore por mim. Obrigado por se importar o suficiente para me contar a sua preocupação. Quero ser como Deus quer que eu seja".

Manutenção do Ministério Pastoral

Crescimento da Igreja

Como o irmão reage à dicotomia que se vê entre a igreja grande e a igreja pequena?

O tamanho pode estar relacionado com diferenças culturais e demográficas. É verdade que algumas são menores do que deveriam por causa do pecado ou da infidelidade — algumas são maiores do que deveriam por fazer concessões. Mas Deus obviamente tem propósitos soberanos para as grandes, assim como

para as pequenas. Elas não passam de pedaços do corpo de Cristo sobre a terra — o tamanho não importa. O que importa é a integridade bíblica e a fidelidade a Deus.

Na Inglaterra, durante a época dos puritanos, aqueles homens de grande profundidade espiritual pregavam para 150 a trezentas pessoas em cidades e vilas. Mais tarde, C. H. Spurgeon pregou para quatro mil em Londres. Deus tem suas razões para o que faz num dado lugar e momento. O Senhor sempre está edificando sua igreja soberanamente. Deus não interrompeu a fragmentação da igreja em tantas denominações e congregações, mas é provável que se todas as igrejas pequenas de certa área se juntassem para começar uma igreja grande, exerceriam um impacto muito maior, teriam um louvor mais estimulante e menos problemas para encontrar líderes, já que só precisariam de um pregador dotado para alimentar a todos. O ministério pessoal e os grupos pequenos poderiam continuar a se desenvolver. Apesar disso, Deus mede o sucesso de cada igreja local, não pelo tamanho ou reputação, mas por sua devoção à verdade e à pureza.

Qual o equilíbrio correto entre o crescimento da igreja que é ativada pelo Espírito e o esforço humano que fazemos para que a igreja cresça?

Penso que quando o crescimento da igreja é realizado pela Palavra e pelo Espírito de Deus num nível espiritual sadio, é maravilhoso. O Senhor fará a igreja crescer. É uma caricatura quando o crescimento é mantido por meios não-bíblicos de técnicas humanas envolvendo manipulação, psicologia ou truques e passa a ser dirigido por homens que não dão ênfase às Escrituras, nem seguem as prioridades da teologia que Deus lhes concedeu. Por exemplo, por mais que usemos a criatividade para evangelizar, precisamos nos lembrar que o homem é totalmente depravado. Assim, compreendemos que Deus precisa trabalhar em seu coração e mudá-lo totalmente para que seja salvo. Essa é uma obra de Deus, não de homens. Se não compreendermos a teologia no que diz respeito à natureza do homem, poderemos pensar que conseguimos manipular a vontade de Deus com palavras, músicas ou programas bem escolhidos.

Acho que boa parte dos movimentos de crescimento da igreja de hoje envolvem manipulação humana. Há uma porção de técnicas que não se fundamentam na Palavra de Deus ou sobre uma base realmente espiritual. Quando a técnica tenta manipular o coração do homem, não reconhecendo que a salva-

ção é de Deus, ou depreciando a Palavra para tornar o Cristianismo mais palatável, então torna-se antibíblica e inaceitável para o Senhor.

As expressões "culto para interessados", "igreja simpática ao consumidor" e "igreja para os que estão fora da igreja" são prestigiadas em nossos dias. Como o irmão reage a isso?

Em primeiro lugar, nenhum homem busca a Deus, mas Ele busca verdadeiros adoradores. Assim, há um interessado na igreja com que precisamos nos preocupar mais — Deus, aquele que se interessa por adoradores de verdade. A igreja deve ser simpática aos crentes que estão vivendo em retidão e se reúnem para cultuar, mas deve ser antipática para com os pecadores que rejeitam o Senhor.

A freqüência à igreja pelos que estão fora dela é puro engano — é como deixar entrar o joio. É absolutamente ridículo querer fazer com que os não-salvos sintam-se à vontade na igreja. A igreja não é um prédio — ela é um grupo de adoradores redimidos e santificados com quem os incrédulos deveriam sentir-se ou miserável, arrependido e atraído a Cristo ou então alienado e isolado. A igreja só deixa o incrédulo à vontade quando esconde sua mensagem e não cumpre a vontade de Deus. Os cristãos devem ser amigáveis e bondosos para com os não-salvos e os pecadores que chegam, mas mesmo no Evangelho, nunca devem evitar a confrontação dos pecados e a advertência pelo desprezo à Palavra.

O irmão sobreviveu a uma série de programas de construção na Igreja de Grace Community. Qual é o seu segredo?

O segredo para mim foi deixar os líderes leigos dirigirem tais projetos e manter-me à parte deles. Não consigo me lembrar de ter participado de mais que cinco reuniões sobre novas construções em 25 anos. Nunca tivemos problemas para levantar o dinheiro para construir, porque nunca construímos um prédio antes que a necessidade ficasse tão premente a ponto de estarmos gritando "socorro", de tanto desespero. Nunca construímos um edifício ou monumento para a igreja ou para nós mesmos.

Certa ocasião estávamos tão lotados que havia três cultos de adoração nas manhãs de domingo. As pessoas sentavam-se do lado de fora e ouviam pelo alto-falante e tivemos de recusar crianças na escola dominical e no berçário. Em outras palavras, estávamos num beco sem saída, o pessoal viu aquilo e compreendeu a necessidade premente.

Sempre construímos economicamente, do modo mais inexpressivo possível mas, ao mesmo tempo, com o máximo de qualidade. Sempre tivemos o apoio pleno e unânime de nossos presbíteros, de modo que podíamos nos dirigir às pessoas e dizer que queríamos o apoio delas porque acreditávamos ser aquela a vontade de Deus. A confiança que tinham na sabedoria espiritual dos líderes e a necessidade óbvia fizeram com que se dispusessem a segui-los.

Se havia na construção elementos relacionados especificamente com minhas funções, eles me perguntavam o que eu queria — coisas como tipo de púlpito, plataforma, formato do auditório, batistério, projeto do escritório, etc. É importante para nossa igreja que nenhum ego prevaleça, que façamos tudo economicamente e que apenas um empréstimo pequeno seja feito depois de levantar a maior parte do dinheiro, senão todo ele de antemão.

Temos uma filosofia de levantar o máximo de dinheiro num único domingo, em vez de passar semanas e meses numa campanha que em geral acaba corroendo as ofertas gerais. Temos marcado um domingo, com meses de antecedência, e centrado nossa atenção nele. As pessoas, então, levam meses para acumular o dinheiro ou oram para poderem ofertar naquele dia do Senhor. Isso resulta numa grande ocasião de alegria, porque a soma é muito alta e todas as pessoas participam juntas.

Uma vez que o irmão crê na soberania de Deus, será que a criatividade humana tem algum lugar na igreja ?

É claro, Deus nos concedeu dons criativos e ele usa cada crente de um modo único. Deus é soberano na salvação, mas não à parte da fé humana e da vontade de corresponder e obedecer. Deus é soberano na santificação, mas requer obediência. Ele é soberano na edificação da igreja, mas não descarta os dons espirituais, o serviço devotado e a comunhão. Deus estabeleceu os fins, mas também os meios.

Deus nos concedeu mentes férteis. O apóstolo Paulo possuía uma estratégia bem elaborada. Ao entrar numa nova cidade, dirigia-se às sinagogas e tentava ganhar os judeus para Cristo. Quando encontrava um grupo de convertidos na sinagoga, passava a evangelizar os gentios. Ele sabia que o inverso não funcionaria. Se fosse primeiro aos gentios, os judeus relutariam muito até em ouvi-lo, quanto mais em aceitar sua mensagem.

Você precisa elaborar estratégias com cuidado, fazendo de tudo para aproveitar cada oportunidade de apresentar o Evangelho e promover o crescimento

espiritual. Os crentes e os líderes das igrejas devem ser criativos ao máximo, sem violar as prioridades ou os princípios divinos.

É incrível o que os profetas faziam para captar a atenção das pessoas. Às vezes faziam demonstrações estranhas para juntar a multidão. Deus tem usado uma miríade de meios. Até nosso Senhor usou milagres como meio de agrupar pessoas. No dia de Pentecostes, Deus usou as línguas para reunir uma multidão — um jeito muito criativo de conseguir a atenção do povo. Acho que o Senhor espera que façamos coisas adequadas, mas obviamente dentro do que é ordenado nas Escrituras.

Desenvolvimento de Equipe e Relacionamentos

Que conselho o irmão daria aos pastores que estão convocando e discipulando a equipe da igreja e os transferindo quando preparados para responsabilidades maiores?

Em 1 Timóteo 3.6, Paulo nos diz para não exaltar o neófito. Antes de elevar qualquer indivíduo a essa função, seus dons, suas capacidades e seu passado precisam ser totalmente conhecidos. Quando o apóstolo Paulo organizava novas igrejas, selecionava homens que conhecia. Enquanto eu crescia, observava meu pai tendo dores de cabeça porque o pessoal da equipe vinha de fora e não estava em sintonia com o que estava acontecendo. Resolvi que procuraria na própria igreja um círculo bem pequeno de pessoas a quem conhecesse e pudesse discipular para formar a equipe. Sempre que trouxe alguém pré-fabricado, com poucas exceções, a experiência foi ruim.

Discipular um novo membro da equipe significa gastar tempo com ele, levá-lo nas viagens, partilhar conferências etc. Nos primeiros anos, quando tínhamos uma equipe menor do que temos hoje, eu me reunia semanalmente. Eu ia ao escritório deles. Acho que o discipulado é mais informal. Deve ser mais que só "eles trabalham para mim e eu dou o serviço para eles". Deve ser um processo de estabelecer um relacionamento. Por vezes, delego responsabilidades teológicas aos co-pastores, apenas para lapidá-los em alguma área. Eu os incentivo a compartilhar comigo o que estão fazendo, de uma forma amigável, não oficial. É essencial atraí-los para junto de si porque, em geral, se você é o pastor principal, eles estão lançando-se sobre seu ministério. É você que está na dianteira e tem as maiores alegrias quando a igreja cresce. Uma vez que essa equipe fiel não obterá os galardões que você obtém, precisa ter no coração um verdadeiro amor e fidelidade

para com o pastor principal. Todos precisam saber que você os serve, assim como eles lhe servem.

Com respeito à promoção de pastores dentro da equipe, você deve manter-se sensível ao crescimento, interesse e desenvolvimento dos dons de cada um. Às vezes pode haver uma mudança interna. Por exemplo, alguns começam no ministério com jovens e depois de alguns anos não querem mais continuar, então você observará seus dons. Se forem os tipos de pessoas que você quer manter na equipe, veja qual a área de ministério que se abre. Se for hora de procurar outra igreja para pregar ou seguir para o campo missionário, fique ao lado e ajude-os a enfrentar o processo de modo que, ao partir, permaneçam como uma fonte por onde possa continuar fluindo o apoio e por onde possa retornar. Muitos pastores deixam as pessoas partir e não mantêm aquela ponte de amizade, de modo que cortam bons relacionamentos. É importante manter os relacionamentos, pois é honroso para Cristo. Você precisa estar lá para ajudá-los e demonstrar interesse e compromisso ao longo de toda a vida e ministério deles.

Ao longo dos anos, como o irmão tem estruturado as reuniões de equipe mais eficientes?

Isso muda com o tempo, mas vejo as reuniões de equipe principalmente como construção de relacionamentos. Um componente menor deste tipo de reunião é falar sobre aspectos informativos e resolver questões. Realizar um programa especial, combater a diminuição de ofertas e resolver dificuldades no departamento infantil não devem ser os elementos mais importantes. As reuniões de equipe estão centradas na edificação de relacionamentos. Você precisa ser informal, acolhedor, entusiasmado e positivo.

Penso que deve haver algum nivelamento entre todos, de modo que o pastor principal não chegue com uma agenda pessoal e a imponha. Este deve ser um período de comunhão, um tempo de oração, um momento para conversar sobre casamento e vida familiar ou a respeito das alegrias e dificuldades do ministério. E ninguém fica de plantão; antes, é um período de compartilhamento. Lidero apenas pela sabedoria na discussão ou pela interpretação das Escrituras. Há momentos em que se dá um direcionamento mais estrito a alguma questão, mas isso raramente ocorre nas reuniões de equipe. Em geral, essas questões são tratadas individualmente.

Construindo relacionamentos fortes e firmes, você mantém a lealdade e a fidelidade. Se você tratar sua equipe como funcionários que têm uma tarefa a

cumprir, eles vão cumpri-la com uma mentalidade de obrigação, mas se sentirem amor uns pelos outros, vão trabalhar com uma motivação completamente diferente.

Em segundo lugar, é hora de reforçar e estabelecer questões doutrinárias ou de reafirmar ou esclarecer princípios de ministério que mantenham o trabalho no curso bíblico. Deve haver uma liberdade de tal maneira que todos tenham o direito de falar e ninguém de fato domine por força ou posição. Esta reunião é um momento de consolidação da equipe e as pessoas precisam dessa comunhão todas as semanas.

Que tipo de relacionamento o irmão procura construir com os pastores da equipe?

Você está pedindo que esses homens o acompanhem, o sustentem, o ajudem, fortaleçam seu ministério, orem por você e façam o trabalho que você não consegue fazer por falta de tempo. Você não consegue visitar todo o mundo, planejar todos os eventos e supervisionar todos os ministérios, de modo que você está pedindo que eles o acompanhem e façam isso por você. O mínimo que você pode fazer é procurar desenvolver neles o mesmo amor pela obra.

É óbvio que você não consegue fazer isso igualmente com todos, caso o grupo seja muito grande, como no caso de nossa igreja. Trabalho mais de perto com os que ocupam posição mais alta na liderança e gasto mais tempo com eles; alguns precisam de mais atenção para se desenvolver. A prática que tenho adotado com os outros é de estar sempre à disposição — a qualquer tempo, sempre que precisarem de mim.

Embora Jesus tivesse 12 apóstolos, até ele tinha um círculo mais chegado (Pedro, Tiago e João). Um fato que permitia que o restante dos homens conhecessem seu coração, mesmo que nem sempre fossem chamados para o círculo mais chegado, era que Jesus sempre os atendia quando chamado por eles.

Essa é a chave. Creio que na reunião dos presbíteros preciso abrir meu coração, isto é, ser aberto e transparente quanto ao que me afeta. Isso solidifica os relacionamentos. Não pontifico, nem quero dominar essas reuniões; quero ser um entre vários. Não tenho a intenção de que eles achem que sou o chefe; quero servir-lhes de guia, mestre e pastor. Quero ajudá-los a esclarecer a doutrina, verificar princípios e resolver questões, guiando-os pelo processo em que conhecer a vontade do Espírito é fundamental.

Quais são suas idéias sobre a função da secretária da igreja e do relacionamento entre ela e o pastor?

É vital encontrar a secretária certa. Ela deve estar sob seu ministério há algum tempo, apresentando algum desenvolvimento e crescimento espiritual dentro de sua filosofia de ministério e de ensino. Deve ser uma pessoa segura, que não precise de incentivos e apoio constantes. Deve ser esperta e manter excelentes relacionamentos pessoais, já que sua gentileza, sabedoria e compreensão refletem a atitude do pastor. As habilidades técnicas são necessárias, mas o que realmente edifica ou racha seu escritório é o tratamento que as pessoas recebem quando ali entram. Muitas vezes, elas não vão falar com você, mas com sua secretária. Então, sua sensibilidade e amor para com elas, sua densidade espiritual bem como sua credibilidade e seu caráter, juntamente com sua capacidade de administrar muitos detalhes com graça são cruciais.

Também penso que ela precisa ter uma memória muito boa. São tantas as informações que passam pelo escritório que esta capacidade é realmente importante. Às vezes, os problemas são questões de vida ou morte; de vez em quando é preciso lidar com problemas que estão sobrecarregando as pessoas, correspondência importante, chamados que precisam ser atendidos de imediato ou coisas que se perdem com facilidade num escritório agitado. Ela deve ser capaz de administrar tudo isso. Portanto, precisa ser muito organizada.

No meu caso, a minha secretária é quem faz o meu agitado ministério transcorrer com muita tranqüilidade. Não fossem sua devoção e capacidade, meu gabinete seria caótico. Uma vez que o trabalho dela não deve implicar sacrifício em casa, a secretária deve ser uma mulher mais velha, uma mulher sem filhos ou solteira. Às vezes, um jovem pode ser excelente secretário.

Sua secretária deve ser amiga de sua esposa, merecer seu apreço e confiança. Ela deve ser alguém que consiga dominar totalmente a língua, respeitando o sigilo das informações internas. É essencial o mais alto grau de integridade. Uma porção de informações confidenciais passa pelo seu gabinete, por isso é preciso ter certeza que ela não lhe trairá a confiança.

Edificação da Igreja

Como o irmão evita que a igreja sofra aculturação, como aconteceu com os coríntios?

Na verdade é muito simples. Você precisa permanecer na Palavra. A Bíblia é um livro muito antigo, escrito numa cultura completamente diferente, mas é

relevante para todos. Pode parecer que a cultura sofre mudanças enormes com o tempo, ou de um lugar para outro, mas só muda no sentido superficial. Na realidade, não há mudanças. O coração do homem permanece igual. Suas necessidades espirituais são as mesmas de sempre. Se você ficar só com a Palavra, não vai sofrer aculturação.

Isso nunca foi de fato um problema para nós. Posso dizer honestamente que não tivemos de combater a cultura infiltrada na estrutura ou no formato de nosso ministério. Estou certo de que há um pouco disso, como estilos musicais ou certas expectativas com respeito às poltronas, um bom sistema de som ou ar condicionado, ou um bom estacionamento. Mas não os vejo como sistemas satânicos. Não os vejo como partes da cultura espiritual e filosófica do anticristo. São coisas externas. Até certo ponto, você precisa ajustá-las porque as pessoas de nossa sociedade não vão sentar num banco de madeira de dez centímetros durante uma tempestade e ouvir você pregar com um megafone. Mas ao mesmo tempo isso não precisa afetar sua teologia. Pode afetar alguns acessórios, mas ainda somos chamados para pregar uma Palavra imutável para pessoas com as mesmas necessidades espirituais.

Qual o lugar do louvor e da música na igreja?

O Pai busca verdadeiros adoradores, e sua igreja pertence a esse grupo. Fomos redimidos para adorar a Deus. Em última análise, é para isso que fomos salvos, para que pudéssemos fazer parte de uma humanidade redimida e glorificada cujo propósito eterno é a adoração. O louvor, portanto, é a prioridade suprema. A música é um dom dado por Deus para permitir uma expressão espiritual ao coração cheio de louvor e do Espírito Santo. Devemos louvar em espírito e em verdade. A verdade está ligada à mente; o espírito está relacionado à paixão, à emoção e ao coração.

A música é um auxílio tremendo nas duas áreas, uma vez que fala a verdade pela letra e proporciona emoção pela melodia. As Escrituras chegam a dizer que devemos falar uns com os outros com salmos e hinos e cânticos espirituais. A música é um dom maravilhoso pelo qual a emoção pode expressar o que nossa mente sabe ser verdadeiro. Ela é catártica. Ela purifica e instrui. A música que fala a verdade da revelação divina honrará o Senhor quando apresentada por pessoas cujo coração esteja colocado em sua presença. Sou grato a Deus pelas letras que nunca escrevi mas expressam o que sinto. Agradeço ao Senhor pelas melodias que jamais poderia compor, porém dão expressão emocional ao que creio ser verdade. Quando a igreja se reúne, esse tipo de expressão é im-

portante; dá liberdade para a alma expressar suas emoções. A música também é instrutiva porque há rima na letra, o que nos permite lembrar com facilidade as verdades sagradas. No culto de adoração, o louvor também ensina e instrui o coração a se preparar para receber a Palavra de Deus. Na adoração não há lugar para um show ou algo que ofereça entretenimento. A música da igreja é para os santos, não deve ser dirigida aos incrédulos.

Quais os segredos da autoridade contínua de um pastor que permanece 26 anos na mesma igreja?

No centro da permanência está o relacionamento com o Senhor e a convicção de que estou no lugar que ele quer. Depois vem o apoio da família. Eu ficaria com o coração partido se minha família perdesse o amor pela igreja. Se minha família ama a igreja que pastoreio e o meu ministério, ela faz com que meu coração continue amando a igreja. Muitas vezes os membros da família, até mesmo a esposa, por estar descontente com algumas coisas, faz o homem afastar-se da igreja amada. Outra fonte de permanência é ter amizades realmente estreitas com seus co-pastores e com os demais irmãos em Cristo.

Ver a mão de Deus em seu ministério também é uma ajuda imensa. Se eu não tivesse experimentado o poder de Deus e não visse as bênçãos e o crescimento espiritual, provavelmente sentiria necessidade de partir e deixar o lugar para outro. Tenho sido abençoado com pessoas desafiadas pelas Escrituras — pessoas que estão crescendo e trazendo outros a Cristo.

Cheguei num ponto em que já fiz o trabalho de base, como quando se constrói uma casa. O trabalho pesado foi escavar, jogar o concreto, fazer os alicerces e construir. Agora tenho a alegria de liderar a família. Não falo apenas de construir estruturas. Se fosse para outro lugar talvez tivesse que construir tudo de novo. Não poderia simplesmente entrar, pregar, ensinar e escrever como faço agora. Mas, finalmente, permaneci, porque Deus nunca desejou o contrário disso.

Expansão da Igreja

Qual a função do pastor, se é que isso existe, na evangelização promovida pela igreja local?

Como em todos os aspectos da liderança espiritual, o pastor tem a função de ser modelo. Sempre achei que eu devia ser instrumento de Deus para levar

outros a Cristo, tanto em minha vida pessoal como pregando o Evangelho. Meu mundo não está cheio de incrédulos, mas de crentes. Apesar disso, procuro aproveitar as oportunidades que Deus me dá para levar outras pessoas a Cristo. Quando você tiver tal privilégio, permita que as pessoas saibam, para que vejam que você está comprometido nesse projeto.

Também é crucial salientar na pregação a prioridade da evangelização. Pessoalmente, acho, no padrão de Efésios 4.11, que a igreja precisa de um pastor mestre e depois de um evangelista que possa mobilizar a congregação para o evangelismo. O Senhor deixou a igreja sobre a terra para evangelizar. Se os salvos apenas louvassem, iríamos para o céu onde o louvor é perfeito. Se somos salvos para servir a Deus, vamos para a glória onde poderemos servi-lo com o corpo glorificado. Se somos salvos para adorar, vamos para onde a adoração é perfeita. Mas fomos deixados aqui para sermos seus instrumentos e reunir o remanescente eleito. Não acho que devamos entrar em pânico por isso, antes, precisamos estar à disposição, com o coração aberto, de modo que, quando Deus colocar alguém em nossso caminho, estejamos prontos para apresentar o Evangelho.

Precisamos compreender a condição dos perdidos e conhecer a realidade do inferno e do julgamento, pois isso faz parte do que pregamos e ensinamos. Ao mesmo tempo em que sustentamos um ódio santo em relação ao pecado e aos pecadores, precisamos ter um coração aberto para os incrédulos e nos sentir responsáveis pela evangelização deles.

Como venho dizendo todos esses anos, a igreja se reúne para ser edificada, mas se espalha para evangelizar. Os líderes são essenciais para supervisionar toda essa área de evangelização, mobilizar as pessoas e oferecer várias formas de treinamento. Sempre tivemos vários cursos de evangelização na igreja, de modo que alcançamos as pessoas em diferentes pontos de seu desenvolvimento cristão, treinando-as para evangelizar de modo eficiente em sua esfera de influência.

Qual a sua opinião sobre formação de igrejas?

Bem, com certeza sou grato por alguns companheiros terem seguido a direção do Senhor, fundando a Igreja de Grace Community. Em geral, minha opinião é que provavelmente temos igrejas em excesso — cerca de 350 mil nos Estados Unidos. Não há pastores capacitados em número suficiente. Gostaria que voltássemos para o modelo do Novo Testamento, em que havia uma cidade

e uma igreja. Talvez precisemos de mais, em grandes centros, é claro. A idéia de iniciar uma igreja por causa de pequena diferença doutrinária ou de estilo é tolice. As igrejas devem ser plantadas pela pregação do Evangelho; pela conquista de almas para Cristo, ou seja, onde Cristo não é conhecido. Reconheço que há lugares em que existem muitas igrejas, mas nenhuma é fiel à Palavra de Deus. Esses lugares podem exigir que uma igreja forte funde, supervisione e ajude a sustentar um novo trabalho.

Como a igreja local deve se relacionar com o corpo de Cristo ao redor do mundo?

Queremos manter a unidade da fé no vínculo da paz e buscar a comunhão com os que defendem a mesma fé preciosa. Queremos apoiar outras igrejas que sejam fiéis à Palavra, enviando missionários a várias partes do mundo. O primeiro lugar é nossa Jerusalém — onde estamos. O outro deve ser resultado de um ministério local dirigido pelo Espírito. Uma base forte é a chave de tudo. Afinal, é neste fundamento que Deus colocou a igreja e nele está a prioridade de seu ministério.

Perspectiva Ministerial

Em sua opinião, por que a Igreja de Grace Community é tão abençoada?

Nossas bênçãos simplesmente vêm da graça de nosso Senhor Jesus. Se Paulo podia dizer "sou o principal dos pecadores", não sei onde isso me coloca. Assim, não é por minha causa que Deus abençoa a Igreja de Grace Community. Mas creio que a nossa atuação ao longo dos anos, de modo bem simples, foi tentar seguir o ensino do Novo Testamento acerca do que deve ser a igreja. E, esta é a riqueza de nossa igreja; não o tamanho, os programas ou a influência. O tamanho está relacionado com os propósitos de Deus. A bênção, a alegria e o fervor dos ministérios na Igreja de Grace Community cresceram porque levamos muito a sério as Escrituras. A devoção e a dedicação à Palavra de Deus estão bem arraigadas. Queremos pregá-la, ensiná-la e vivê-la. Sei que Deus abençoa sua verdade; não são nossas as grandes idéias, mas a fidelidade à Palavra. Nunca quis ter de perguntar a mim mesmo se eu teria construído a igreja ou se Deus a estava construindo, de modo que trabalhamos duro para realizar apenas o ministério bíblico. O desafio maior, como na pregação, é sair do caminho da Palavra e do Espírito, de modo que Deus possa falar e agir.

Após 26 anos de pastorado na mesma igreja, qual sua perspectiva de ministério?

É muito simples. Meu alvo é andar bem junto ao Senhor e dedicar minha vida a minha esposa e família, para podermos estabelecer, pela graça de Deus, um lar piedoso. Assim prossigo à pregação, ensinando a Palavra com a maior fidelidade possível e edificando homens que possam se multiplicar em outras pessoas da congregação e depois ministrar no nível pessoal de acordo com suas possibilidades.

Tudo é construído sobre o que entendemos ser o ensino da Bíblia e o padrão ministerial por ele estabelecido: edificar, conduzir as pessoas à mesa do Senhor, batizar, discipular, treinar, evangelizar no nível local e enviar para os campos do mundo. Todos esses esforços são liderados por homens piedosos devotados à Palavra de Deus, que são fiéis em seu ensino, pregação e aplicação prática. Também penso que é fundamental conduzir as pessoas à confrontarem o pecado, convocando-as para um viver santo e um envolvimento na refutação dos erros doutrinários. Também precisamos cobrir o lado preventivo do ministério.

Olhando para os próximos 25 anos de ministério, quais os desafios que o inspiram?

Minha igreja me inspira e ainda é um desafio tremendo. Sou desafiado porque Los Angeles é a cidade mais racialmente heterogênea dos Estados Unidos. Sou desafiado porque chegam à nossa cidade milhões de pessoas que necessitam ouvir o evangelho. Eu jamais conseguiria ir a todas as cidades de onde elas vêm, mas elas chegam até nós. Sou desafiado porque vejo jovens sendo instruídos e entrando no ministério. O Master's College and Seminary oferece uma oportunidade singular para que isso ocorra. Sou desafiado a continuar pregando a Palavra para uma nova geração. Fico entusiasmado ao incentivar os membros da igreja a serem santos e puros quanto à doutrina e fortalecidos no conhecimento da verdade.

Há 26 anos estou na igreja em que vejo uma porção de pessoas entrando e saindo. Alguns que estavam presentes há muito tempo atrás se foram, sendo substituídos por outros mais novos. Ela continua mudando — subindo e descendo. Em muitos sentidos, a Igreja de Grace Community é hoje uma igreja tão nova quanto em qualquer outro ponto dos 25 anos em que venho servindo a

ela, porque há muita gente nova. Vejo nossa congregação ficando mais jovem, o que significa que é um ministério dinâmico na vida da nova geração, especialmente dos casais jovens.

Também quero continuar escrevendo. Isso me desafia. Os problemas enfrentados pela igreja continuam a se acumular, mas é estimulante tratar deles e ajudar as pessoas a encontrar a solução bíblica.

Minha vida está nas mãos de Deus, e eu o sirvo em primeiro lugar — isso sempre é um desafio. Aliás, meu desafio permanente é ser como Cristo.

Apêndice 1

Confirmação das Convicções Doutrinárias

Tique o espaço apropriado e forneça informações complementares, se requisitadas.

❑ 1. Li atentamente *O que Ensinamos* e afirmo, sem reservas, que concordo plenamente com os presbíteros da Igreja de Grace Community.

❑ 2. Li atentamente *O que Ensinamos* mas tenho reservas a respeito das seguintes áreas porque ainda não tive tempo ou oportunidade de estudá-las a fundo sozinho.

a. _____

b. _____

c. _____

d. _____

❑ 3. Li atentamente *O que Ensinamos* e após cuidadoso estudo pessoal dos assuntos ainda tenho fortes reservas a respeito das seguintes áreas:

a. _____

b. _____

c. _____

d. _____

_____
assinatura

_____
data

(A Igreja de Grace Community permite que este formulário seja citado, reimpresso ou adaptado sem prévia autorização por escrito.)

Apêndice 2

Perfil do Candidato à Ordenação

Favor responder as seguintes perguntas de forma direta e objetiva. Caso já tenha se graduado, responda apenas as perguntas cabíveis.

Favor colar sua fotografia aqui.

Favor datilografar

Data _____

Nome _____

Endereço _____

Cidade, Estado, CEP _____

Telefone Residencial _____

Telefone Comercial _____

Idade _____ Data de Nascimento __/__/___ Seminarista ❑ sim ❑ não

❑ Casado ❑ Solteiro ❑ Divorciado (explique as circunstâncias)

_____

_____

_____

Filhos:

Nome	Idade	Data de Nascimento
_____	_____	____/____/____
_____	_____	____/____/____
_____	_____	____/____/____

1. Quando você conheceu o Senhor?
(Dê seu testemunho completo em uma folha separada) _____
2. Há quanto tempo você está na Igreja de Grace Community? _____
3. Quantos créditos você completou? _____
4. Quando espera graduar-se? _____
5. Qual é o seu programa previsto para o próximo semestre? _____
Número de horas de trabalho por semana _____
Número de créditos _____
6. Explique o que você entende por "chamado para o ministério". O que lhe confirma o chamado? _____
_____
7. Por que você decidiu ir para o seminário? Aqueles que o conhecem apoiam seu desejo de freqüentar o seminário? _____
_____
8. Qual é sua área de especialização? _____
Por que você fez essa escolha? _____
9. Quais são seus objetivos a curto e longo prazo? (Inclua em sua resposta áreas específicas no ministério futuro: pastorado, educação cristã, diretor, capelão, etc.)
_____
_____
10. Seu cônjuge se mostra entusiasmado com seus objetivos? Explique _____
_____
_____
11. De quais maneiras você acha que seu cônjuge pode contribuir para seu ministério? _____
12. Se seu cônjuge lhe pedisse que fizesse uma pausa em seu curso no seminário, o que você faria? _____
_____
13. O que aconteceria se sua esposa engravidasse enquanto você estivesse no seminário? Como isso afetaria sua formação dali em diante? _____
_____
14. Você deseja submeter a direção de seu futuro ministério ao direcionamento e à sabedoria dos presbíteros da Igreja de Grace Community? Você estaria disposto a receber conselhos que o levem a uma outra direção que não a seminário? _____
_____

15. Que função e responsabilidade você gostaria que os presbíteros assumissem na direção de seu ministério presente e futuro? Seja específico. _____

_____

_____

16. Quais são seus dons espirituais? _____

_____

17. Como seus dons têm se manifestado no corpo de Cristo? Explique. _____

_____

18. Como os outros têm aconselhado quanto aos seus dons e ao tipo específico de ministério que você deveria considerar? Explique. _____

_____

19. Aliste seus ministérios anteriores e atuais. Você tem trabalhado mais próximo de qual pastor? _____

_____

20. Quais são suas virtudes e fraquezas? Seja objetivo. _____

_____

21. Se os pastores e presbíteros da Igreja de Grace Community examinassem seu ministério atual, que "fruto" encontrariam? _____

_____

22. Como você vai ordenar suas prioridades nas áreas de seminário, ministério e lar?

_____

23. Como você definiria um líder? Você se consideraria um líder? Caso sim, explique sua experiência nessa área. _____

_____

24. Há algo em sua vida (desde a conversão) que faça você sentir que poderia desqualificá-lo para um futuro ministério? _____

_____

_____

(A Igreja de Grace Community permite que este questionário seja citado, reimpresso ou adaptado sem prévia autorização por escrito.)

Apêndice 3

Perguntas Abrangentes para Ordenação

O Questionário de Ordenação abrange três áreas em que os candidatos à ordenação deverão demonstrar proficiência. Essas áreas são Teologia Sistemática, Conhecimento Bíblico Geral e Teologia Prática. Espera-se que você tenha bons conhecimentos em todos os tópicos especificados.

A ordenação está condicionada a respostas satisfatórias a um mínimo de 70% de todas as perguntas apresentadas.

Recomendações para sua preparação:

Teologia Sistemática e Prática

1. Seja conciso e direto.
2. Estude o que você acredita serem pontos essenciais.
3. Faça um esboço de suas respostas com versículos (isto é, cite um versículo, explique, cite um versículo, explique, etc.)

Conhecimento Bíblico Geral

1. Trabalhe de cima para baixo (temas de livros, esboços, capítulos, passagens, datas, pessoas, versículos).
2. Certifique-se de que alguém o questione periodicamente.

I. Questionário de Teologia Sistemática

Em teologia sistemática, o candidato deve iniciar todas as respostas citando uma ou mais referências bíblicas seguidas de uma explicação do texto. O candidato não deve usar texto como prova em suas respostas, mas demonstrar uma teologia sistematizada baseada em exegese bíblica.

A. *O que Ensinamos*

O candidato deve ser capaz de articular qualquer verdade doutrinária encontrada em *O que Ensinamos* com textos bíblicos de apoio.

B. *Tópico*

O candidato deve ser capaz de demonstrar conhecimento abrangente de sistemática bíblica nas seguintes áreas.

1. Bibliologia
   a. Escrituras
      (1) Tema
      (2) Propósito
   b. Revelação
      (1) Geral
      (2) Específica
   c. Inspiração
      (1) Método
      (2) Verbal
      (3) Plenária
   d. Autoridade das Escrituras
      (1) Inerrância
      (2) Infalibilidade
   e. Iluminação
      (1) Salvos
      (2) Não-Salvos
   f. Canonicidade
      (1) Testemunho Interno
      (2) Testemunho Externo
   g. Teologia Propriamente Dita
      (1) Prova de Deus
      (2) Cosmológica
      (3) Teleológica
      (4) Antropológica

(5) Ontológica
(6) Bíblica

h. Atributos de Deus
(1) Comunicáveis
(2) Incomunicáveis

i. Decretos Divinos
(1) Problema do pecado
(2) Providência

j. Trindade
(1) Unidade
(2) Pluralidade

k. Deus Pai

l. Deus Filho
(1) Nomes
(2) Prerrogativas
(3) Preexistência
(4) Teofanias
(5) Encarnação
(6) A kenosis
(7) União hipostática
(8) Humanidade
(9) Tentação e impecabilidade
(10) Transfiguração
(11) Ensinamentos
(a) Sermão do Monte
(b) Discurso no Monte das Oliveiras
(c) Discurso no Cenáculo
(12) Milagres
(13) Ressurreição e ascensão
(14) Glorificação

(15) Trabalho de mediação
(16) Segunda Vinda

m. Deus Espírito Santo
(1) Batismo
(2) Enchimento
(3) Morada
(4) Selo
(5) Ministração aos crentes
(6) Dons espirituais
(7) Ministração no Antigo Testamento e no Novo Testamento

2. Antropologia
a. Origem e natureza do homem
b. Estado de inocência
c. Pecado original
d. A Queda
e. Pecado pessoal
f. Punição

3. Soteriologia
a. O Salvador
(1) Ofícios
(2) *Sofrimentos*
(3) Primeiro e segundo Adão
(4) Obra de Cristo

b. Terminologia
(1) Expiação
(2) Depravação
(3) Perdão
(4) Graça
(5) Culpa
(6) Imputação

(7) Justificação
(8) Propiciação
(9) Reconciliação
(10) Redenção, resgate
(11) Regeneração
(12) Sacrifício
(13) Substituição vicária

c. Eleição
(1) Predestinação
(2) Livre-arbítrio do homem
(3) Expiação limitada/ilimitada
(4) Trabalho de convencimento do Espírito
(5) Termos
(a) Chamado
(b) Atração
(c) Presciência
(d) Preordenação
(e) Eleitos

d. Condições da salvação
(1) Antigo Testamento em contraste com o Novo Testamento
(2) Terminologia
(a) Fé
(b) Arrependimento
(c) Confissão
(d) Rendição
(e) Senhorio de Cristo

e. Santificação
(1) Novo nascimento/nova criatura
(2) Herdeiros com Cristo
(3) Posição *versus* prática

(4) Segurança eterna
(5) Glorificação final
f. Graça *versus* Lei
g. Paraíso versus inferno
h. "Tulip" de Calvino

4. Eclesiologia
   a. Cristo e a igreja
   b. Governo da igreja (veja outros assuntos na teologia prática)
5. Escatologia
   a. Alianças
      (1) Abraâmica
      (2) *Mosaica*
      (3) Davídica
      (4) Nova
   b. Setenta semanas de Daniel
   c. Igreja e Israel
   d. Adventos de Cristo
   e. Arrebatamento
   f. Tribulação
   g. Problema de Jacó
   h. O Anticristo
   i. A Besta
   j. Casamento do Cordeiro
   k. Armagedom
   l. O Reino
   m. Ressurreição dos mortos
   n. Tribunal
   o. Grande trono branco do julgamento
   p. Nova Jerusalém
   q. Inferno e paraíso
   r. Cronologia escatológica
   s. Concepções milenistas

6. Angelologia
   a. Classificação de anjos
   b. Anjos e livre arbítrio
   c. Satanás
      (1) Pecado de Satanás
      (2) História
      (3) Caráter
      (4) Método
      (5) Futuro
   d. Anjos caídos
   e. Ministério dos anjos

C. Apologética

O candidato deve ser capaz de fazer uma breve apologética nas seguintes áreas:

1. Historicidade da Bíblia
2. Criação rápida (seis dias)
3. Deidade de Cristo
4. Problema do mal
5. Existência de Deus
6. Ressurreição de Cristo
7. Nascimento virginal

II. Questionário de Conhecimento Bíblico Geral

O candidato deve demonstrar amplo e profundo conhecimento bíblico geral.

A. Geral

1. Ordene os 66 livros
2. Divisões do Antigo Testamento e do Novo Testamento
3. Contribuição de cada livro para o todo
4. História, profecia, poesia
5. Cronologia de Israel (dê datas para as seguintes pessoas ou eventos)

a. Abraão
b. Jacó
c. José
d. Êxodo
e. Juízes
f. Saul, Davi, Salomão
g. Divisão do reino
h. Cativeiro assírio
i. Cativeiro babilônico
(1) fase 1 (Daniel)
(2) fase 2 (Ezequiel)
(3) fase 3 (Jeremias)
j. Retorno sob Zorobabel
k. Profetas maiores e menores
l. Período interbíblico
m. Nascimento de Cristo
n. Morte de Cristo
o. Concílio de Jerusalém
p. Primeira, segunda e terceira viagens missionárias de Paulo
q. Destruição do Templo

6. Data da Criação e do Dilúvio
7. Facções religiosas de Israel (data, teologia, política)
a. Fariseus
b. Saduceus
c. Essênios
d. Zelotes

B. Antigo Testamento

1. Tema geral, data e esboço de cada livro do Antigo Testamento
2. Tema/importância de capítulos chaves do Antigo Testamento
a. Gênesis 1, 2, 3, 4, 6-8, 9, 11, 12, 18—19, 22, 32,37, 49
b. Êxodo 3—4, 7—11, 12, 14, 18, 19, 20, 32, 40

c. Levítico 1—7, 10, 16, 18, 23, 25, 26
d. Números 6, 11, 12, 13, 22-25
e. Deuteronômio 5, 6, 18, 28, 32, 34
f. Josué 1, 2, 6, 7, 9, 13-19, 20
g. Juizes 5, 6—8, 13--6
h. Rute 4
i. 1 Samuel 1—4, 8—10, 13, 15, 16, 17, 18, 24, 25, 28, 31
j. 2 Samuel 5, 6, 7, 11, 12, 13-20, 24
k. 1 Reis 1, 2, 3, 8, 9, 11, 17, 18, 19, 21
l. 2 Reis 2, 4, 5, 6, 17, 18, 22--23, 24—25
m. 1 e 2 Crônicas. Qual é o principal elemento que distingue Reis de Crônicas?
n. Esdras 1, 3, 7-9, 10
o. Neemias 1—2, 3—7
p. Ester 3, 6—7, 9
q. Jó 1—2, 3—37, 38—41, 42
r. Salmos 1, 2, 8, 15, 16, 19, 22, 23, 32, 42, 51, 73, 90, 100, 119, 127, 139, 150
s. Provérbios 3, 31
t. Isaías 6, 13, 24, 36—37, 40—48, 53, 66
u. Jeremias 1, 23, 25, 30, 31-32, 34—44, 52
v. Ezequiel 1, 8-11, 36—37, 38—39, 40—48
w. Daniel 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
x Oséias 1—3, 11—14
y. Jonas 1, 2, 3, 4
z. Ageu 1

3. Significado/importância de passagens chaves do Antigo Testamento
   a. Gênesis 1.24-27, 31; 2.24; 3.15; 6.1-4; 12.1-3; 35.9-12; 50.20
   b. Êxodo 3.13-15; 4.11; 15.26; 19.5-6; 20.1-17; 21.22-24
   c. Levítico 17.11; 19.2; 20.6-8
   d. Números 16.31-35; 21.4-9

e. Deuteronômio 4.2; 6.4-9; 13.1-5; 21.18-21; 22.28-29; 24.1-4; 29.29; 32.39
f. Josué 1.7-9; 10.12-15; 24.14-15
g. Juizes 11.34-40; 17.6 (21.25)
h. Rute 4.18-22
i. 1 Samuel 15.20-23; 16.7
j. 2 Samuel 7.8-16; 12.23; 24.24
k. 1 Reis 13.2
l. 2 Reis 4.18-28; 6.1-7
m. 1 Crônicas 11.2; 17.11-14
n. Esdras 4.3; 10.9-15
o. Neemias 8.4-8
p. Ester 4.14
q. Jó 14.14; 19.25-26; 23.10-12; 26.7; 42.12-13
r. Provérbios 3.5-8; 5.15-23; 6.16-19; 10.18-20; 16.18-19; 19.17; 22.6; 25.21-22; 27.17
s. Eclesiastes 1.2; 12.11-14
t. Cantares 8.6-7
u. Isaías 7.14; 9.6; 11.1-5; 53.4-6; 64.6
v. Jeremias 1.4-10; 29.10
w. Lamentações 3.22-23
x. Ezequiel 36.24-27
y. Daniel 2.44-45; 7.4-13; 9.24-27; 12.1-2
z. Oséias 4.6; 6.6; 11.1
aa. Joel 2.28-32; 3.9-15
bb. Amós 9.8, 13-15
cc. Jonas 2.8-9; 4.2
dd. Miquéias 4.3; 5.2; 6.8
ee. Habacuque 2.4
ff. Sofonias 1.14-8
gg. Ageu 2.20-23
hh. Zacarias 4. 6; 12.10; 14.9-11
ii. Malaquias 1.6-14; 2.15-16; 3.8-10

C. *Novo Testamento*

1. Tema geral, data, e esboço de cada livro do Novo Testamento
2. Tema/importância de capítulos chaves do Novo Testamento
   a. Mateus 4, 5-7, 10, 13, 18, 23, 24-25
   b. João 2, 3, 4, 10, 13, 14, 15, 16, 17
   c. Atos 1, 2, 5, 6, 7, 9, 10, 13-14, 15, 27-28
   d. Romanos (livro inteiro, por capítulo)
   e. 1 Coríntios (livro inteiro, por capítulo)
   f. 2 Coríntios 3, 5, 8-9, 11
   g. Gálatas 2, 5
   h. Efésios (livro inteiro, por capítulo)
   i. Filipenses 2, 3, 4
   j. Colossenses 1, 3, 4
   k. 1 Tessalonicenses 4
   l. 2 Tessalonicenses 2, 3
   m. 1 Timóteo 2, 3, 4, 5
   n. 2 Timóteo 2, 3
   o. Hebreus (livro inteiro, por capítulo)
   p. Apocalipse 1, 2—3, 4—5, 6, 8—9, 11, 12, 17—18, 19, 20, 21—22
3. Significado/importância das passagens chaves do Novo Testamento
   a. Mateus 1.1-17, 23; 2.15; 5.1-11, 17—20, 31-32; 7.24-23; 13 (parábolas); 18.3-5; 28.18-20
   b. Marcos 10.45
   c. Lucas 18.31-33
   d. João 1.1; 3.5; 3.16; 10.30; 20.31
   e. Atos 1.8; 2.38; 4.12; 5.29; 8.15-17; 10.44-46; 16.31; 19.1-7
   f. Romanos 1.18-32; 2.4-10; 3.21-28; 5.1-10; 7.15-25; 8.1-4, 28; 9.6, 19-24; 11.13-32
   g. 1 Coríntios 2.12-16; 3.1-3; 5.1-13; 6.9-11; 7.1-7, 12-16; 11.4-10, 17-34; 12.13; 13.8-12
   h. 2 Coríntios 9.6-5
   i. Gálatas 5.16-6

j. Efésios 1.3-14; 2.1-10; 4.11-16; 5.22-23, 25; 6.10-17
k. Filipenses 2.5-8; 4.12-13, 19
l. Colossenses 1.15; 2.16-17
m. 1 Tessalonicenses 4.3-,13-8; 5.1-3
n. 2 Tessalonicenses 2.1-12
o. 1 Timóteo 2.9-15; 3.1-7, 8-13; 5.9-16, 17-25
p. 2 Timóteo 2.1-9; 3.16; 4.1-6
q. Tito 1.5-9; 2.3-5, 11-13
r. Hebreus 2.17-18; 3.7-19; 4.15; 6.1-8; 9.11-15; 10.26-29; 12.4-11; 13.7,17
s. 1 Pedro 1.23; 2.2, 18-25; 3.7-9, 21; 5.1-3
t. 2 Pedro 1.20-21
u. 1 João 1.5-10; 5.16-17
v. Apocalipse 3.10; 12.1-4; 20.4

D. *Identifique os personagens chaves da Bíblia*

Arão	Barnabé	Isabel
Abede-Nego	Besta	Enoque
Abel	Belsazar	Epafrodito
Abiú	Bildade	Esaú
Abraão	Boaz	Ester
Absalão	Caifás	Eunice
Acã	Caim	Êutico
Adão	Cornélio	Eva
Agripa	Ciro	Ezequiel
Assuero	Daniel	Esdras
Aquitófel	Dario	Falso Profeta
Alexandre	Davi	Félix
Ananias	Débora	Festo
André	Demas	Gabriel
Anás	Demétrio	Gamaliel
Apolo	Eli	Gideão
Áquila	Eliú	Hamã
Artaxerxes	Elias	Ana
Balaão	Elifaz	Herodes
Baraque	Eliseu	Isaque

Isaías
Jacó
Tiago
Tiago (irmão de Jesus)
Jefté
Jeremias
Jeroboão
Jetro
Jezabel
Joabe
Jó
Jonas
Jônatas
João
João Batista
João Marcos
José
Josué
Josué (o sumo sacerdote)
Josias
Lázaro
Léia
Lóide
Lo-Ami
Lo-Ruama
Ló
Lucas
Maria
Maria e Marta
Maria Madalena
Mateus
Matias
Melquisedeque
Mefibosete
Mesaque
Micael
Miriã
Mardoqueu
Moisés
Naamã
Nabal
Nadabe
Natanael
Nabucodonosor
Neemias
Nicodemos
Ninrode
Noé
Onésimo
Onesíforo
Paulo
Pedro
Filemom
Filipe
Pilatos
Priscila
Raquel
Raabe
Rebeca
Roboão
Rode
Rute
Sansão
Samuel
Sambalate
Safira
Sara
Satanás
Saul
Sadraque
Sem
Simei
Silas
Simeão
Simão de Cirene
Simão, o mago
Salomão
Estêvão
Tomé
Terá
Timóteo
Zaqueu
Zacarias
Zípora
Sofar

III. Questionário de Teologia Prática

A. *Geral*

O candidato deve ser capaz de discutir efetivamente, com referências bíblicas, as seguintes áreas.

1. Governo da igreja
   a. Pluralidade de presbíteros
   b. Diáconos
   c. Diaconisas

2. Princípios bíblicos de tomada de decisões
3. Papel da mulher na igreja
4. Prioridades do ministério pastoral
5. Pregação expositiva
    a. Eisegese *versus* exegese
    b. Todo conselho de Deus
6. Hermenêutica Bíblica
7. Disciplina da igreja
8. Ordenanças bíblicas
9. Apresentação de recém-nascidos
10. Desenvolvimento de liderança
11. Conceito bíblico de missões
    a. Local e estrangeira
    b. Processo de envio
    c. Evangelização
    d. Igreja universal *versus* igreja local
12. Administração
    a. Empréstimos
    b. Doações
13. Ações judiciais
14. Base bíblica do casamento e recasamento
15. Base bíblica para divórcio
16. Manifestações de salvação
17. Santificação progressiva
    a. Oração
    b. Métodos/ferramentas de estudo pessoal da Bíblia
    c. Confissão de pecados
    d. Adoração
    e. Comunhão
18. Questões sociais
    a. Aborto
    b. Política
    c. Homossexualismo

19. Responsabilidade da igreja para com viúvas, órfãos e pobres
20. Possessão/opressão demoníaca

B. Situações

O candidato deve ter estudado as seguintes situações e ser capaz de prover conselhos bíblicos apropridados. Na ordenação, não é necessárario limitar as perguntas aos casos apresentados.

1. Responsabilidades do diácono/presbítero
   a. Entre as pessoas que você foi chamado para pastorear há um homem que é muito analítico. Ele quer entender exatamente o que os diáconos devem fazer de acordo com a Bíblia. Quais passagens das Escrituras você usaria para ajudá-lo a discernir sobre o que o ministério dos diáconos deve envolver?
   b. Alguém de outra igreja afirma que a posição de sua igreja é que o pastor é o único presbítero e que ele e seu corpo de diáconos formam o corpo diretor da igreja, mas mesmo suas decisões estão sujeitas à aprovação congregacional. Então ele o desafia a lhe mostrar se há um padrão mais bíblico de direção da igreja. Se você discorda dele, que forma de ordem e governo da igreja você defenderia? Que linha de evidência bíblica você utilizaria para provar sua posição?
   c. Um homem chega para você e diz que gostaria de ser presbítero na igreja. Ele serviu como diácono por alguns anos e agora sente que está pronto para servir como presbítero. Ele lhe pede que diga como ele pode tornar-se presbítero. O que você diria a ele sobre o que um diácono fiel deve fazer e ser para se tornar presbítero?
   d. Discutiu-se se 1 Timóteo 3.11 refere-se a esposas de diáconos ou se abre lugar na igreja para diaconisas. O que você afirmaria como sua posição sobre essa questão e como a defenderia?
   e. Um presbítero de sua igreja tem um filho adulto que recentemente abandonou a esposa e os filhos, unindo-se a uma seita. Esse presbítero serviu fielmente por muitos anos e é irrepreensível aos olhos das pessoas. Você acha que ele ainda é qualificado para servir como um presbítero? Se sim, explique, e se não, dê suas razões bíblicas para considerar por que ele deve renunciar.
   f. Dois líderes de uma igreja recém-formada vêm a você com uma questão que dividiu a liderança. Alguns da liderança acham que uma maioria simples é razoável, enquanto outros acham que as decisões de liderança devem ser feitas por unanimidade. Qual

você acredita ser o padrão bíblico para tomada de decisões, e que tipo de raciocínio bíblico você tomaria para comprovar seu ponto de vista?

g. O pastor e alguns dos líderes de uma igreja governada congregacionalmente vêm a você e dizem que estão convencidos de que a pluralidade de presbíteros é o padrão bíblico para a direção da igreja. Se você discordar deles, mostre o que você acredita ser o argumento bíblico para sua posição. Se você concordar com eles, mostre-lhes uma maneira de mudar a igreja de governo congregacional para um governo presbiteriano com a máxima probabilidade de manter a harmonia da igreja durante o processo.

h. Um presbítero, devido a uma falha de sua parte, maculou sua reputação e deixou de ser "irrepreensível". Como você é seu amigo íntimo, pede-lhe que tome a frente, tratando dele e de sua posição como presbítero. Descreva passo-a-passo como você lidaria com a situação, incluindo a atitude que tomaria se ele rejeitasse o conselho. Que passagens bíblicas você utilizaria para defender sua atitude?

i. Um homem de sua igreja foi sugerido para o cargo de presbítero, e nos cinco anos em que esteve na igreja, ele e sua família têm levado vidas exemplares. Sua vida pessoal nos negócios, e igreja tem sido irrepreensível. Entretanto, você sabe que ele se divorciou no passado.Você conversou com ele e descobriu que era cristão na época do divórcio. Entretanto, sua esposa fôra infiel e se divorciou dele, apesar de ele dizer que desejava perdoá-la e tentar reconstruir o casamento. Na tentativa de determinar como você se posicionaria em sua ordenação como presbítero, o que mais você gostaria de saber sobre ele antes de decidir? Além disso, se outro presbítero disser que 1 Timóteo 3.2 ("marido de uma mulher") o impede de ser presbítero, você aceitaria isso como um motivo válido para rejeitá-lo? Se não, por que não?

2. Liderança da igreja

a. A quais passagens das Escrituras você se referiria para encontrar as características pessoais que Deus considera essenciais para chamar os homens para liderar seu povo? Quais as qualidades chaves que você encontra nessas passagens? Essas qualidades são do tipo que podem ser desenvolvidas na pessoa, ou são parte da natureza inata?

b. Um diácono vem a você e pergunta o que pode dizer e fazer nas seguintes situações; o que você diria para ajudá-lo a preparar-se para cada uma dessas situações possíveis?

(1) Visita a alguém muito doente no hospital.

(2) Alguém cujo cônjuge acaba de falecer.

(3) Alguém cujo filho(a) acaba de morrer acidentalmente.

(4) Alguém que acaba de perder o emprego que teve por trinta anos.

(5) Alguém que acaba de descobrir que ele mesmo (ou seu cônjuge, pai, filho) tem uma doença fatal.

3. Discipulado

a. Um dos rapazes que você pastoreia tem um verdadeiro desejo de crescimento espiritual e ele lhe pede que o discipule. Sob quais circunstâncias você seria capaz de ajudá-lo em sua caminhada cristã? Qual a primeira coisa que você lhe diria que fizesse?

b. Um rapaz que você está pastoreando pergunta se você pode discipulá-lo. Ele, entretanto, não tem certeza do que isso significa e lhe pede que diga como é o processo do discipulado. O que você diria? Aliste pelo menos três elementos que você acha que o discipulado deve incluir.

c. Um grupo de homens de seu rebanho lhe pede que os ensine a discipular outros homens. Esboce ou aliste o que você lhes ensinaria, incluindo filosofia, metas, bibliografia, ferramentas, materiais e métodos.

d. Um homem de seu rebanho lhe diz que está discipulando alguém que está muito ansioso para utilizar os dons espirituais para o bem do corpo. Ele pergunta como ajudar o rapaz a identificar seus dons espirituais. O que você diria sobre dons espirituais em contraste com talentos naturais e como ele poderia ajudar o rapaz a descobrir seus dons e utilizá-los no corpo?

e. Um rapaz que você está pastoreando é ativo no ministério de juventude na igreja, mas parece não estar conseguindo ganhar credibilidade dos jovens, e é inapto para ensiná-los e liderá-los eficientemente. Ele está começando a ficar desanimado e está se perguntando se seus dons espirituais e talentos naturais realmente o capacitam para esse ministério. Como você o ajudaria?

4. Situações de aconselhamento

a. Um dos casais que você vem pastoreando estava esperando ansiosamente o nascimento do primeiro filho. Você recebe um telefonema do novo pai dizendo que a criança nasceu com um sério problema físico. A esposa está em estado semi-histérico. Ele quer que você vá até lá. O que você vai dizer a ele? Como você vai confortá-la?

b. Um homem casado com uma das mulheres de seu rebanho lhe telefona e conta com voz desesperada que a esposa está fazendo as malas, preparando-se para deixá-lo. Ele quer que você vá até sua casa e diga a ela para ficar. Ele admite que tem sido infiel e, às vezes, bebe demais e bate nela. Agora ele percebe o quanto a ama e precisa dela. O que você vai dizer? Como você vai lidar com cada um deles?

c. O médico de um homem de 39 anos que você conhece muito bem telefona para dizer que o homem está em fase terminal de câncer e tem menos de um ano de vida. O médico acabou de contar isso ao homem e ele pediu que o médico lhe telefonasse, chamando-o ao hospital. Ele é casado e tem três filhos entre quatro e 13 anos. O que você vai dizer a ele? O que você vai dizer a sua esposa e filhos?

d. Você recebe um telefonema de uma mãe chorosa e um pai desolado. Você tem pastoreado essa família e eles acabam de descobrir que a filha de 14 anos está usando drogas. Não apenas isso, mas ela se envolveu sexualmente com o namorado e está grávida. Ela diz que ama o rapaz. Eles querem que você vá conversar com os quatro. Como você lidaria com essa situação?

e. Você descobre que uma mulher de sua igreja está em estado de depressão profunda após a morte recente do marido depois de mais de quarenta anos de casamento. Ela perdeu todo o desejo de viver. Não está comendo e parece estar querendo morrer também. Como você lidaria com ela?

f. Você acaba de ser chamado à residência de um casal de seu rebanho cujo filho de sete anos foi atingido por um carro e morreu. O que você vai dizer a eles?

g. Uma mulher estimada na igreja, cujo marido vem há muito sofrendo por causa de uma doença, telefona e diz que seu marido acaba de cometer suicídio. Como você vai consolá-la? O que você diria a ela já que o marido não era crente?

h. Ao passar pelo sanitário masculino tarde da noite, quando todos parecem ter ido embora, você ouve duas vozes familiares. A ansiedade de suas vozes faz você parar e descobrir que um deles está pedindo que o outro continue um relacionamento homossexual. O outro indica pensar que o que têm feito é errado, mas a primeira voz continua a pedir por mais um relacionamento sexual. Nesse momento você percebe que ambos são membros de sua igreja. O que você faria?

i. Um dos homens que você pastoreia está demonstrando ser muito devotado, um líder extraordinário e capaz. Vocês desenvolveram uma amizade muito forte. Ele pede sua ajuda para se decidir acerca de

uma oportunidade de trabalho. Ele tem um bom emprego onde está, mas as oportunidades de progresso são limitadas. Ele recebeu uma oferta de emprego em outro estado, com salário inicial mais baixo, mas excelentes perspectivas de progresso. A família deixou para ele a decisão e ele quer seguir a direção de Deus. Ele está tendo dificuldades para tomar a decisão e veio pedir sua ajuda. O que você vai dizer?

j. Uma moça de seu rebanho tem consultado um psiquiatra por causa de alguns temores estranhos que desenvolveu. Ela acaba de se converter e acredita que Cristo pode lidar com o problema mais adequadamente. Não há razões aparentes para seus temores. Eles parecem atacá-la sem nenhuma ligação com acontecimentos atemorizantes. Como você trataria esse problema usando a Palavra?

k. O filho adolescente de um dos casais que você pastoreia sofre de um desejo compulsivo de roubar. Ele sabe que é errado e mantém o desejo sob controle a maior parte do tempo. Seus pais, frustrados, levaram-no a um psicólogo, que sugeriu vários meses de consultas dispendiosas para o filho cleptomaníaco. Você sente que há outros problemas por trás, além do óbvio pecado do roubo. Como você diagnosticaria esse problema e tentaria ajudá-los a lidar com ele?

l. Um homem vem tremendamente sobrecarregado com a esposa que o importuna constantemente. Ele indica que o único modo de ter paz é conseguir alguma mudança nela. Ele está desesperado querendo que ela mude e deseja sua ajuda. Ele insinua que gostaria que você conversasse com ela sobre isso. O que você diria a ele?

m. Um adolescente de sua congregação chega e abre o coração a respeito de sua falta de autoestima. Ele diz que isso tem sido um problema desde sua infância. Não há situações óbvias de pecados que você possa discernir. Aliás, ele é um dos rapazes exemplares da mocidade da igreja. Ele confessa que há cerca de um mês o problema surgiu outra vez, com alguma intensidade. Como lidaria com esse problema?

n. Uma das mulheres de seu rebanho confessa que vem sendo abusada pelo marido, que não freqüenta a igreja. Ele deixou claro para ela que não quer nada com a religião dela. Pelo que você percebeu, não houve imoralidade sexual, e você não consegue discernir nenhuma base bíblica para o divórcio. O que você aconselharia a ela?

o. "Tenho muito medo de machucar um dos meus filhos". A voz frustrada é de uma mulher que acabou de se agregar ao seu rebanho. Ela confessa que no último mês vem explodindo à mais leve desobediência dos dois filhos pré-escolares. Não que o comportamento deles seja fora do normal, mas as reações dela são

às vezes violentas. Hoje mesmo ela atirou um deles de um lado do quarto para outro, num ataque violento. Desesperada por sua própria violência anormal, ela lhe telefona pedindo ajuda para entender a raiz de seu problema. O que você procuraria na tentativa de ajudá-la?

p. Um pai não consegue entender por que entra em desacordo com o segundo filho, enquanto as excentricidades do filho mais velho não incomodam nem a metade. Ele pede a você que o ajude a entender por que reage dessa forma. O que lhe diria?

q. Um dos jovens que cresceu na igreja está duvidando da salvação. Ele tem se incomodado com isso há quase um ano. Você sabe que ele conhece todos os versículos que lhe dariam segurança. Aliás, você mesmo o discipulou. Como o ajudaria a compreender a razão dessa falta de segurança? Que passagens das Escrituras você utilizaria?

r. Uma mulher de seu rebanho chega muito preocupada com uma decisão que deve tomar. Parece que o filho pediu permissão para levar o carro cheio de outros jovens para um retiro da igreja. Ela vê algum valor nisso, já que serviria para ele ganhar autoconfiança. Mas ainda não tem certeza se é uma decisão sábia. No meio da conversa, você percebe que ela não discutiu o problema com o marido, já que os filhos sempre falam com ela. O que lhe aconselharia?

s. Um casal ativo da igreja tem um menino que é um terror. Eles tentaram de tudo o que se possa imaginar para lidar com ele, mas parece que ele está piorando. Mesmo a disciplina rigorosa geralmente é ineficiente. Na verdade, quase parece que ele gosta disso. Que textos bíblicos você utilizaria para encontrar a causa e a cura para essa situação? Como você os aconselharia?

t. "Estamos tendo problemas de comunicação em nosso casamento" confessa um casal de seu rebanho. Eles tentaram contornar a situação, mas chegaram a um impasse. A maior frustração é que eles nem ao menos sabem por que o problema existe. Aparentemente não há comportamento pecaminoso na vida de nenhum deles. Eles simplesmente perderam a vontade de se comunicar um com o outro. Como você os ajudaria a discernir a raiz do problema e a lidar com ele?

5. Disciplina na igreja

a. Um homem que você está pastoreando vem pedir sua ajuda para lidar com uma situação em que ele deve advertir um irmão na fé. Um amigo acaba de dar o primeiro passo para um estado de pecado, e ele precisa confrontá-lo. Que trechos bíblicos você compartilharia com ele para informá-lo sobre como advertir um irmão em pecado? Lembre-se de incluir todo o processo para

que ele saiba como encaminhá-lo até o fim, independentemente da resposta do amigo.

b. Você recebeu de outros a informação de que um dos homens de seu rebanho tem chegado muito tarde em casa em várias ocasiões, o que é incomum para ele que trabalha por perto e sempre voltou para casa direto do trabalho. Também lhe contaram que notaram seu carro estacionado na frente de um bar na cidade vizinha. Qual a primeira coisa que você faria? Iria confrontá-lo com essa informação?

c. Um homem, membro de seu rebanho, deixou a esposa e a família e está vivendo com outra mulher. Ele rejeitou sua advertência e também a dos dois outros que foram com você na segunda vez. Agora é hora de dizer à igreja. Você quer que ele saiba que vai fazê-lo no próximo culto de comunhão, mas ele tornou-se inacessível a contatos pessoais ou telefonemas. Você sabe onde ele está, por isso escreve uma carta que será enviada como correspondência registrada. O que diria na carta? O que faria se antes do culto de comunhão recebesse uma carta ou telefonema dele desligando-se da igreja? Ao dizer à igreja, se lhe pedirem que declare o que ele fez, o que diria exatamente?

d. Em relação à pergunta anterior, qual seria a obrigação da igreja para com a esposa e a família desse membro desobediente? Que informações deveria conseguir e até que ponto a igreja deveria ajudar financeiramente ou de outra maneira?

e. Foi socilitado que uma mulher da igreja se afastasse da comunhão porque insistia em se divorciar do marido em bases não bíblicas. Apesar dos numerosos esforços do marido, dos amigos e dos presbíteros da igreja, ela se recusou a mudar de idéia e se afastou de todos os que lhe eram próximos. Seis meses mais tarde se apaixonou por outro homem e logo se casou novamente. Dois anos após o segundo casamento ela entra em contato com você numa atitude muito humilde e arrependida. Ela sabe que ofendeu à família, aos amigos, à igreja e ao próprio Deus. Ela está profundamente sentida e diz que quer "fazer a coisa certa" e junto com o novo marido quer se juntar à igreja. O que você lhe diria para fazer? Que orientação bíblica lhe daria? Sob quais circunstâncias você acredita que ela poderia receber permissão para se unir à igreja novamente?

f. Um diácono está lidando com um homem da igreja que caiu num padrão de comportamento pecaminoso. O homem rejeitou a advertência do diácono nas várias ocasiões em que eles falaram em particular. Desta vez, o diácono quer que você vá com ele para ser testemunha de seu confronto. Você não tem conhecimento de

primeira-mão sobre o problema, mas concorda em servir de testemunha para a resposta do homem. O que você fará para preparar seu próprio coração e mente para esse encontro? Que passagens das Escrituras revisaria até chegar a hora? Como oraria por sua própria atitude? Como oraria pelos outros envolvidos nessa situação?

6. Apologética

   a. Um novo vizinho o encontra no jardim e diz que ouviu que você é cristão. Ele pergunta o que significa ser cristão e diz que precisa sair em alguns minutos, portanto, gostaria que você desse uma resposta bem curta. O que incluiria em sua resposta curta?

   b. Uma pessoa nova no emprego é escolhida para trabalhar com você. No segundo dia de trabalho lhe diz: "Ei, eu entendo que você é cristão também. Sou mórmon, e você?" Como responderia? Descreva que estratégia utilizaria, sabendo que estarão trabalhando próximos um do outro.

   c. Uma conhecida que perdeu um bebê lhe pergunta como um Deus de amor pode permitir que bebês inocentes morram ou nasçam deformados, pessoas sofram de doenças incuráveis e outros morram em acidentes, guerras ou pragas. Que tipo de defesa bíblica daria?

   d. Você está visitando uma recém-convertida que acaba de ser colocada sob seu pastorado. Quando fala com ela, o marido não-cristão o desafia com a seguinte pergunta: "Como pode um Deus de justiça condenar pessoas a sofrer eternamente no inferno só porque elas não acreditaram em Cristo? Como ele pode condenar aqueles que não ouviram o Evangelho e nunca ouviram de Jesus?" Como responderia a pergunta dele?

   e. Uma mulher que é nova na igreja e acaba de ser colocada sob seu pastorado diz que se considera uma "feminista cristã". Ela afirma que Paulo estava errado em impedir que as mulheres fossem presbíteras na igreja. Que argumentos bíblicos utilizaria para refutar sua posição?

   f. Se uma pessoa de qualquer um dos seguintes grupos o desafiasse a lhes mostrar as três maiores diferenças entre o que você acredita e o que eles acreditam, quais diferenças principais delinearia?

Testemunhas de Jeová	Cristianismo Liberal
Mormonismo	Carismáticos
Catolicismo	Ocultismo
Ciência Cristã	Misticismo Oriental
Cientologia	Hinduismo
Movimento da Nova Era	Budismo

COLABORADORES DO MASTER SEMINARY

Irvin A. Busenitz, Th.D.
Deão de Administração Acadêmica,
Professor de Antigo Testamento

David C. Duel, Th.M., Ph.D.
Professor Associado de Antigo Testamento

James M. George, Th.M.
Deão Associado de Admissão e Colocação
Professor Assistente de Ministérios Pastorais

John MacArthur, Jr., D.D., Litt.D.
Presidente
Professor de Ministérios Pastorais

Richard L. Mayhue, Th.D.
Vice-Presidente Senior e Deão
Professor de Ministérios Pastorais

Donald G. McDougall, Th.M.
Professor Associado de Novo Testamento

Alex D. Montoya, Th.M.
Professor Associado de Ministérios Pastorais

***S. Lance Quinn*, Th.M.**
Docente Associado - Ministérios Pastorais

James E. Rosscup, Th.D, Ph.D.
Professor de Exposição Bíblica

James F. Stitzinger, Th.M., M.S.L.S., Ph.D. (A.B.D.)
Diretor de Serviços Bibliotecários
Professor Associado de Teologia Histórica

Robert L. Thomas, Th.D.
Professor de Novo Testamento

George J. Zemeck, Th.D.
Docente Associado – Teologia